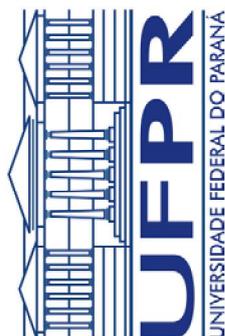


FELIPE SOBZYNSKI GONÇALVES

**ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER DA VILA NOSSA
SENHORA DA LUZ: SUAS FORMAS DE APROPRIAÇÃO NO
TEMPO/ESPAÇO DE LAZER**

Dissertação de Mestrado
defendida como pré-requisito
para a obtenção do título de
Mestre em Educação Física,
no Departamento de
Educação Física, Setor de
Ciências Biológicas da
Universidade Federal do
Paraná.



**CURITIBA
2008**

FELIPE SOBCZYNSKI GONÇALVES

ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER DA VILA
NOSSA SENHORA DA LUZ: SUAS FORMAS DE
APROPRIAÇÃO NO TEMPO/ESPAÇO DE LAZER

Dissertação de Mestrado defendida
como pré-requisito para a obtenção
do título de Mestre em Educação
Física, no Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas da Universidade Federal
do Paraná.

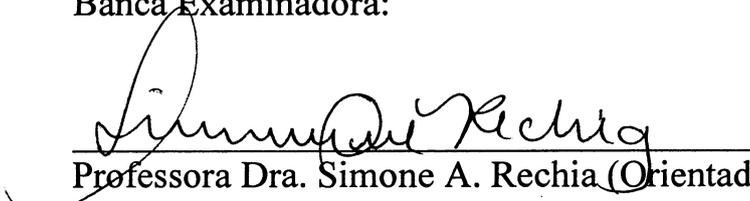
Orientadora: Prof. Dra. Simone Rechia

TERMO DE APROVAÇÃO

FELIPE SOBCZYNSKI GONÇALVES

“Espaços e Equipamentos de Lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: Suas Formas de Apropriação no Tempo/Espaço de Lazer”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:



Professora Dra. Simone A. Rechia (Orientadora)
Departamento de Educação Física / UFPR



Professora Dra. Silvia Cristina Franco do Amaral



Professor Dr. Wanderley Marchi Junior

Curitiba, 14 de Março de 2008

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pois nos momentos de desânimo e dificuldade, a vós recorreis.

À minha namorada Juliana (lindona) pelo amor, paciência e apoio incondicional desde a minha entrada no programa de mestrado até este momento em que se encerra uma parte do processo, pelo tempo dedicado às leituras e pelas contribuições sejam elas em português ou inglês, para que o texto ficasse o mais claro possível. Aos meus familiares pelo apoio e pela força, em especial à minha mãe pela contribuição no processo de transcrição das entrevistas.

À Professora Simone Rechia pela oportunidade de abrir as portas para que eu pudesse enfim entrar no mestrado. Pelas orientações e desorientações realizadas ao longo desses dois anos e principalmente pela confiança despendida.

Aos amigos (Fabiano, Rodrigo, ao grupo do CEPELS, da Rede CEDES, do DEB) pelas contribuições durante todo o processo a partir das discussões teóricas ou sobre o melhor caminho a ser percorrido.

Ao amigo Zé Diniz pela confiança e pelo tempo cedido, mostrando as diferentes praças para que eu pudesse melhor conhecer a Vila Nossa Senhora da Luz e tivesse a confiança das pessoas que mais tarde contribuiriam para a efetivação dessa pesquisa.

Aos Professores Wanderley Marchi Júnior, Humberto Luis de D. Inácio, Fernando Mezzadri (que contribuíram para minha formação desde a graduação), Erivelto Moreira e Silvia C. F. do Amaral, pela participação tanto na qualificação quanto nesta banca de defesa, contribuindo decisivamente com a qualidade deste material.

Aos moradores da Vila Nossa Senhora da Luz, pois sem eles nada do que apresento nesta pesquisa seria possível.

À todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que essa pesquisa fosse efetivada.

Epígrafe

*Pra enxergar o infinito debaixo dos meus pés
Não basta olhar de cima
E buscar no escuro o obscuro
A sombra que me segue todo dia
Deixo quieto e seguro as páginas dos sonhos que não li
E outra vez não me empeço de dormir
Deixo quieto e seguro as páginas dos sonhos que não li
E outra vez não me empeço de dormir
Os jornais não me informam mais
E as imagens não são tão claras
Como a vida
Vou aliviar a dor e não perder
As crianças de vista, crianças de vista*

*Família, um sonho ter uma família
Família, um sonho de todo dia*

*Família é quem você escolhe pra viver
Família é que você escolhe pra você
Não precisa ter conta sanguínea
É preciso ter sempre um pouco mais de sintonia.*

O Rappa

Resumo

A Vila Nossa Senhor da Luz foi o primeiro conjunto habitacional do Estado do Paraná, criado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) em novembro de 1966. Hoje a VNSL localiza-se no Bairro denominado Cidade Industrial de Curitiba e encontra-se completamente integrada a cidade, pois possui escolas, hospital, creche, associações de moradores e o terminal de ônibus do bairro. Essa Vila nos chamou a atenção por apresentar treze praças em oitocentos mil metros quadrados, o que significa uma concentração de espaços e equipamentos de lazer. A partir dessa constatação, emergiu a seguinte problemática: como se dá a apropriação dos espaços e equipamentos supostamente destinados às experiências no âmbito do lazer e do esporte na Vila Nossa Senhora da Luz? As praças apresentam diversas características, dentre elas, a acessibilidade que é permitida a todas as pessoas, além da possibilidade de sociabilidade que há nesses lugares. A dinâmica das relações sociais que se estabelecem nas diferentes praças podem ser influenciadas pela composição dos espaços e seus equipamentos, que podem oportunizar o desenvolvimento da reflexão crítica a respeito do cotidiano. Portanto, tivemos como objetivo central compreender a relação existente entre o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos, a apropriação desses ambientes e as possibilidades de experiências no âmbito do lazer. Já com os objetivos específicos buscamos: compreender o projeto arquitetônico do planejamento da Vila Nossa Senhora da Luz e a sua relação com os espaços destinados às experiências das práticas corporais no tempo/espaço de lazer; observar como se dá a apropriação cotidiana desses ambientes no tempo/espaço de lazer; identificar como se dá à apropriação a partir dos “laços” sociais constituídos e apontar quais são as práticas corporais efetivamente vivenciadas nesse ambiente. Para desenvolvermos nosso estudo optamos pela pesquisa qualitativa, utilizando como estratégia a técnica da triangulação de dados, a qual segundo Minayo “processa-se por meio do diálogo de diferentes métodos, técnicas, fontes e pesquisadores” (2005). Tivemos a oportunidade de perceber relações significativas na forma de apropriação das diferentes praças, a partir das experiências vivenciadas no âmbito do lazer e do esporte que são minuciosamente apresentadas na discussão das categorias equipamentos, tempo, segurança e espaço transformado em lugar.

Abstract

The Vila Nossa Senhora da Luz was the first housing assembly of Paraná, created by Housing National Bank (HNB) in november 1966. Nowadays, VNSL is located at a district named Industrial City of Curitiba and is completely joined to the city, because it has schools, hospitals, crèche, neighborhood associations and bus station. The VNSL attracted our attention for presenting thirteen squares within eight hundred thousand m², which means a concentration of leisure spaces and equipments. From this observation, following questioning showed up: how the appropriation of spaces and equipments which are supposed to be destined to the experiences in the sport and leisure scope in Vila Nossa Senhora da Luz happens? The squares present several characteristics, among them, the accessibility that is allowed to everybody, beyond the possibility of sociability that exist in these places. The dynamic of the social relations that are established in the different squares may be influenced by the spaces and equipments formation, which can provide the development of a critical reflection about the daily basis. Therefore, we have had, as a central objective, to understand the existent relations among the conception and planning process of the spaces and equipments, the appropriation of those environments and the possibilities of experiences in the leisure scope. With the specific objectives, we tried: to understand architectural project of VNSL planning and its relation with the spaces destined to the experiences of physical practices in the leisure time/space; to observe how the daily appropriation of those environments happens in the leisure time/space; to identify how the appropriation from the constituted social ties happens and to point out what are the physical practices effectively experienced in those environments. In order to develop our study, we opted for the qualitative research, using as a strategy the data triangulation technique, that, according to Minayo, “it is processed by the dialogue of different methods, techniques, sources and researchers” (2005). We had the opportunity of realizing the significant relations in the form of appropriation in different squares, from the experiences in the leisure and sport scope, which are thoroughly presented in the discussion of the categories equipments, time, security and space transformed into place.

Lista de Siglas

AMOLP – Associação dos Moradores da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais

APUC – Associação dos Professores Usuários e Colaboradores do Farol

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

CSU – Centro Social Urbano

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

MAPP – Departamento de Parques e Praças.

SMEL – Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

SMMA – Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

VNSL – Vila Nossa Senhora da Luz

SUMÁRIO

RESUMO	<i>iv</i>
ABSTRACT	<i>v</i>
LISTA DE SIGLAS	<i>vi</i>
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – VILA NOSSA SENHORA DA LUZ: DO PROJETO À CONCRETIZAÇÃO	10
Revolução em Urbanismo ou Planejamento da Miséria?.....	17
E hoje como se caracteriza a Vila Nossa Senhora da Luz com suas treze praças?.....	23
CAPÍTULO II – O LAZER E O ENIGMA DO LABIRINTO	35
As concepções de tempo que influenciam o lazer.....	37
A categoria espaço e sua centralidade nas discussões a respeito do lazer.....	43
Os diferentes “fios de Ariadne” no debate sobre o lazer.....	48
CAPÍTULO III – PARA ENXERGAR O INFINITO DEBAIXO DE NOSSOS PÉS NÃO BASTA OLHAR DE CIMA	59
O caminho percorrido.....	60
Procurando enxergar a realidade concreta: as observações realizadas nas praças da Vila Nossa Senhora da Luz.....	63
O espaço transformado em lugar: as possibilidades de sociabilidade nas praças da VNSL.....	79
Equipamentos: a hora e a vez das calçaclovias, playgrounds e canchas.....	82
Calçaclovias.....	82
Playgrounds.....	84
As canchas de vôlei e futebol de areia.....	86
Tempo: quais suas implicações para o lazer?.....	89
Segurança: basta ter olhos atentos?.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU UM NOVO COMEÇO?	98
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

“... nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

(Minayo)

O presente estudo tem como objeto de reflexão as praças da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), mais especificamente da Vila Nossa Senhora da Luz (VNSL), que se constituem como espaços de sociabilidades e como possíveis locais de vivências significativas no âmbito do lazer e do esporte. As praças são espaços públicos livres que segundo Rechia (2003) servem para interromper um conjunto de edificações e normalmente se localizam na confluência de ruas.

Nessa perspectiva, nosso objeto de pesquisa é a VNSL um local situado no início de seu projeto, em 1966, no bairro chamado Barigüi do Portão. No entanto, como todo centro urbano busca industrializar-se, e Curitiba não fugiu a regra, era preciso antes de qualquer coisa encontrar um local adequado para instalar suas indústrias. A primeira empresa a ter sua sede no bairro que viria a ser chamado de Cidade Industrial foi a Siemens que está localizada ao lado do conjunto habitacional Vila Nossa Senhora da Luz.

Após a definição do local em que as indústrias de Curitiba viriam a se instalar, o antigo bairro, em que a VNSL se localiza, conhecido como Barigüi do Portão passou a ser chamado de Cidade Industrial.

No entanto, precisamos compreender que a criação da CIC, foi uma dura batalha. Como nos referimos, a cidade precisava se industrializar, mas não queria criar guetos. Era preciso respeitar o meio ambiente e fazer não um distrito industrial, mas sim uma cidade, com funções e serviços integrados. A CIC é o maior bairro de Curitiba. Ela corresponde ao distrito industrial da cidade e foi concebida como o motor do desenvolvimento industrial do Município e como uma área urbana provida de todos os serviços necessários. Criada em 1973, como resultado de convênio entre a URBS e o Governo do Estado do Paraná, a CIC tem crescido muito nos 34 anos de existência, não só nas áreas destinadas à localização de indústrias, mas principalmente nas zonas de habitação. Quando foi implantada, a CIC ficava distante do centro da cidade, mas nos

dias atuais, com a modernização do transporte coletivo, está muito bem dotada por este sistema, possuindo um terminal e várias linhas de ônibus (MENDONÇA, 1998).

É a partir de 1970 que a CIC passa a ser pensada, ou seja, num período em que Curitiba desfrutou da mais profunda transformação física, econômica-social e cultural.

Ao pensarmos no planejamento de um bairro, de uma cidade, Certeau nos traz a seguinte contribuição “a aliança da cidade e do conceito jamais os identifica mas joga com sua progressiva simbiose: planejar a cidade é ao mesmo tempo *pensar a própria pluralidade* do real e *dar efetividade* a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (1994, p.172) (grifos do autor).

A efetiva realização do planejamento de um parque industrial em Curitiba, levando-se em consideração as transformações econômicas, são levantadas por Rechia quando,

em 1974, o projeto da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) iniciou uma nova fase desse município, promovendo a atração de investimentos na área industrial e priorizando a instalação de indústrias não poluentes. A grande preocupação dos urbanistas, ao implantar a CIC, foi a de evitar a criação de um distrito segregado, mas sim de uma área integrada aos eixos estruturais e, portanto, a totalidade da cidade. (2003, p.24).

Como observamos, a CIC, foi uma concretização das transformações econômicas. Neste sentido, junto com as instalações das indústrias, já havia um aglomerado urbano chamado Vila Nossa Senhora da Luz, mas concomitantemente temos o surgimento de outros aglomerados, pois os trabalhadores passam a residir próximo aos locais de trabalho.

Com o aumento considerável da população, observa-se também um aumento na construção de equipamentos de lazer e esporte como canchas de futebol, canchas de vôlei, *playground*¹, praças, entre outros destinados à prática do lazer dos trabalhadores.

Podemos fazer um paralelo entre a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), bairro em que se localiza a Vila Nossa Senhora da Luz e o distrito de North End (Boston) citado por Jacobs (2003). Em seu texto a autora apresenta o local como uma área tradicional, de baixa renda, que se mistura com a indústria pesada, possui todos os tipos de atividades de trabalho e comércio complexamente misturado com as residências, além de ter a maior densidade habitacional de Boston. Têm poucas áreas verdes, as crianças brincam nas ruas. Em lugar de superquadras, ou mesmo de quadra

¹ Optamos em manter a palavra da língua inglesa *playground* para designar os espaços direcionados às crianças, por não termos encontrado na literatura existente um termo adequado para tal.

suficientemente longas, possui quadras curtas, chamada pelos urbanistas, de região “maltraçada, com ruas em excesso”. A CIC apresenta as mesmas características do distrito citado por Jacobs, no entanto, quando nos referimos a Vila que, hoje, pertence à Cidade Industrial a situação é um pouco diferente, pois, podemos dizer que, mesmo com os problemas, existe vida com crianças brincando nas ruas ou praças, gente passeando, conversando, procurando fazer desse espaço um lugar singular.

O interesse por estudar as relações que se estabelecem nesse universo, mais especificamente as praças, da VNSL emerge a partir de um projeto que tinha como intuito auxiliar na articulação política da comunidade da Cidade Industrial. No momento em que se realiza uma “visita” à CIC, com a intenção de conhecer aquela realidade para melhor compreendê-la, passamos pela Vila Nossa Senhora da Luz e observamos a existência de uma concentração de praças com equipamentos, tais como: *playgrounds*, canchas de futebol e canchas de vôlei. Ao realizarmos essa constatação, algumas questões passaram a nos inquietar: será que esses espaços e equipamentos foram construídos, pensados para aliviar as tensões dos trabalhadores que moram próximo a região das empresas? Será que a relação entre lazer e trabalho tem alguma influência nas decisões para a construção desses equipamentos? Foi a partir da luta política da comunidade que eles foram construídos?

Essas inquietações se devem principalmente pela formação que tivemos desde nossa graduação, participando de projetos preocupados em compreender os movimentos sociais, seja o MDF (Movimento em Defesa dos Favelados) ou o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), além de nossa participação em espaços de formação política como o Espaço Marx². É nesse momento que podemos dizer que temos uma vinculação orgânica³ (ORTIZ, 2002) com nosso objeto de pesquisa e que não se trata de um estudo idealizado por outras pessoas.

O que favoreceu a escolha desse objeto, também, foi a experiência como professor substituto no Departamento de Educação Física da UFPR nas disciplinas:

² O Espaço Marx é um espaço de formação política aberto à comunidade. Trata-se de grupo de estudos que procura compreender a obra original O Capital de Karl Marx (1818-1883). Os encontros ocorrem quinzenalmente na Reitoria, prédio Dom Pedro I na Universidade Federal do Paraná.

³ De acordo com Ortiz, a realização do Ofício Intelectual, de um trabalho artesanal, de lapidação do objeto, deve procurar romper com as fronteiras do fazer intelectual, utilizando-se de conhecimentos e habilidades, na tentativa de “costurar as idéias”, para compreender o processo em sua totalidade, transcendendo o senso comum. A partir desse processo, conforme Marchi Júnior necessitamos nos ver naquilo que queremos estudar e pesquisar.

Atuação Profissional no Lazer, Sociologia e Educação Física e Sociologia do Esporte, nas quais tivemos a oportunidade de aprofundar os estudos tanto no campo do lazer como das ciências sociais fazendo a articulação com a Educação Física.

A relevância de nosso trabalho passa pelo caráter social que a pesquisa procura apresentar, isso quer dizer que a preocupação com as questões referentes ao esporte e ao lazer – que nesse momento é nosso foco – são fundamentais em qualquer realidade social. Por ser o Lazer um direito constitucional, presente no artigo 6º, Título II, Capítulo II, da Constituição de 1988, justifica-se intentar desenvolver um trabalho para compreender como a população de uma determinada vila, em um determinado bairro, vem usufruindo desse direito.

Muitos são os autores que se preocupam em entender as políticas públicas para o lazer, entendendo-o como um direito, dentre eles temos Marcellino (1998), Bramante (1998), Mascarenhas (2005), mas poucos estudaram a realidade de Curitiba, entre elas Rechia (2003) e Garcia (1997). Nesse sentido, observamos uma lacuna em estudos relacionados à apropriação dos espaços e equipamentos de esporte e lazer pelos curitibanos. Dessa forma, acreditamos que nosso estudo possa contribuir para novos estudos na área, somando-se a possibilidade de se gerar uma teoria aplicável a outras pesquisas, mediante a transferibilidade deste caso “exemplar”, oferecendo subsídios coerentes e viáveis para se “experimentar” os mesmos resultados no entendimento de outras realidades – levadas em conta às particularidades de cada caso. O propósito desta pesquisa é descrever um relevante caso particular. A generalização cabe às pessoas que de uma forma ou de outra buscarão se apropriar das discussões. Nessa perspectiva, Santos (1997), relata que “a teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam” (p. 58).

Assim, entender o espaço como categoria analítica torna-se um instrumento interpretativo de fundamental importância para a compreensão da realidade e para o avanço no processo do conhecimento científico.

Dessa forma, com uma nova perspectiva de compreensão do espaço social em conexão com a observação empírica de que em todos os quarteirões do bairro existe uma praça, emerge a seguinte problemática: **Como se dá a apropriação dos espaços e equipamentos supostamente destinados às experiências no âmbito do lazer e do**

esporte na Vila Nossa Senhora da Luz?

Para respondermos a essa problemática, nosso estudo caminha na direção dada pelos seguintes objetivos específicos: compreender o projeto arquitetônico do planejamento da Vila Nossa Senhora da Luz e a sua relação com os espaços destinados às experiências das práticas corporais no tempo/espaço de lazer; observar como se dá a apropriação cotidiana desses ambientes no tempo/espaço de lazer; identificar como se dá à apropriação a partir dos “laços” sociais constituídos e apontar quais são as práticas corporais efetivamente vivenciadas nesse ambiente.

Assim, a investigação que propomos caminha para um estudo de múltiplas interseções, tendo como objetivo geral *compreender a relação existente entre o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos, a apropriação desses ambientes e as possibilidades de experiências no âmbito do lazer.*

Por se tratar de uma pesquisa de cunho social⁴, que busca observar como ocorre a apropriação dos espaços e equipamentos de lazer e esporte pela comunidade da Vila Nossa Senhora da Luz, buscaremos descrever e interpretar os diferentes fenômenos na tentativa de compartilhar, posteriormente, significados com os outros (sejam eles pesquisadores ou a comunidade estudada).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza como estratégia a técnica da triangulação de dados que “tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 138). Nessa perspectiva de pesquisa, busca-se associar conceitos e noções complementares e concorrentes, procurando entender seus diferentes níveis de desenvolvimento teórico e prático no interior das áreas disciplinares. “Dentre as antinomias relevantes, se encontram as relações entre o universal e o particular; entre o global e o local; entre o micro e o macro; entre o coletivo e o individual; entre o todo e as partes; entre a análise e a síntese; entre as relações cêntricas, acêntricas e policêntricas” (MINAYO, 2005, p. 34).

Trata-se de uma abordagem qualitativa que segundo a autora, atua levando em consideração a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais e o seu significado, além da intencionalidade que lhe atribuem os sujeitos.

⁴ “Isso implica considerar sujeito de estudo: *gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados.* Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 2000, p.22).

Em uma investigação avaliativa por métodos qualitativos trabalha-se com atitudes, crenças, comportamentos e ações, procurando-se entender a forma como as pessoas interpretam e conferem sentido a suas experiências e ao mundo em que vivem. [...] Neste tipo de investigação acredita-se que exista uma relação dinâmica e inseparável entre o mundo real e a subjetividade dos participantes (p.82)

Essa forma de pesquisa possibilita que o pesquisador se depare com o inesperado, nesse sentido, uma das principais características da pesquisa qualitativa ou interpretativa é que o pesquisador não deve prever resultados. Ele deve ir a campo o mais aberto possível para diferentes possibilidades, buscando o que se revela importante para a realidade, ou seja, os seres humanos envolvidos. É justamente esse fato - a busca do que é significativo para a realidade/seres humanos participantes, e não o que é importante para o pesquisador ou para as teorias que orientam o seu trabalho - que faz da pesquisa interpretativa um espaço de riqueza inigualável para a área de ciências humanas e sociais.

Os recursos metodológicos selecionados se inspiram na estratégia da triangulação dos dados, a qual segundo Minayo “processa-se por meio do diálogo de diferentes métodos, técnicas, fontes e pesquisadores” (2005, p. 199). Tal estratégia estabelece relações originadas pela estrutura sócio-econômica e cultural, busca averiguar as percepções dos sujeitos, por meio de entrevistas, observações, análise de documentos, diário de campo e assim por diante. Portanto, trabalha com diferentes fontes auxiliares triangulando dados buscando garantir a qualidade dos resultados da pesquisa. No entanto, não são as técnicas e os processos descritos que definem o empreendimento de qualidade de uma pesquisa. O que define é o esforço intelectual que ele representa.

O presente estudo buscou realizar metodologicamente um mapeamento – através de fontes bibliográficas (livros, artigos, documentos, mapas) – sobre os estudos e os projetos referentes aos espaços e equipamentos destinados ao esporte e ao lazer na Vila Nossa Senhora da Luz para compreendê-la em sua totalidade. Tal tarefa contribui decisivamente para a constituição do nosso terceiro capítulo.

Após delimitarmos o local da pesquisa, nosso intuito foi observar⁵ como ocorre a apropriação cotidiana dos espaços e equipamentos no tempo/espaço de lazer daqueles

⁵ Inicialmente nossas observações se caracterizaram como sistemáticas, pois os comportamentos a serem observados, bem como as formas de registro, foram estabelecidos previamente. De acordo com Mazzoti & Gewandsznajder essa técnica geralmente “são usadas quando o pesquisador trabalha com um

moradores. Em um primeiro momento, não nos apresentamos à comunidade, tínhamos somente como instrumento um diário de campo, pois a intenção era saber quem se apropriava, quando e como.

Num segundo momento, realizamos entrevistas semi-estruturadas⁶ tanto com gestores, como com usuários (Apêndice-1). As entrevistas contribuíram para estabelecermos uma interlocução entre a discussão teórica e o campo empírico.

A partir desse processo, procuramos desenvolver a triangulação dos dados, ou seja, coletamos dados dessas diferentes fontes e métodos para investigar um mesmo ponto para depois realizarmos a comparação dos dados entre si.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, nos preocupamos com a “qualidade” dos dados coletados e com as análises desenvolvidas para determinarmos a validade do estudo. Nesta forma de pesquisa não visamos generalizações, mas sim descrições ricas e detalhadas da realidade. Dessa forma, não há uma preocupação tão evidente quanto ao número de sujeitos envolvidos, no entanto, deve existir uma preocupação com o grau de profundidade das informações oferecidas que dêem conta do problema de pesquisa. Assim, “é uma norma prática das abordagens qualitativas, considerar que o material construído no campo está suficiente quando se percebe que as idéias a cerca das questões da pesquisa começam a se repetir” (MINAYO, 2005, p. 189)

Em pesquisa qualitativa, embora se estabeleça o número inicial de seres humanos, na medida em que o trabalho é desenvolvido, novos participantes podem – às vezes devem – ser incluídos no estudo para que se consiga responder, com propriedade, o problema de pesquisa. De acordo com a mesma autora, as informações coletadas “não são geradas a partir de técnicas de amostragem com representatividade numérica, deve-se avaliar se eles conseguem refletir as múltiplas dimensões da realidade estudada” (ibid).

Buscando garantir a validade do material coletado, transcrevemos as entrevistas *verbatim*, preservando os possíveis sentidos e as idéias apresentadas pelo entrevistado. Eles tiveram acesso ao conteúdo para que pudessem corrigir possíveis erros ou

quadro teórico *a priori* que lhe permite propor questões mais precisas, bem como identificar categorias de observação relevantes para respondê-las” (1999 p. 164). Não obstante, mesmo utilizando instrumentos auxiliares de observação como um roteiro, tivemos a preocupação em combinar com observações mais livres, nas quais os comportamentos observados eram relatados da forma como ocorriam, visando descrever e compreender o que estava acontecendo em determinadas situações.

⁶ Optamos em nossa pesquisa pela entrevista semi-estruturada, “que se desenrola a partir de um esquema básico de perguntas fechadas e abertas, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistado faça as necessárias adaptações” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34) (grifos nosso).

interpretações equivocadas de suas falas. Os participantes foram esclarecidos sobre o entendimento da importância do estudo, bem como sua participação no mesmo, sob condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice-2), fornecido a todos. Também foi viabilizada, pela assinatura desse documento, a autorização para entrevistar, filmar, fotografar e publicar os dados – em forma de trabalhos acadêmicos. Aos participantes, foi garantido o princípio do anonimato, caso os mesmos optassem por tal.

Por acreditarmos na pesquisa de cunho qualitativo, levamos em consideração o que diz Minayo, “[...] os seres humanos não são apenas *objeto* de investigação, mas pessoas com as quais agimos em comum: são *sujeitos* em relação” (2000, p.68). Assim, entendemos que tanto pesquisador quanto participante (indivíduos ou grupos) são dialeticamente autores e frutos de seu tempo histórico. Queremos dizer com isso que as pessoas que participaram da pesquisa não poderiam ser consideradas meramente objetos, pois tiveram um papel fundamental no processo. Dessa forma nós como pesquisadores temos o dever de retornar as pesquisas a esses sujeitos em relação.

Para efetivarmos a construção de uma estrutura coerente e articulada para a elaboração deste texto, procuramos desenvolver as reflexões, argumentos, relatos, exemplos, conceitos, considerações, perguntas, obedecendo a uma lógica interna na tentativa de articular a totalidade dos três capítulos com nossas considerações.

No primeiro capítulo “Vila Nossa Senhora da Luz: do projeto à concretização” procuramos apresentar nosso objeto de pesquisa, trazendo para as reflexões quais eram os interesses políticos e sociais em construir o primeiro conjunto habitacional do Estado do Paraná. Procuramos discutir o processo de planejamento e execução da VNSL, como foram pensados os espaços e equipamentos de lazer e esporte para aquela comunidade e como eles se caracterizam atualmente.

Após apresentarmos a VNSL, nos preocupamos no segundo capítulo, “O lazer e o enigma do labirinto”, em discutir a categoria tempo e a categoria espaço como constituintes fundamentais à compreensão do lazer como fenômeno moderno. Na seqüência procuramos realizar uma analogia das discussões a respeito do lazer no Brasil com o Labirinto do Minotauro, mostrando que existem diferentes “fios de *Ariadne*” no debate sobre o lazer e, se não confiarmos em um e agarrarmos vários, poderemos nos perder no labirinto.

No terceiro capítulo “Para enxergar o infinito de baixo de nossos pés não basta

olhar de cima” nossa preocupação central foi apresentar o caminho que percorremos, realizando análise de documentos, discutindo as observações efetuadas na VNSL, por aproximadamente um ano, conjuntamente com as entrevistas e com o diário de campo, procurando concretizar dessa forma, a triangulação dos dados, estratégia metodológica adotada por nós para a análise do material.

Encerrando, neste momento as reflexões, nos esforçamos em realizar uma síntese final do texto dedicado ao que chamamos por “Conclusões ou um novo começo?”. Tivemos a preocupação de colocar nossa avaliação sobre os avanços e limites que encontramos nas formas de apropriação dos diferentes espaços e equipamentos que constituem as treze praças da VNSL. Acreditamos que tais reflexões nos mostram que concluímos uma etapa de nossa longa caminhada, mas que está longe de ser considerada como encerrada.

CAPÍTULO I

VILA NOSSA SENHORA DA LUZ: DO PROJETO À CONCRETIZAÇÃO



Fonte: Acervo particular Alfred Willer, Vila Nossa Senhora da Luz, 1966.

Esse capítulo tem como propósito apresentar o Conjunto Habitacional Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (VNSL). Para tanto, procuramos situar historicamente o processo de planejamento e execução de tal projeto, com o intuito de compreendermos como a VNSL se caracteriza hodiernamente.

Antes de adentrarmos na VNSL especificamente, precisamos entender a problemática habitacional que aflige as grandes cidades brasileiras. No entendimento de Blay (1979), o problema da habitação decorre de um complexo conjunto de fatores sociais, econômicos e políticos. Devido a essa complexidade, a questão habitacional não pode ser tratada como problema genérico, pois sofre diversas modificações de acordo com o período histórico considerado.

Para a autora existiram pelo menos quatro momentos históricos significativos para a habitação popular no Brasil:

No período escravocrata, a solução habitacional foi a senzala; na primeira etapa da industrialização, foi a construção de vilas operárias, em seguida instala-se um processo espontâneo de expansão urbana e, atualmente, a proposta é a construção de habitação em massa na forma de conjuntos habitacionais financiados pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) (BLAY, 1979, p. 77).

Em nossa pesquisa, faremos a opção pela compreensão das políticas desenvolvidas pelo BNH a que se refere à autora. O que não significa desconsiderar a importância de entendimento do processo habitacional em sua totalidade.

Nessa perspectiva, Martins (2001) ressalta que no início do século passado as vilas operárias caracterizavam-se como componentes fundamentais no processo de industrialização e urbanização do país. Em sua concepção

é a partir dos anos 60 que nas grandes cidades brasileiras, nas quais a existência de uma questão urbana manifestava-se de modo flagrante pela questão habitacional, que a produção de grandes conjuntos habitacionais pelo Estado constituiu-se historicamente como uma das formas privilegiadas de sua atuação na realidade urbana em curso de transformação (p. 165).

Nesta direção, em 1964, foi criado pelo governo federal o Banco Nacional de Habitação – BNH, iniciando o processo de produção de moradias para as famílias de baixa renda. Procurou-se, dessa maneira, institucionalizar a solução para o problema da habitação. Na compreensão de Blay (1979) “esta solução se faz inteiramente dentro do sistema econômico em vigor: pretende-se ampliar a faixa de proprietários particulares de habitações” (p. 85). Assim, para que fosse possível o financiamento da

construção dessas moradias, o BNH instituiu o Fundo de Garantia Por Tempo de Serviço (FGTS), o que significava a mobilização de um bem comum a todos para a construção e venda de casas a particulares.

Essa ação desenvolvida pelo BNH dificultou a aquisição da casa própria por parte das famílias carentes. Tal problemática atingiu também as famílias que procuravam a VNSL como habitat⁷. De acordo com o engenheiro e arquiteto Alfred Willer⁸:

quando esta Vila Nossa Senhora da Luz foi construída, era para atender os moradores das favelas de Curitiba, então foi calculado que havia 2.100 moradores nas favelas e daí, então, foi planejado um conjunto que pudesse abrigar todos os moradores das favelas, só que o problema era você vender uma casa, porque as casas eram vendidas a suaves prestações, o que equivale hoje a 20, 30 reais por mês, muito barato. Mesmo assim, apenas 20% da população das favelas puderam preencher os requisitos para ganhar uma casa, porque eles não tinham emprego fixo, viviam de bico, não tinha carteira assinada. Então, nessas condições, o Banco Nacional de Habitação, que era avalista não aceitava como garantia o retorno do dinheiro da família nestas condições. Então, só uma parte das casas foi ocupada por moradores das favelas. Portanto, o plano que era acabar com as favelas de Curitiba, não deu certo. Foi tirada do meio de uma favela a elite de uma favela que tinha a sorte de ter um emprego fixo, e o resto ficou lá. É a mesma coisa que não fazer nada, porque, a casa que esvaziou foi imediatamente ocupada por outro, outra família. Então, a favela não diminui nada, pelo contrário, foi crescendo mais. Neste sentido o plano não funcionou, mas funcionou pra atender uma demanda de falta de moradia não só da camada especial de favelados, mas da camada de pessoas de baixa renda. [...] O critério financeiro era que sua renda familiar fosse inferior a cinco salários mínimos. Cinco salários mínimos já davam condições de pagar 20 ou 30 reais por mês sem prejudicar muito o orçamento familiar.

Essa estratégia, de vincular a compra da casa própria ao FGTS, foi “conveniente” por diversos fatores segundo Blay (1979): “conserva o sistema da propriedade privada; aparentemente torna-se concretizável a utopia de que todos poderão ter sua casa própria; não toca nos problemas fundamentais que geram o desequilíbrio econômico” (p.85).

Compreendemos, até o momento, a política habitacional desenvolvida pelo BNH que influenciou diretamente o projeto e a execução do Conjunto Habitacional Vila Nossa Senhora da Luz.

Esse Conjunto Habitacional foi entregue em 1966 e caracterizava-se como um

⁷ De acordo com o Lefebvre (2004) o habitat se refere ao espaço global homogêneo, ou seja, a função que determinado espaço apresenta.

⁸ Entrevista realizada com o diretor técnico e arquiteto da primeira gestão da COHAB-CT, Alfred Willer, no dia 19 de Junho de 2007.

aglomerado de casas produzidas em Curitiba com destinação exclusiva para famílias de baixa renda. Dessa data até o final da década de 70 os conjuntos habitacionais produzidos caracterizavam-se por sua dissociação da malha urbana com grande número de unidades de um mesmo padrão e se situavam distante do centro da cidade e, conseqüentemente, do emprego.

Reforçando essa idéia Jacobs (2003), ao se referir à maior parte dos conjuntos habitacionais de baixa renda, enfatiza “[...] que se tornaram núcleos de delinqüência, vandalismo e desesperança social generalizada [...] são verdadeiros monumentos à monotonia e à padronização, fechados a qualquer tipo de exuberância ou vivacidade da vida urbana” (p. 2).

A VNSL foi um projeto pioneiro no Estado do Paraná, sendo o primeiro Conjunto Habitacional construído pela COHAB de Curitiba. Esse é um fato relevante de ser comentado, pois os moradores da VNSL relatam com orgulho que foi o primeiro do Brasil. No entanto, segundo depoimento de Alfred Willer:

o primeiro conjunto foi a Vila Kennedy que é de 1963, antes mesmo do regime militar. Foi na gestão do governador Carlos Lacerda que ele conseguiu um financiamento para um certo número de casa e usou a entidade beneficente chamada Fundação Leão XIII, que executou este conjunto, não existia Cohab ainda. Quando surgiu a primeira Cohab, que foi no Rio, logo depois do golpe militar de 1964, ela assumiu esse patrimônio da Vila Kennedy e começou a administrar e fazer outros conjuntos baseados na excelência da Vila Kennedy.

Assim, nos arriscamos a dizer que, a Vila Nossa Senhora da Luz foi um dos primeiros conjuntos habitacionais do Brasil, tendo sua inauguração no dia 13 de novembro de 1966, quando o então presidente da República Humberto Alencar Castelo Branco fez uma visita relâmpago a capital paranaense para dar início à concretização a um dos programas propostos pelo golpe militar de 1964, o de desfavelamento.

Esse conjunto habitacional foi considerado uma “Revolução em Urbanismo” pelos então diretores da COHAB-CT, engenheiro Jefferson Weigert Wanderlei, engenheiro e arquiteto Alfred Willer e coronel Jackson Pitombo. Foi uma tentativa para efetivar o projeto, de desfavelamento, conhecido como Operação Mudança (BOLETIM..., 2006), referido pelo então prefeito Ivo Arzua Pereira para a cidade de Curitiba, mas que não se concretizou segundo o próprio engenheiro e arquiteto Alfred Willer.

O conjunto como um todo levou aproximadamente um ano e meio para ser construído e na época era composto por 2.115 habitações financiadas pelo BNH e pelo USAID⁹-Brasil. Havia dois modelos de casas segundo Broli¹⁰ (1979): o primeiro CT-1-21 que possuía um quarto, sala, cozinha e banheiro, totalizando 21m² (Figura-1) e o segundo dotado de sótão, no estilo chalé, cinco quartos, sala, banheiro e cozinha, perfazendo um total de 50m² de construção (Figura-2), dispostas sobre terrenos de 10m X 20m.



Figura-1 – modelo CT-1-21, 1966. Fonte: Acervo particular Alfred Willer.



Figura-2 – modelo CT-5-25, 1966. Fonte: Acervo particular Alfred Willer

⁹ A United States Agency for Interational Development, agência do governo norte americano criada em 3 de novembro de 1961 pelo presidente John Kennedy tendo como propósito a assistência internacional de longo prazo e unificando a administração de recursos para medidas assistenciais a países em desenvolvimento que, anteriormente, estavam fragmentas em muitas agências. (Boletim..., 2006, p.10).

¹⁰ Dissertação de Mestrado que busca discutir a cultura proletária e a consciência de classe na Vila Nossa Senhora da Luz.

Esses modelos de casas construídos na Vila Nossa Senhora da Luz foram pensados numa estrutura diferenciada da Vila Kennedy no Rio de Janeiro segundo Willer:

nós achamos que, primeiro as casas não poderiam ser todas iguais porque era muito monótono e que as casas precisavam ser diferentes para nosso clima, porque o Rio não tem o frio que tem em Curitiba. Então, teria que ser uma casa com forro no telhado, enquanto que as casas da Vila Kennedy não tinham forro, e assim por diante. Essas casas, tanto as nossas como as deles, são chamados tipo embrião, uma casa que tem o mínimo necessário para uma família se instalar. Então, tinha a cozinha e banheiro que era a parte mais cara, mais sofisticada, era fornecida pronta, e o resto tinha quarto e sala. [...] Mas, porque casa embrião? Porque ela servia de um elemento inicial para um crescimento simétrico futuro da casa, então tinham terrenos com tamanho suficiente, tinha lotes com tamanho suficiente para a casa crescer. Então, a idéia era: o morador se instalava lá, ganhava o embrião, que era a parte mais complexa da casa, e ele, com seus próprios recursos, a ampliava, puxava mais um quarto, puxava uma área de serviço, aumentava a sala e assim por diante.

Além da estrutura diferenciada das casas, tipo embrião, havia a intenção de concretizar o projeto do conjunto habitacional a partir das unidades de vizinhança. Segundo Willer, cada unidade tem uma praça fixa e para chegar até ela tinha uma única rua (que passavam carros), as outras “ruas” – de grama – eram chamadas de ruas de pedestre, responsáveis por ligar uma unidade de vizinhança à outra. Essa forma de conceber o conjunto segundo o arquiteto era

pra dar ao morador uma identidade geográfica, digamos assim, para ele se situar dentro de uma vila de duas mil casas, sem ficar excessivamente no anonimato, foi com essa intenção que a gente criou esses pequenos bairros chamados unidades de vizinhança. Então, tem 12 bairros, cada bairro tem um doze avos da área total, se bem que tem área comercial aí, mas aproximadamente, digamos que seja duas mil casas, dividido por 12, tem mais ou menos 160 casas em cada unidade de vizinhança. Cada unidade de vizinhança constitui uma praça, essa praça estava prevista para localização de equipamento esportivo e de lazer, ela não tem tamanho suficiente para uma quadra, um campo de futebol, mas tem espaço suficiente para uma quadra poli esportiva ou *playground*. Então esse era o plano de equipamento esportivo para unidade de vizinha, você tem 12 unidades com essas praças, além disso, tem a praça central, [...], o programa dela é o seguinte: em cada extremidade uma escola, no meio tem uma rua e hoje tem uma via que contorna, que dá a volta na praça inteira, que é asfaltada também, [...], mas não pode cruzar a praça. Então, tinha uma praça projetada para toda população como ponto de encontro.

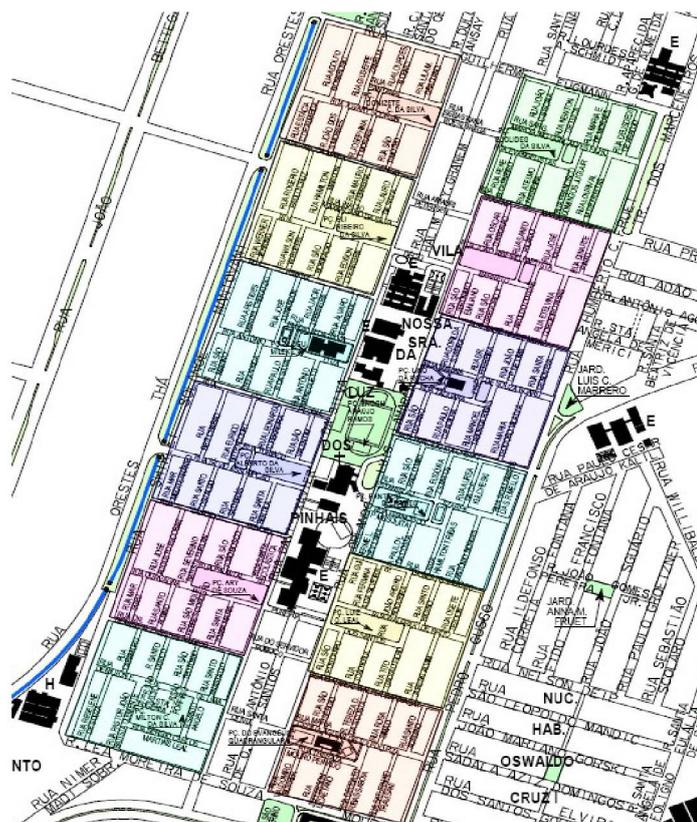


Figura da Vila Nossa Senhora da Luz com as Unidades de Vizinhança

A partir da fala apresentada por Willer, podemos afirmar que o planejamento que embasou o projeto da VNSL teve como concepção a teoria urbanística ortodoxa. Jacobs (2003) faz críticas a essa teoria, pois segundo ela, “devemos refutar qualquer modelo que encara os bairros como unidades auto-suficientes ou introvertidas” (p. 125). Para a autora, essa forma de pensamento é descabida em relação aos bairros pertencentes às cidades, não obstante, talvez se apliquem em pequenos povoados.

Infelizmente, a teoria urbanística ortodoxa está profundamente comprometida com o modelo de bairros supostamente acolhedores e voltados para si. Na forma original, o modelo consiste numa *unidade de vizinhança*, constituída por cerca de 7 mil pessoas, que tenha tamanho suficiente para conter uma escola elementar e para manter lojas de conveniência e um centro comunitário. Essa unidade foi ainda imaginada com subdivisões em agrupamentos menores, de um tamanho que atenda à diversão infantil, ao presumível controle sobre as crianças e ao bate-papo das donas de casa. Embora esse “modelo ideal” raramente seja produzido à risca, é o ponto de partida para quase todos os projetos de revitalização de bairros, todas as construções de conjuntos residenciais, maior parte do zoneamento moderno e também os trabalhos feitos atualmente pelos estudantes de arquitetura e urbanismo, que vão impor essas adaptações às cidades amanhã (p.126).

Esse “ideal” de bairro torna-se equivocado a partir do momento em que há a

pretensão de inseri-lo na realidade das grandes cidades em comparação com as cidades de pequeno porte. Nas cidades com no máximo 10 mil habitantes, caracterizadas como cidadezinhas ou vilas, os laços entre as pessoas se cruzam e voltam a se cruzar, o que acaba por resultar, de acordo com Jacobs (2003), em comunidades extremamente coesas. Ao transferir essa realidade para uma metrópole pode ser prejudicial, pois essa raramente possui um grau natural de inter-relacionamento.

Além disso, os bairros não precisam proporcionar a seus moradores uma imitação da vida das vilas ou das cidades de pequeno porte, no entanto precisam promover alguns meios de autogestão civilizada como, por exemplo, as associações de moradores. Mesmo que a única proximidade existente entre os moradores seja o espaço geográfico, eles devem se preocupar com o ambiente da rua ou do bairro em que moram para que não entre em decadência, pois dependem cotidianamente desse espaço.

Ao levarmos em consideração as singularidades dos bairros da metrópole em relação às cidades de pequeno porte concordamos com a afirmação de Jacobs:

o planejamento de bairros, definidos principalmente de acordo com seu tecido, com a vida e interação de usos que geram, em vez de definidos por fronteiras formais, obviamente opõe-se às concepções do planejamento ortodoxo. A diferença está em lidar com organismos vivos e complexos, capazes de definir seu próprio destino, e lidar com uma comunidade fixa e inerte, meramente capaz apenas de proteger (se tanto) o que lhe foi outorgado (2003, p.145).

A partir de tal afirmação, podemos inferir que o pensamento urbanístico ortodoxo acaba minimizando o modo de viver da população nos diferentes bairros dentro das grandes cidades, devido ao isolamento que lhe imprime.

Esse pensamento que também pautou o projeto da VNSL acabou isolando-a do centro urbano, dando-nos assim, subsídios para repensar a afirmação feita pelos engenheiros e arquitetos a respeito da revolução em urbanismo que pretendiam para aquele espaço.

Revolução em Urbanismo ou Planejamento da Miséria?

Quando procuramos entender a origem da população que efetivamente chegou à Vila Nossa Senhora da Luz devemos levar em consideração o depoimento de um frei

e psicólogo que dedicou grande parte de sua vida a essa comunidade. Frei Miguel Botacin¹¹ relata que

As famílias que vieram para cá quando a Vila foi inaugurada, vinham uma parte, do “inferninho” de Santa Quitéria e outra parte de uma favela da Vila Guaira. Embora essas pessoas já vivessem dentro de uma realidade urbana, jogadas na favela não tinham nada; muitas não sabiam nem o que fazer com o vaso sanitário. O taco do assoalho era arrancado e queimavam (como lenha). (IPPUC, 1991, p. 314).

Esta falta de preparo custou caro a COHAB-CT, pois como relatou o Frei Botacin¹², muitos moradores além de arrancarem o assoalho das casas, vendiam o fogão de duas bocas existente em todas elas, faziam dos vasos sanitários vasos de flores principalmente por não haver água encanada nesse período. Isso quando não levavam tudo que podiam quando saiam da VNSL.

O Frei descreve que esses fatos ocorreram devido a falta de habilidade técnica por parte da população recém instalada na VNSL. Para ele deveria haver uma preparação, uma formação como condição *sine qua non* para integrar os sujeitos.

O espaço da VNSL estava totalmente isolado do centro urbano, o que acabava por reproduzir ou até intensificar, o isolamento da favela. A título de exemplo, ela se localizava a 15 quilômetros do centro e havia somente um ônibus que era responsável por fazer a comunicação com a “cidade” – forma de expressão utilizada pelos próprios moradores. As casas tinham toda infra-estrutura hidráulica, não obstante, nos primeiros anos a água não saía pelas torneiras.

Nas palavras de Souza¹³, “a situação de ‘abandono’ no espaço anterior da ‘favela’, do ‘inferninho’, estaria se repetindo na VNSL pela incompetência das autoridades ao construírem um conjunto tão grande, isolado, com uma população ‘homogênea’ no analfabetismo, no despreparo, na revolta, enfim, na pobreza” (1999, p. 176).

Outro grave problema que acabou atingindo a VNSL foi a violência. Esse “era uma problema muito presente e a polícia não entrava na vila, a não ser para recolher os

¹¹ Italiano de Treviso (Loraggiolla), Ilario Bottacin nasceu em 14 de setembro 1921, entrando aos 12 anos para o seminário de Rovigo. Depois como missionário capuchinho, foi para a África em 1951, permanecendo até 57, quando a Ordem o enviou para o Convento dos Capuchinhos na Igreja Nossa Senhora das Mercês, em Curitiba. Foi em 1968 que ele se juntou à Vila Nossa Senhora da Luz, onde ficaria até o dia 10 de abril de 1997 quando morreu. (Boletim..., 2006, p.12).

¹² MENDONÇA, Márcia Nascimento. **Cidade Industrial de Curitiba: 25 anos bem empregados**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1998.

¹³ Tese de doutorado que procura discutir o planejamento urbano, o governo do espaço e da população em Curitiba, trazendo como exemplo a Vila Nossa Senhora da Luz.

corpos. Também o alcoolismo fazia-se sentir com força, junto com a depredação do patrimônio” (SOUZA, 1999, p. 178).

Devido a constituição dessa “arquitetura”, somada ao isolamento em que a VNSL se encontrava acabou estigmatizando os moradores deste lugar. Segundo o depoimento do Frei, “quando algum morador daqui ia à ‘cidade’, não falava que era da Vila Nossa Senhora da Luz, falava que era de São Jorge, do Portão, porque era ‘feio’ ser da Vila” (IPPUC, 1991, p. 316). Na mesma direção, a partir da fala do senhor João Marrero¹⁴ é possível entender porque as pessoas não diziam ser da VNSL: “tinha muita discriminação com a gente, se dizia que era daqui não conseguia um emprego, uma escola [...] essas coisas aconteceram devido ao falatório que aqui era lugar de bandido”.

Diante do exposto, podemos afirmar que a população, que passou a ter como habitat a VNSL, teve grande dificuldade desde sua inauguração em 1966, tanto pela falta de infra-estrutura do conjunto habitacional quanto pela falta de preparo da comunidade recém instalada.

Tais problemáticas podem ser discutidas a partir das idéias de Lefebvre quando salienta que

com a crise habitacional, o direito à moradia aflora na consciência social. Entretanto, não é um pensamento urbanístico que dirige as iniciativas dos organismos públicos e semipúblicos, é simplesmente o projeto de fornecer moradias o mais rápido possível pelo menor custo possível. Os novos conjuntos serão marcados por uma característica funcional e abstrata: o conceito do habitat levado à sua forma pura pela burocracia estatal (2001, p.19).

Ao conceber os conjuntos habitacionais como mero habitat, como prática e ideologia, acaba-se por reprimir as características elementares da vida urbana como, por exemplo, a diversidade das maneiras de viver, dos tipos urbanos, modelos culturais e valores relacionados às modalidades da vida cotidiana. Essa foi uma prática instaurada de cima para baixo, em que se aplica um “[...] espaço global homogêneo e quantitativo obrigando o ‘vivido’ a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou ‘máquinas de habitar’” (p.80).

A partir dessa compreensão de habitat que atinge o local, no caso a VNSL, pode-se afirmar que influencia também o global, no caso a cidade como um todo.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 25 de Junho de 2007 com o primeiro morador e o mais antigo da Vila Nossa Senhora da Luz.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a cidade em sua totalidade passa a ser pensada como um produto e não como obra. A cidade para Lefebvre (2001) deveria ser vista com uma obra, no entanto, com o desenvolvimento da sociedade capitalista ela também se tornou um produto. Na concepção do autor,

a própria cidade é uma *obra*, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro) (p.4).

Considerada como obra e não como produto o autor aponta que "cidade e a realidade urbana dependem do **valor de uso**. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso" (p.6).

O valor de uso está relacionado à outra categoria que é o "habitar". Para além do simples abrigo e da garantia de condições básicas de sobrevivência, "habitar é participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detém, entre outras, essa qualidade, esse atributo" (LEFEBVRE, 2001, p.16).

Ao se referir aos moradores das periferias das cidades Lefebvre (2001) afirma que "afastado da Cidade, o proletariado acabará de perder o sentido da obra. Afastado dos locais de produção, disponíveis para empresas esparsas a partir de um setor de habitat, o proletariado deixará de esfumar em sua consciência a capacidade criadora" (p.17). A consciência urbana, assim vai se dissipando, e estes cidadãos passam a encarar a cidade como valor de troca.

Desse modo, podemos pensar em tal Conjunto Habitacional como um produto e não como uma obra, pois o projeto era o desfavelamento da cidade, que não se concretizou, retirando a população das áreas centrais e colocando-a na periferia. Essa comunidade ficou por muito tempo "ilhada" dentro da própria cidade, pois não tinha acesso aos meios de transporte, não tinha água encanada, nem rede de esgoto, além de não ter acesso aos bens sociais, culturais e econômicos. Assim, observamos, pelos documentos¹⁵, que a preocupação com tal projeto era esconder as mazelas sociais.

¹⁵ MENDONÇA, Maí Nascimento. **Cidade Industrial de Curitiba: 25 anos bem empregados**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1998; Dissertação de Mestrado que busca discutir a cultura

A seu modo de realizar a leitura do espaço e da população que compunha a VNSL, o Frei relata que ela “serviu de espelho para evitar em outros conjuntos habitacionais os erros cometidos aqui... pegar gente da favela e jogar dentro das casas sem nenhuma preparação” (IPPUC, 1989/1992 – 7, p. 319).

Nessa mesma direção, de acordo com Martins (2001), a reorganização espacial que sofrem os conjuntos habitacionais está “ancorada na prática de uma disposição sobre o espaço imbuída da ideologia de ‘limpeza’ e valorização de determinadas áreas da cidade” (p. 167). Assim, a

“Vila Nossa Senhora da Luz repescuta nitidamente as condições do sistema capitalista, por ser a cidade uma mediação entre a estrutura de classe e a tomada de espaço urbano. A segregação [...], se manifesta de forma mais típica na Vila que fixa a mão-de-obra em ativo e de reserva para a indústria e se liga à cidade industrial” (BROLI, 1979, p. 146).

Dessa forma, ao pensarmos na luta pelo espaço, concordamos com a autora ao afirmar que “o espaço sempre é político e a tomada dele é um ato de violência; o planejamento, por sua vez, impõe um consumo autoritário do espaço urbano, sendo realizado mais a partir da perspectiva das classes dominantes e não de uma necessidade de consumo em termos de habitar” (p. 146-147).

Como observarmos, os espaços foram e são determinados, muitas vezes, por questões políticas e tais determinações também influenciaram diretamente no planejamento e execução dos espaços de lazer da VNSL.

Nesse sentido, trazemos para a discussão os espaços destinados ao lazer da população. Conforme, o arquiteto Lóris Ghesse do departamento de Planejamento da Cohab (1985)¹⁶, a idéia inicial era fazer com que as 13 praças existentes funcionassem como ponto de encontro entre os moradores, mas até aquele momento não tinha se efetivado, pois os espaços caracterizavam-se como meros quadrados desprovidos de qualquer infra-estrutura.

De acordo com o que relata arquiteto Lóris Ghesse, podemos levantar o seguinte questionamento: qual era a real intenção dos planejadores, do primeiro conjunto habitacional de Curitiba, ao proporem 13 espaços livres que supostamente poderiam ser apropriados no âmbito do lazer? Será que realmente era uma

proletária e a consciência de classe na Vila Nossa Senhora da Luz e Jornal do Estado do Paraná. **Vila Nossa Senhora da Luz, um projeto que fracassou.** 26 de Maio de 1985.

¹⁶ Jornal do Estado do Paraná. **Vila Nossa Senhora da Luz, um projeto que fracassou.** 26 de Maio de 1985.

preocupação com o bem estar daquelas pessoas ou tinham como intuito fazer com que aquela comunidade não se deslocasse desse lugar tão afastado de tudo e de todos para usufruir seu tempo livre?

Procurando dar uma possível resposta ao questionamento, Alfred Willer relata que desde a planta original, do primeiro conjunto habitacional do Paraná, foram pensados os espaços e equipamentos de lazer para a comunidade, mas infelizmente o BNH acabou não financiando essa parte do projeto. Apesar disso, a prefeitura realizou alguns projetos. Na praça central, por exemplo,

tinha a igreja, mercado, posto de saúde e a escola de artes e ofícios. Então, sobrava a área do centro da praça para equipamento esportivo, também não tinha espaço suficiente para um campo de futebol, mas tinha espaço para algumas quadras poli esportivas para os adolescentes. Então, a idéia era essa, as praças menores eram mais para uso local, principalmente para crianças de menos de 10 anos. Nessas praças, o equipamento comunitário que foi colocado, o *playground* e material empregado foram depredados, apesar de serem materiais, por exemplo, balanços de pneus pendurados em correntes, escorregadores, equipamento robusto difícil de manter, mas, mesmo assim, por falta de supervisão não teve muita duração, muita durabilidade.

Na seqüência de seu depoimento Willer ressalta que

o equipamento esportivo estava previsto para as praças, agora, o que aconteceu com as praças foi interessante, não havia, como eu disse, a verba para fazer equipamento esportivo, tentou-se implantar alguns espaços de *playground*, foram depredados, faltou um acompanhamento comunitário das assistentes sociais, que tinha na nossa equipe, acho que eram umas moças com pouca experiência de trabalho de campo e que não foram devidamente orientadas, então, justamente este tipo de educação comunitária era fundamental, porque esse povo que foi mudado pra lá ele não tinha experiência de viver numa comunidade, viviam espalhados no interior ou vivem no meio de uma favela que era mais ou menos anônima. A idéia com essas unidades de vizinhanças era de estimular a noção de pertencer ao local para que as famílias se identificassem com a sua casa e com o seu bairro e dentro dessa educação haveria também, com certa facilidade, a escolha de alguns moradores vizinhos aqui da praça, que ficassem encarregados de ficar de olho pra evitar depredação. Não houve isso, [...], não havia nenhum interesse do morador, vendo a criança depredando o balanço tomar a iniciativa pra ir lá e dizer: escuta aqui, vamos parar isso aqui é nosso não vamos estragar porque quem vai ter que repor somos nós.

A partir desse depoimento podemos observar que o lazer e o esporte apesar de serem considerados nos projetos iniciais, infelizmente ficam relegados a um segundo plano, quando na verdade poderiam contribuir para um processo diferenciado de apropriação dos espaços.

E hoje como se caracteriza a Vila Nossa Senhora da Luz com suas treze praças?

Falamos até o momento sobre a VNSL que foi projetada e que foi construída, mas e hoje, quarenta e um anos após sua inauguração, como ela se caracteriza? Continua com o mesmo estigma de marginalidade? Quem são as pessoas que moram nesse conjunto habitacional? As casas e os espaços permanecem como no projeto inicial ou sofreram alterações?

A VNSL que fracassou como revolução em urbanismo, na década de 1960, e que serviu de exemplo para que não se repetissem os mesmos erros em outros conjuntos habitacionais, hoje é uma das 80 vilas que compõe o chamado bairro Cidade Industrial. A VNSL está completamente integrada a cidade, no que diz respeito ao transporte coletivo, traz no nome a homenagem à padroeira de Curitiba, possui escolas, hospital, creche, associações de moradores. Seu entorno é composto por outros conjuntos habitacionais, sejam casas ou apartamentos, e algumas indústrias. O número de moradias passou de 2,1 mil para 2.865, segundo o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), devido aos puxadinhos. A população que em 1966 era de 11 mil habitantes, em quarenta e um anos, passou para aproximadamente 20 mil, se contarmos com os outros conjuntos vizinhos esse número atinge os 30 mil habitantes.

São raras as casas que mantiveram o desenho e a metragem original, apenas uma se mantém como no projeto inicial com as janelas de madeira, as tramelas, o forro dos primeiros tempos.

Da mesma forma que acontece na cidade de Curitiba como um todo, existe marginalidade, violência, tráfico de drogas, questões essas que fazem com que a VNSL tenha suas “próprias leis”, no entanto, o estigma que existia no início já não fica mais tão evidente. Muitos moradores estão na VNSL desde o início, muitos nasceram lá, outros vieram recentemente, enquanto outros saíram. A maior parte dos moradores veio de outros bairros da cidade, não necessariamente das favelas, outros vieram de outras cidades em busca de melhores condições de existência, nem sempre alcançadas.

Quando pensamos nos espaços e equipamentos de lazer, desde meados da década de 1980, esses também receberam estruturas esportivas e *playgrounds*, nada muito além do que já era previsto no início de sua construção, mas que naquele momento não foi foco de investimentos do BNH. Os espaços que compõem as diferentes praças, hoje, são mantidos pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente

(SMMA), mais especificamente pelo Departamento de Parques e Praças (MAPP).

As praças, que são nosso foco de discussão, segundo Robba & Macedo (2003) são “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos” (p.17). Dessa forma, podemos perceber, a partir da definição, que as praças se caracterizam como espaços de lazer urbanos que por serem públicos, facilitam a apropriação por parte das pessoas. Por esse motivo o estudo das praças, que compõe a VNSL, das suas concepções e de seus equipamentos torna-se de grande relevância, na tentativa de melhor compreender o fenômeno lazer e suas relações com os espaços públicos no cotidiano dos moradores da Vila Nossa Senhora da Luz.

Historicamente, as praças desempenharam diferentes funções, dentre elas, o espaço para a realização de espetáculos, local para execução de condenados à morte, espaços cívicos destinados a realizações de discursos, espaços para a contemplação de prédios públicos, local onde se colocava estátuas e monumentos, espaços verdes destinados ao lazer e à contemplação, espaços abertos para encontro pessoal, local de reuniões públicas e assim por diante (RECIFE..., 2002). Dependendo das mudanças sociais e históricas do modo como a sociedade expressa sua vida coletiva as praças podem exercer papéis diferenciados.

Cotidianamente as praças podem desempenhar algumas das funções citadas anteriormente, no entanto, na concepção de Robba & Macedo (2003), o espaço urbano moderno é planejado de forma funcional, devendo suprir as necessidades da cidade relativas à habitação, trabalho, lazer e circulação. Nesse contexto, o lazer foi um dos itens que o urbanismo moderno estabeleceu como de grande relevância para o habitante urbano do século XX. Assim sendo, podemos afirmar que os espaços livres públicos se tornaram uma das opções mais significativas de área de lazer urbano.

Contudo, é a partir da década de 1940 que os espaços públicos passam a sofrer influência de arquitetos e paisagistas modernos. Nesta nova perspectiva, as praças passam a englobar o “lazer ativo¹⁷”, que priorizava as atividades esportivas e a recreação infantil. De acordo com os autores, “o lazer ativo está presente, com a implantação de quadras esportivas, *playgrounds* e pistas de caminhada” (p. 36).

Podemos afirmar que essa concepção de “lazer ativo” influenciou diretamente o planejamento das atuais praças da VNSL, pois em quase todas elas percebemos as

¹⁷ Conceito utilizado por Robba & Macedo (2003, p.35).

mesmas estruturas descritas pelos autores.

A seguir apresentamos os espaços e equipamentos de lazer que compõem as praças da VNSL que anteriormente eram desprovidos de qualquer infra-estrutura, o que não significava uma falta de apropriação por parte daquela comunidade.

Como afirmamos, a VNSL se constitui de 13 (treze) praças, o que denota uma concentração de espaços e equipamentos de esporte e lazer em uma única área do bairro.

As praças apresentam basicamente a mesma estrutura física, o que modifica de uma para outra são alguns equipamentos que compõe cada uma delas. Na seqüência descrevemos os equipamentos da área de lazer que estão presentes nas praças.

Os vinte e dois itens que compõem os equipamentos segundo os documentos (Anexo-1) cedidos pelo MAPP são: banco de madeira, banco de tronco; lixeira separativa; alambrado 2M; alambrado 4M; canteiro; mesa de xadrez; escorregador de ferro; gangorra de ferro; trepa-trepa de ferro; cancha de futebol de areia; cancha de vôlei; cancha polivalente; cancha de malha; cancha de bocha; equipamento de ginástica para alongamento; grama; ciclovia; árvore; calçada; iluminação e arquibancada.

Na seqüência descreveremos brevemente cada uma das treze praças que estão localizadas na Vila Nossa Senhora da Luz, no bairro Cidade Industrial:

1 – Praça Milton César da Silva (Praça-1)

Esta praça apresenta uma área total de 2586 m², conta com os seguintes equipamentos: escorregador e gangorra de ferros, equipamentos de ginástica, ciclovia e calçada ao redor de toda a praça, além dos equipamentos sociais¹⁸ como o Armazém da Família¹⁹ e a creche, ambos mantidos pela prefeitura. O entorno da praça é composto por residências, além da existência de alguns bares. Há bancos de tronco, uma pequena parte gramada e algumas árvores. Há iluminação em formato de pétalas (Figura 1).

¹⁸ “Equipamentos sociais – Que são todos os estabelecimentos voltados ao atendimento de necessidades básicas da população, equipamento estes que podem ser mantidos tanto pelo setor público quanto pelo privado; ex. Unidade de saúde, hospitais, creches, escolas, museus, bibliotecas, albergues, etc”. Disponível em <<http://ippucnet.ipuuc.org.br/Bancodedados/curitibaemdados/anexo/Equipamentos>> Acesso em 07 de fevereiro de 2008.

¹⁹ São unidades fixas de abastecimento instaladas em pontos estratégicos da periferia de Curitiba, bairros e em terminais de ônibus, onde é feita a comercialização de gêneros alimentícios e produtos de higiene e limpeza. Os armazéns vendem as mercadorias a preços 30% mais baixos, em média, que o mercado formal.



Figura 1. Praça-1 (Foto dos equipamentos de lazer).

2 – Praça Ari de Souza (Praça-2)

A praça-2 apresenta uma área total de 3068 m². Ao redor da praça tem uma sorveteria, um mercadinho e uma escola estadual, o restante é tudo residência. Essa praça apresenta os seguintes equipamentos: *playground* composto pelo escorregador, gangorra e trepa-trepa de ferros, cancha de futebol de areia e cancha de vôlei também de areia. Há 5 bancos de tronco (no documento cedido pelo MAPP, deveriam haver 7) e 2 de concreto (construídos pelo dono da sorveterias que fica em frente a praça). Tem uma lixeira separativa (segundo o documento deveria haver 2) e três para depositar os dejetos da comunidade (essas lixeiras são maiores e foram compradas ou construídas pela própria comunidade). Apresenta uma pequena parte gramada e algumas árvores, além da existência de calçada, ciclovia e de iluminação em formato de refletores. Nesta praça tem um brinquedo que foi construído pela comunidade, trata-se de uma balança presa a uma árvore feita com pneu de bicicleta e corda (Figura 2).



Figura 2. Praça-2 (Foto do *playground* e da cancha de futebol de areia e de vôlei).

3 – Praça Alberto da Silva (Praça-3)

A praça-3 apresenta uma área total de 2986 m², conta com os seguintes equipamentos: Cancha de futebol de areia, *playground* com trepa-trepa e escorregador, cinco bancos de madeira, calçada, ciclovia e uma lixeira coletiva. Essa praça tem muito lixo e aparentemente está abandonada (a comunidade parece não cuidar). Há uma pequena parte com grama e algumas árvores, além de iluminação em forma de refletores. Ao redor da praça tem a igreja católica, um salão de cabeleireiro, uma mercearia, um local que aluga ferramentas e aparentemente uma oficina mecânica (Figura 3).



Figura 3. Praça-3 (Foto do *playground* e da cancha de futebol de areia).

4 – Praça Alceu Mileke (Praça-4)

Essa é a praça com menor área total destinada aos equipamentos de lazer são 384 m². Os equipamentos que compõem sua área são: escorregador, trepa-trepa e gangorra de ferros (bastante degradados) e ciclovia, localizados na parte de trás do Posto de Saúde, equipamento social mantido pela prefeitura. Anexo ao posto tem a Associação dos Moradores da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (AMOLP). Atualmente a única ação que a associação desenvolve é um trabalho voluntário de artesanato direcionado aos idosos. Há nessa praça também uma pequena área gramada, algumas árvores, além da iluminação em formato de pétalas. Ao redor da praça tem uma escola e residências (Figura 4).



Figura 4. Praça-4 (Foto do posto de saúde).

5 – Praça Eli Ribeiro da Silva (Praça-5)

Esta praça tem uma área total de 2933m². Apresenta os seguintes equipamentos: cancha de vôlei de areia (abandonada), cancha de futebol de areia (cercada com alambrados de 4m), ciclovia, *playground* com 2 gangorras, escorregador e trepa-trepa de ferro. Há apenas 1 banco feito com tronco de árvore (nos documentos constam 4), os outros foram arrancados e o toco que sobrou fica com os pregos a mostra, o que pode ocasionar acidentes. Não tem lixeira. Há uma parte gramada, essa praça é toda arborizada e possui iluminação em forma de refletores. O acesso a essa praça pode ser feito por uma escada ou no mesmo nível da praça. O entorno da praça é constituído por dois bares e residências (Figura 5).



Figura 5. Praça-5 (Foto da cancha de vôlei, de futebol e do *playground*).

6 – Praça Donizete Custódio da Silva (Praça-6)

A praça Donizete Custódio da Silva tem uma área total de 3298m². Ao redor da praça tem um bar e o restante é tudo residência. Essa praça apresenta os seguintes equipamentos: *playground* composto pelo escorregador, gangorra e trepa-trepa de ferros, cancha de futebol e de vôlei de areia, mas uma parte desta está tomada pelo mato. Há 4 bancos de tronco. Tem três lixeiras coletivas. Apresenta uma pequena parte gramada e algumas árvores, além da existência de calçada, ciclovia e de iluminação em formato de refletores (Figura 6).



Figura 6. Praça-6 (Foto do *playground* e da cancha de futebol de areia)

7 – Praça Euclides da Silva (Praça-7)

A praça Euclides da Silva tem uma área total de 3298m², está completamente abandonada, conta com os seguintes equipamentos: *playground* com trapa-trepa, gangorra e escorregador de ferros, cancha de futebol de areia tomada por lixo, esta cancha é menor em comparação às outras praças, na praça tem muitos blocos de concreto jogados no chão e muita sujeira, cancha de vôlei de areia que não existe mais, só tem mato e restos de fogueira, não restam nem os ferros que seguram a rede. Tem um banco na praça e uma lixeira coletiva. O entorno da praça constitui-se de um bar, um comércio e residências. A praça é arborizada e tem grama. Não tem iluminação, apesar de constar nos documentos (Figura 7).



Figura 7. Praça-7 (Foto da cancha de vôlei e do *playground*)

8 – Praça José Costa do Nascimento (Praça-8)

A praça-8 apresenta uma área total de 2919m². Os equipamentos dessa praça são: cancha de futebol de areia (com alambrado de 2m e 4m ao redor), cancha de vôlei de areia (com alambrado de 4m nas laterais), o *playground* composto pelos três brinquedos de ferro e cinco bancos de tronco. O entorno é constituído por dois mercadinhos e residências. A praça é toda arborizada, tem grama e existe uma precária iluminação em formato de pétalas. Não apresenta lixeira. A ciclovia que tem ao redor de todas as praças servem também como calçada (Figura 8).



Figura 8. Praça-8 (Foto da cancha de vôlei, de futebol e do *playground*).

9 – Praça Lino da Costa (Praça-9)

Esta praça tem uma área total de 3298m², no entanto a parte que cabe aos equipamentos de lazer é bem restrito. Nesta praça está a Primeira Igreja Batista que ocupa grande parte do espaço. Em frente à igreja, tem dois bancos, a cancha de vôlei de areia e o *playground* com escorregador, trepa-trepa e gangorra de ferros. Há calçadas e

ciclovía. O entorno é composto por residências, o Farol do Saber²⁰ e um bar. Não tem lixeira. Há uma parte gramada, a praça é toda arborizada e possui uma escassa iluminação (Figura 9).

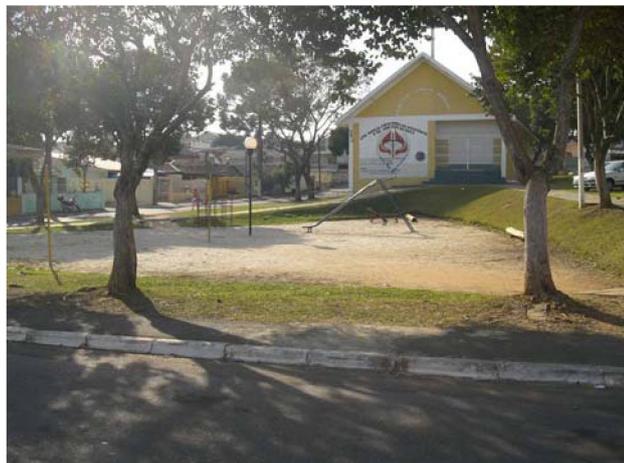


Figura 9. Praça-9 (Foto da cancha de vôlei, do *playground* e da igreja).

10 – Praça Pantelis Stergov Zafires (Praça-10)

A praça-10 apresenta uma área total de 3298m². O entorno da praça é composto exclusivamente por residências. A praça apresenta os seguintes equipamentos: O *playground* com uma gangorra, trepa-trepa e escorregador de ferros, cancha de vôlei de areia e é a única praça que tem uma quadra poliesportiva feita de cimento (tem as traves de futebol de salão e os ferros para o vôlei, mas não tem as tabelas de basquete que aparentemente foram arrancadas). A praça é arborizada, tem uma parte gramada, não tem lixeiras. Há calçada, ciclovía e iluminação em formato de refletores e de pétalas, Há quatro bancos, mas de acordo com os documentos deveria haver sete (Figura 10).



Figura 10. Praça-10 (Foto do *playground*, da cancha de vôlei de areia e da cancha poliesportiva).

²⁰ Farol do saber é o nome dado as bibliotecas que tem o formato de farol e são mantidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

11 – Praça Luiz Otávio Leal (Praça-11)

A praça Luiz Otávio Leal apresenta uma área total de 2621 m². Essa é a única praça que tem dois *playgrounds*, um em cada extremidade da praça. Um deles é composto pelos mesmos equipamentos que os das outras praças, trepa-trepa, escorregador e uma gangorra de ferros. O outro é bem diferente, foi construído com manilhas cheias de concreto. As manilhas são pintadas, na base superior, de vermelho e amarelo e servem como escada, além de haver uma escada de ferro bem no centro do brinquedo. Para descer do brinquedo pode ser por três canos (estilo bombeiro) ou por dois escorregadores. Entre as manilhas, tem o trepa-trepa. Todos os equipamentos de ferro são na cor azul. Bem no centro da praça tem a cancha de futebol de areia (ela é menor que as outras, igual a praça7). A praça é arborizada, tem quatro bancos de tronco, ciclovia e telefone público, a praça não tem lixeiras e a iluminação existente é precária (um poste foi arrancado). Tem três comércios ao redor da praça, um do lado do outro sendo um mercadinho, uma lanchonete e uma padaria, a Escola Vila Nossa Senhora da Luz e residências. Essa praça foi revitalizada no mês de setembro de 2007, foi pintado o *playground* de manilhas, colocaram grama nova e refizeram uma parte da calçada (Figura 11).



Figura 11. Praça-11 (Foto do *playground* com os três brinquedos de ferro, a cancha de futebol de areia e o *playground* de concreto).

12 – Praça do Evangelho Quadrangular (Praça-12)

Esta praça tem uma área total de 3298m², no entanto a parte que cabe aos equipamentos de lazer é bem restrito. Nesta praça está a Décima Primeira Igreja Quadrangular que ocupa grande parte do espaço. Em frente à igreja, tem um estacionamento (do tamanho da cancha de futebol da praça-11) e dois bancos. No fundo

da igreja tem um *playground* com trepa-trepa e gangorra de ferros totalmente deteriorados. Há calçadas e ciclovia. O entorno é composto por residências, não tem lixeira. Há uma parte gramada, a praça é pouco arborizada e possui uma escassa iluminação (Figura 12).



Figura 12. Praça-12 (Foto da igreja)

13 – Praça Enoch Araújo Ramos (Praça Central)

A praça central tem uma área de 13027m², localiza-se exatamente no centro da VNSL, no entorno da praça encontra-se a Igreja Católica, a escola, o Farol do Saber, dois bares, várias residências. Essa praça tem uma variedade muito grande de equipamentos, dentre eles destacamos: banco de madeira, lixeira separativa, alambrado 2M, alambrado 4M, canteiro, escorregador de ferro, gangorra de ferro, a maior quadra de futebol de areia da VNSL, quadra de vôlei, equipamento de ginástica. Somente nessa praça encontramos também mesa de xadrez, cancha de malha e cancha de bocha. Uma boa parte é gramada, tem ciclovia e calçada. Há algumas árvores e iluminação. Outro equipamento que somente a central tem é a arquibancada.

O espaço físico é adequado aos portadores de necessidades especiais, diferentemente das outras praças que em sua maioria não possui guia rebaixada e as calçadas são estreitas. Nessa praça, os portadores de necessidades especiais não têm dificuldades de locomoção, pois apresenta ciclovia ao redor de toda a sua estrutura. O acesso a praça pode ser feito pelo nível da rua, por rampas, ou por escada com corrimão, o que facilita o acesso às pessoas com dificuldade de mobilidade (Figura 13).

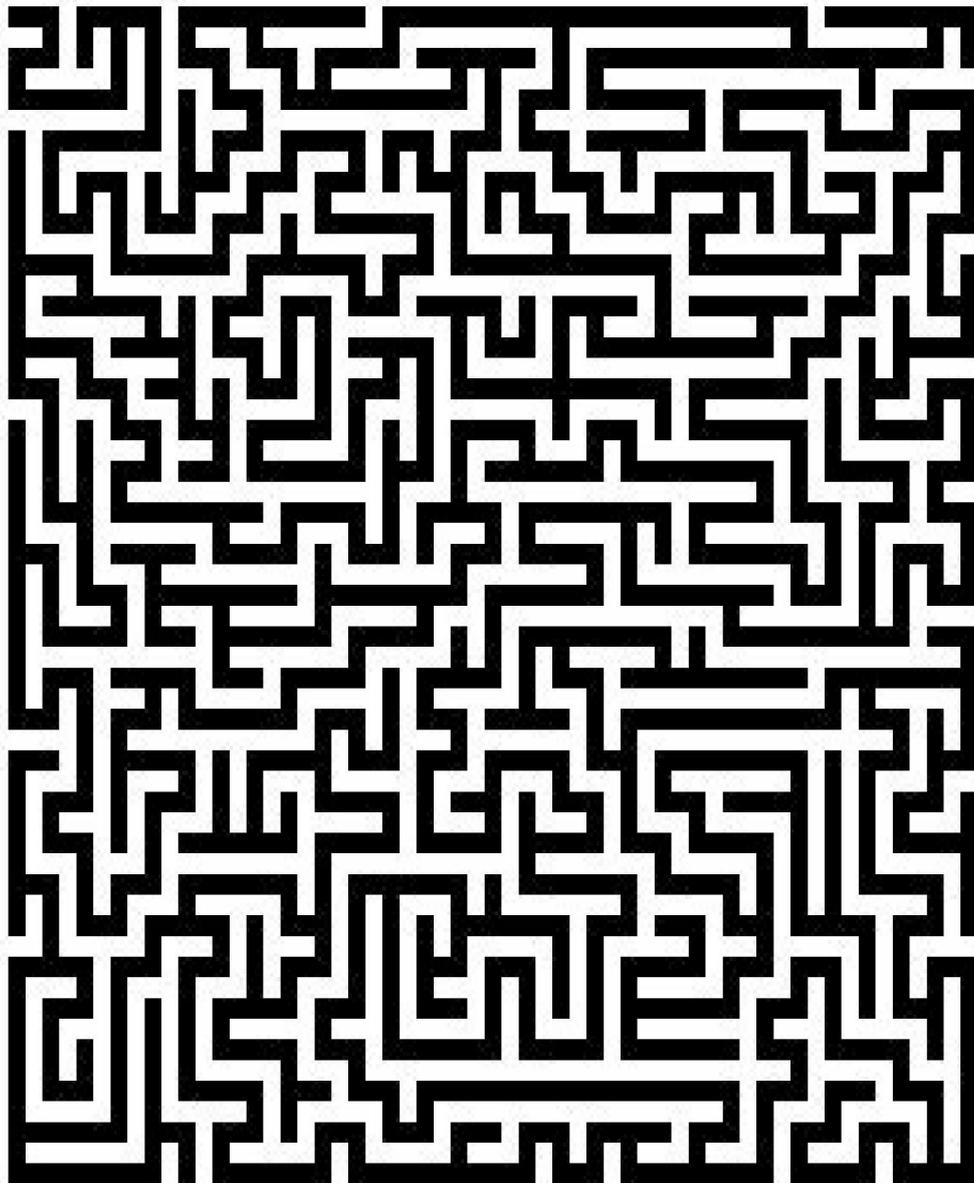


Figura 13. Praça Central (Foto da igreja, da cancha de bocha, da cancha de futebol e da balança improvisada)

Apresentamos nessa parte final do primeiro capítulo a descrição detalhada de cada praça com os seus diferentes equipamentos, sendo eles sociais e de lazer, com o intuito de mostrar como a VNSL se caracteriza contemporaneamente. Essa descrição se torna importante na medida em que não bastaria termos como única preocupação discutir seu planejamento e execução, pois nosso objeto de pesquisa é a VNSL na atualidade. Nesse sentido, expusemos, nesse primeiro momento, a VNSL como forma, para no terceiro capítulo aprofundarmos as discussões referentes a seu conteúdo.

CAPÍTULO II

O LAZER E O ENIGMA DO LABIRINTO



Compreender a categoria lazer não é uma tarefa fácil, as discussões em torno do conceito fazem com que caminhemos numa espécie de *labirinto do Minotauro*²¹ da mitologia grega, onde a falta de cuidado pode nos levar direto ao “monstro”, nos deixando muitas vezes sem perspectiva de retorno. Nesse sentido, nossa intenção ao apresentar determinados conceitos é colaborar com o debate, com possíveis reflexões, buscando aprofundar o conhecimento a respeito do assunto e dessa forma, compreender o labirinto, na tentativa de superá-lo, da mesma forma que fez *Ariadne* ao desfiar seu pai, entregando a *Teseu* um fio que lhe deu forças e garantias de que depois dele matar o Minotauro poderia sair do labirinto. Assim, podemos afirmar que existem vários fios de *Ariadne* no debate sobre o lazer, mas se não confiarmos em um e tentarmos agarrar vários poderemos nos perder no labirinto e não matar o Minotauro, que em nossa analogia se caracteriza como o ecletismo das diferentes concepções do lazer.

As discussões referentes ao lazer pressupõem como condição *sine qua non* o entendimento do tempo (histórico) e do espaço (geográfico), por serem categorias que favorecem a compreensão da existência humana. A categoria tempo tem sido amplamente debatida pelas teorias sociais sendo suas formulações privilegiadas em relação a categoria espaço, não obstante, esta categoria que sempre ficou relegada a segundo plano, começa a ganhar relevância em diversas áreas das ciências sociais e humanas.

Tanto a concepção do tempo quanto do espaço são possíveis de serem debatidas por serem criadas por meio de práticas sociais e por processos materiais que possibilitam à reprodução da vida social. Em cada modo social de produção, seja, escravagista, feudalista, capitalista, incorporam-se particularidades de práticas e conceitos do tempo e do espaço.

²¹ Dá-se o nome de Minotauro a um monstro que tinha corpo de homem e cabeça de touro. Na realidade chamava-se Astério ou Astérion, e era filho de Pasífae, mulher de Minos, e de um touro enviado por Posídon a este rei. Minos, aterrorizado e envergonhado com o nascimento do monstro, fruto dos amores contranaturais de Pasífae, ordenou ao artista ateniense Dédalo, que nessa altura se encontrava na sua corte, que construísse um imenso palácio de Cnossos (o Labirinto), composto de um tal emaranhado de salas e corredores que ninguém, a não ser Dédalo, conseguisse encontrar o caminho para dele sair. Foi lá que encarcerou o monstro. E, todos os anos (outros dizem que de três em três anos, ou mesmo de nove em nove), dava-lhes a devorar sete jovens e sete donzelas, tributo que impusera à cidade de Atenas. Teseu ofereceu-se voluntariamente para fazer parte do grupo de jovens e, mercê da ajuda de *Ariadne*, conseguiu não só matar o animal, como também encontrar o caminho para voltar à luz do dia (GRIMAL, 1997).

As concepções de tempo que influenciam o lazer

Para adentrarmos, posteriormente, no labirinto em que se situa o lazer moderno e tenhamos condições de efetuar sua travessia, precisamos entender como a discussão do tempo influenciou a constituição do lazer.

Ao pensarmos especificamente na concepção de tempo não temos como fugir da discussão histórica que o caracterizou. Diversos autores (Puig & Trilla, 2004; de Grazia (1966) citado por Bruhns, 2002; Munné, 1992) tiveram a preocupação de desenvolver em seus trabalhos o conceito, a história e a sociologia do ócio, apresentando as diferentes concepções de ócio²², não incorrendo no erro de igualar o ideal clássico de ócio com o lazer contemporâneo, que caracterizaram as diferentes sociedades, nessa perspectiva, Puig & Trilla enfatizam que tal fenômeno além de depender “diretamente das circunstâncias históricas e da maneira de pensar – a ideologia – do pesquisador” (2004, p.21), implica sempre um marco temporal.

O ócio e o trabalho, como fatos sociais e objetos de reflexão fazem parte de uma discussão de longa data, assim, podemos inferir que de uma forma ou de outra todas as sociedades conheceram o “tempo livre”, mas sabemos que nem sempre teve o mesmo significado.

Partindo da sociedade grega, podemos dizer que ela teve uma grande importância no desenvolvimento do conceito de ócio. A origem etimológica do termo está em *scholé*, que significa parar, cessar, ter repouso, tempo desocupado para si mesmo. Nesta perspectiva, para os gregos o ócio se caracterizava como oposto ao trabalho, pois para tê-lo era preciso libertar-se da necessidade de trabalhar e assim dispor de tempo. Naquele período as relações sociais de produção possibilitaram à Grécia a defesa de tal concepção, pois possuía muitos escravos para garantir as condições de existência dos cidadãos livres. “Ócio é (sic) uma característica que define o homem livre; ou seja, o ócio não se baseia numa determinada quantidade de tempo livre, como atualmente, mas é um estado de quem sequer tem a necessidade de trabalhar [...] de quem sequer tem a necessidade de estar ocupado” (PUIG & TRILLA, 2004, p.23).

²² Para os autores espanhóis, Puig & Trilla (2004, p. 21) o conceito de “ócio –contemporâneo - supõe a liberação das obrigações do trabalho e a disponibilidade pessoal do tempo. Mas o ócio não é sinônimo de tempo livre. O tempo livre é unicamente uma condição necessária, mas não suficiente” (grifos nosso). O conceito de ócio em espanhol equivale ao conceito de lazer para nós brasileiros. Nesse sentido quando falarmos em ócio, a partir da Revolução Industrial, entenda-se lazer.

O ideal de ócio para os romanos não se aproxima da visão grega. Para os escritores romanos, o tema do ócio aparece exposto no par *otium* e *negotium*. O primeiro designa o ócio, enquanto o segundo a ausência de ócio, ou seja, trabalho. Segundo os autores citados anteriormente, em Roma concebia-se o ócio como “um tempo de descanso e de recreação do espírito, necessário depois do trabalho – *negotium* – para poder se recuperar e voltar outra vez a ele. O ócio é um tempo de não-trabalho que prepara para recomeçar o trabalho. O ócio não é um fim em si mesmo, pois tem o *negotium* como finalidade” (p.23). Essa forma clássica de pensar o ócio pode ter influenciado a concepção de lazer contemporânea em que o tempo de não trabalho deve ser utilizado como um meio para conseguir o máximo proveito do trabalho. Pode-se dizer que nessa sociedade o ócio tinha um caráter instrumental, pois se buscava a recuperação do respeito ao trabalho, além de servir como meio de controle político sobre o povo (MUNNÉ, 1992; PUIG & TRILLA, 2004).

Chegando a Idade Média e ao Renascimento, tanto o ócio, quanto o trabalho eram regulados pelas horas de sol e pela Igreja. Dependendo do solstício e do equinócio as horas de trabalho poderiam variar. A Igreja, por sua vez, era responsável por determinar os dias festivos. Além dos domingos, acrescentavam-se outras comemorações religiosas que podiam chegar a oitenta e cinco dias no ano.

Nesse período ócio e trabalho se confundiam, pois não havia a racionalização do tempo e nem sua fragmentação. Nesse sentido, os jogos, as festas e as reuniões caracterizavam-se como prolongamento do trabalho. Além dessas ocupações, podemos afirmar de acordo com Puig & Trilla que o ócio se fazia presente em ações como “estar e passear nas ruas [...], ir a taberna, assistir a espetáculos de saltimbancos ou trovadores. Também o teatro com os Atos Sacramentais, que ao longo do século foram se consolidando, foi importante passatempo, neste caso formativo e moralizador” (2004, p. 25).

A partir da Baixa Idade Média, aparece outro sentido de ócio apresentado por Munné:

a vida ociosa passa a ser convertida num indicador de uma elevada posição, e por ele mesmo num meio de conseguir o respeito social anexo a mesma. Aparece, em consequência, um tempo improdutivo, valioso, que é uma prova convencional direta de

riqueza e poder; isto significa que o essencial é gastar o tempo em exibir o ócio. O ócio é, pois, neste momento histórico, fundamentalmente um ócio ostensivo²³.

Podemos inferir que esse ócio exibicionista e ostentatório, chamado por Veblen de *consumo conspicuo*²⁴, reflete o decoro, as boas maneiras, a moda, as festividades, o mobiliário, o domínio das línguas mortas e outras práticas direcionadas a determinada classe, ou seja, aos burgueses que procuram manifestar suas posições elevadas em busca do respeito social correspondente.

Com as transformações sociais ocorridas ao longo desse período, observamos que no século XVII, novos valores éticos e religiosos passam a considerar o trabalho uma virtude e o ócio um grave vício pessoal e social. O protestantismo e o puritanismo inglês passam a entender o ócio “como contraposto totalmente ao trabalho; é o antitrabalho: a inatividade mesma. O trabalho é produtivo; o ócio absolutamente improdutivo²⁵”, sendo o ócio uma perda de tempo que deveria ser eliminado socialmente. “O protestantismo suprimiu o culto aos santos, e com ele também todos os dias de festa a eles dedicados, que passaram deste modo a ser dias produtivos. O movimento puritano restringiu os prazeres e as distrações, e viu com total receio a prática, inclusive da educação física e os esportes²⁶” (MUNNÉ, 1992).

Como consequência desse postulado, as novas condições sociais impõem aos indivíduos um ritmo de trabalho mais duro. Justifica-se a exploração do trabalho masculino, feminino e infantil, não respeitando mais o horário solar, imprimindo aos trabalhadores jornadas que ultrapassam as doze horas e muitas vezes chegam a dezesseis.

²³ MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico**. México: Trillas, 1992. p.44. No original: “la vida ociosa pasa a convertirse en un indicar de una elevada posición, y por lo mismo en un medio de conseguir el respeto social anejo a la misma. Aparece, en consecuencia, un tiempo improductivo, valioso en tanto que es una prueba convencional pero directa de riqueza y de poder; esto significa que lo esencial es gastar el tiempo en exhibir el ocio. El ocio es, pues, en este momento histórico, fundamentalmente un ocio ostensible”. Trad. Felipe Sobczynski Gonçalves.

²⁴ “*Consumo conspicuo*, expressão notabilizada por Veblen, que serve para designar os gastos subordinados à ostentação, a marca por excelência de um estilo de vida desvinculado da produtividade econômica” (OLIVEIRA, 2002, p. 101).

²⁵ MUNNÉ, **Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico...**, p. 46. No original: “como contrapuesto totalmente ao trabajo; es el antitrabajo: la inactividad misma. El trabajo es productivo; el ocio, absolutamente improductivo”. Trad. Felipe Sobczynski Gonçalves.

²⁶ MUNNÉ, **Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico...**, p. 47. No original: “El protestantismo suprimió el culto a los santos, y con ello también todos los días de festa a ellos dedicados, que pasaron de este modo a ser días productivos. El movimiento puritano restringió los placeres y las distracciones, y miró con total recelo lá práctica, incluso de la educación física y los deportes”. Trad. Felipe Sobczynski Gonçalves.

Para Puig & Trilla é com a Revolução Francesa (1789) que se produzem as últimas mudanças que acabaram configurando o trabalho e o ócio modernos. A Igreja já não tem tanta influência sobre os dias festivos e em nome do liberalismo a organização e as condições de trabalho passam a ser negociados entre homens “livres”, o que possibilitou uma maior exploração daqueles que vivem do trabalho. Uma obra que influenciou essa forma de pensamento foi “*A riqueza das nações*” do filósofo escocês Adam Smith. Segundo Bruhns (2002, p.24), sua obra “baseava-se na tese sobre um ato ser verdadeiramente produtivo se toma matérias-primas e as converte em algo útil para os homens, sendo este trabalho o início da riqueza. Portanto, os verdadeiros produtores são os trabalhadores e os ociosos não produzem nada”. Nessa mesma esteira de pensamento Munné (1992) indica que

a ciência econômica considerou fundamental o valor do trabalho, mas sem dúvida foi Adam Smith [...] quem mais contribuiu para fixar aquela concepção moral: ao ver no trabalho não só a fonte da propriedade – o que já havia dito Locke – mas a fonte de toda riqueza, todo aquele que não trabalha está, e mais exatamente, é ocioso; deixa de ser socialmente produtivo²⁷

Dessa forma, podemos dizer que está preparado o terreno – que há muito vinha sido adubado – propício para o surgimento do capitalismo e com ele um novo sentido de trabalho e de tempo.

Anteriormente ao capitalismo e a Revolução Industrial, não havia uma polarização evidente em relação ao tempo de trabalho e ao “tempo livre”, ambos se complementavam e havia um equilíbrio mútuo, “ambos os períodos contribuíam para formar uma só vida [...] uma certa quantidade de trabalho convidava e tornava possível um tempo de descanso, distração ou comemoração do trabalho realizado [...]. Esse círculo, impossibilitava que alguma dessas atividades crescesse em prejuízo da outra” (PUIG & TRILLA, 2004, p. 27).

Essa complementaridade tem seu marco temporal com a Revolução Industrial quando passa a existir uma cisão entre os distintos tempos. Na concepção de E. P. Thompson é possível compreender historicamente tal cisão no momento em que se

²⁷ MUNNÉ, **Psicosociología del tiempo libre: um enfoque crítico...**, p. 46. No original: “la ciencia económica consideró fundamental el valor del trabajo, pero sin duda fue Adam Smith [...] quien más contribuyó al arraigo de aquella concepción moral: al ver en el trabajo no sólo la fuente de la propiedad – lo que ya había dicho Locke – sino además la fuente de toda riqueza, todo aquél que no trabaja está y más exactamente es ocioso; deja de ser socialmente productivo”. Trad. Felipe Sobczynski Gonçalves.

efetiva a criação de uma nova forma de conceber o tempo, o qual é criado como uma medida que pode ser calculada e que se desenvolveu em conjunto a um novo instrumento mecânico, o relógio. Para Thompson citado por De Decca “[...] seria conveniente assinalar que a origem das fábricas e do trabalho assalariado esteve intimamente ligada a esse processo de constituição de uma nova mentalidade sobre o tempo” (2002, p. 62).

Com o delineamento desse novo panorama, uma nova concepção de tempo – tempo livre – se desenvolveu em contra ponto ao tempo produtivo – tempo de trabalho. Para Munné (1992), com o advento da Revolução Industrial incrementa-se a exploração sobre os trabalhadores aumentando a jornada de trabalho. Não obstante, os trabalhadores ao tomarem consciência da brutal situação de exploração em que se encontravam passaram a lutar pela redução da jornada de trabalho e pelo aumento dos salários. É assim que em pequenas doses surge um tempo novo subtraído ao tempo de trabalho.

Ao continuarmos nossa reflexão sobre a categoria tempo, não podemos deixar de considerar as contribuições de Marx, principalmente por revolucionar cientificamente a forma de concebê-lo. Na perspectiva do autor o tempo está intimamente ligado a realidade concreta e nesse sentido, seu caráter econômico, político e cultural deve ser levado em consideração. Marx ao discutir a teoria do valor numa perspectiva diferenciada fez a denúncia da mercantilização do tempo e descobriu que o valor de uma mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário a sua produção. A partir desse entendimento, a única mercadoria que gera *mais valia*²⁸ é a força de trabalho, pois seu valor é determinado pelo tempo necessário para sua produção e reprodução.

Na concepção de Marx o trabalho²⁹ é visto como categoria ontológica, ou seja, é um fator humanizador essencial, portanto, é uma necessidade insubstituível. No entanto,

²⁸ “A extração da mais-valia é a forma específica que assume a exploração sobre o capitalismo, a *differentia specifica* do modo de produção capitalista, em que o excedente toma a forma de lucro e a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto líquido que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário” (FOLEY, 2001, p.227). Dessa forma, a mais valia é a apropriação do sobretalho, ou seja, é o tempo excedente de trabalho necessário à sua recomposição não pago pelo capitalista, caracterizando seu lucro.

²⁹ De acordo com Marx o trabalho é entendido como “[...] um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza [...] apropria-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza” (2002, p.211).

na acepção de Puig & Trilla, o autor não deixa de reivindicar o direito ao “tempo livre”, pois este há de crescer, antes de tudo, para garantir a plena recuperação da força de trabalho, para depois redistribuir a mais-valia gerada pelo trabalho humano, na qual todos possam se beneficiar dela e, por fim, “o tempo livre servirá de marco, juntamente com o trabalho, para desenvolver plenamente todas as capacidades humanas” (2004, p. 29).

Como nos referimos, Marx em suas discussões levou em consideração tanto o trabalho como o tempo livre, no entanto foi seu genro Paul Lafargue o primeiro a reivindicar o direito à preguiça. Em sua obra procurou desmistificar o dogma do trabalho, consolidado na sociedade capitalista como ideologia, que escraviza os seres-humanos. O autor faz uma crítica contundente à sociedade capitalista, buscando dessacralizar o trabalho, forma contemporânea da servidão voluntária, considerada como “religião”.

Em suas discussões, apresenta que a palavra de ordem “direito ao trabalho³⁰” precisa ser substituída pela contínua e incondicional luta pelo direito ao ócio, este sim, revolucionário. Afirma que a partir do momento em que não ocorrer mais a exploração do homem sobre o homem – sobretrabalho –, o ser humano poderá aproveitar-se dos avanços da tecnologia e, usufruirá do tempo livre, dedicando-se às artes, ao lazer.

Para Lafargue (2003) a luta verdadeiramente transformadora é pelo direito à preguiça, constituindo-se o “dogma do trabalho” numa armadilha que aliena e subjugava ainda mais os oprimidos. Os trabalhadores ao libertarem, primeiramente, sua própria consciência daquele dogma, terão condições de abrir caminho para a construção de um novo mundo, mais humanizado, no qual o trabalho, sendo devidamente regulamentado e limitado, “se tornará um condicionante de prazer da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social” (p. 43).

No entanto, contemporaneamente, o comportamento das pessoas durante o tempo subtraído do trabalho acaba não se caracterizando como totalmente livre, pois, ainda, está superditado pelos condicionantes do trabalho e, nessa perspectiva, se constitui como uma fonte potencial de consumo que os dirigentes capitalistas rapidamente se utilizam de acordo com seus interesses econômicos particulares. Assim, podemos dizer que com esse processo ocorre a conversão de um tempo de não trabalho em um tempo de consumo.

³⁰ Que tanto influenciou e ainda influencia o movimento dos trabalhadores.

A categoria espaço e sua centralidade nas discussões a respeito do lazer

Da mesma forma que discutimos a categoria tempo para compreender o fenômeno chamado lazer, precisamos também aprofundar as discussões referentes à categoria espaço, em busca de elementos que possam contribuir, no futuro, para a possível travessia do labirinto.

Iniciar a discussão sobre tal categoria obriga os pesquisadores a percorrerem longos caminhos, muitos realizam incursões nas diferentes áreas do conhecimento – geografia, sociologia, filosofia, arquitetura – na tentativa de aprofundar o conceito. Trata-se de um assunto complexo, mas que não é objeto principal desse estudo. Dessa forma, nos propomos a refletir tal categoria dialogando principalmente com autores da geografia que tem como referencial epistemológico o materialismo histórico e dialético.

De acordo com Santos (1997), para falarmos sobre o espaço precisamos buscar defini-lo à luz da história concreta. Na mesma direção Luchiari, apresenta em seu texto como a categoria espaço foi se constituindo desde a concepção iluminista de “progresso” até a atualidade que alguns autores chamam de condição pós-moderna. Para a autora, “o espaço como categoria analítica torna-se um instrumento interpretativo de fundamental importância para a compreensão da realidade e para o avanço do processo do conhecimento científico” (1996, p. 192).

A partir dessas considerações, propomos compreender o fenômeno lazer atrelado a categoria espaço. Pensar sobre o espaço é pensar em um instrumento importante para a compreensão da realidade se considerarmos que ele não é apenas um “palco inerte³¹” onde os sujeitos desenvolvem suas ações. Desta maneira, o estudo de sua constituição em nossa sociedade nos dá subsídios para a elucidação dos fenômenos sociais mais complexos como as relações de trabalho estabelecidas, a crescente urbanização e as manifestações sociais e culturais ocorrentes no âmbito do lazer.

Na sociedade capitalista desenvolve-se uma organização particular do espaço, ou seja, aquela imprescindível à sua reprodução e à produção das relações econômicas, sociais e políticas. Nas palavras de Silva,

³¹ Maria Tereza Luchiari aponta a importância da compreensão do espaço para a análise social. Na opinião da autora, o espaço não é um “palco inerte”, pois além de se caracterizar como o cenário onde se desenvolve a história do ser social é o responsável por definir as ações dos seres humanos.

O espaço deve ter alicerces verdadeiramente humanos, que una os homens pelo seu trabalho, sem dividi-los em classes, em explorados e exploradores. Um espaço reprodução da vida, e não uma mercadoria [...]. Tudo conspira para que a organização do espaço se perpetue com as mesmas características, favorecendo ao capital e às suas distorções. Sem reformular a organização do espaço é impossível o projeto emancipatório da sociedade (1994, p. 209).

Levando-se em consideração a organização do espaço social, muitas vezes as ações políticas pensadas para a construção do espaço consideram somente as relações de poder que sobre ele incidem transformando-o em instrumento através do qual se exerce o poder. Como cita Silva “o papel exercido pelo poder no espaço desempenha uma função importante na sobrevivência e manutenção da sociedade capitalista” (p. 209).

Os interesses que existem por parte do capital imobiliário é muito forte e não é a toa que observamos a construção de *shopping center* e de grandes prédios comerciais, onde antes haviam espaços e equipamentos de lazer que eram usufruídos pela população.

Nessa perspectiva, Moraes & Costa contribuem com o debate ao realizar a seguinte reflexão,

na dinâmica dos preços artificiais, o capital financeiro se apropria do espaço, fazendo-o circular de forma abstrata. Nem sempre é o valor real do espaço o que está em jogo. Nesse caso, o que ocorre é uma ‘valorização’ baseada na posse de instrumentos jurídicos de propriedade (1987, p. 141).

Não podemos deixar de considerar que o Estado também tem papel fundamental na realização de políticas para que o capital imobiliário possa se instalar. (GOTTDIENER, 1993; SOJA, 1993).

Essa redução do espaço de convívio para a utilização funcionalista juntamente com o entendimento do lazer como atividade não produtiva, conseqüências da concentração urbana crescente e irreversível, faz com que os espaços destinados ao lazer nas cidades sejam cada vez mais raros. Segundo Pina (1996), citado por Müller,

com esse aumento exacerbado da população no meio urbano é necessário que existam mais áreas e sistemas operacionais de circulação, comunicação, energia, serviços e outros, uma vez que o território passa a ser solicitado por um número crescente de habitantes. Com esses aspectos não solucionados, foram reduzidos gradativamente o espaço urbano e qualidade de vida de seus habitantes (2002, p.3).

Essa questão fica evidente ao percebermos que todo esse crescimento populacional no meio urbano não foi acompanhado por um paralelo desenvolvimento de

infra-estrutura adequada, gerando não só a escassez dos espaços, mas conseqüentemente uma desigual distribuição dos espaços de lazer na cidade, centralizando os principais meios disponibilizados restringindo assim o acesso da classe trabalhadora. Marcellino aponta que “essa situação é agravada, sobretudo se considerarmos que, cada vez mais, as camadas mais pobres da população vêm sendo expulsas para a periferia, e, portanto, afastadas dos serviços e dos equipamentos específicos” (2006, p.72).

Nessa direção, precisamos refletir sobre quem está pensando e oferecendo espaços e serviços de lazer e para quem eles se destinam. As ações da iniciativa privada vêm se constituindo como as principais alternativas para vivências no tempo e espaço de lazer nas cidades, fator que torna o acesso ao lazer restrito às camadas sociais mais privilegiadas economicamente.

Nas palavras de Carlos,

O processo de reprodução do espaço a partir do processo de reprodução da sociedade se realiza, hoje, produzindo novas contradições [...] entre o espaço público e o privado, espaço do consumo-consumo do espaço, abundância relativa da produção-novas raridades, fragmentação-globalização do espaço. Todavia a contradição entre o processo de produção social do espaço e sua apropriação privada está na base do entendimento da reprodução espacial hoje (2001, p. 64).

E continua

Cada vez mais o lazer e o flunar, o corpo e os passos são restritos a lugares vigiados, normatizados e privatizados. Esse fato é conseqüência da “vitória do valor de troca sobre o valor de uso”, isto é, o espaço se reproduz, no mundo moderno, alavancado pela tendência que o transforma em mercadoria – o que limitaria seu uso às formas de apropriação privada (ibid.).

Notamos assim uma necessidade urgente na proposição de espaços e equipamentos que venham possibilitar diversificadas experiências ao sujeito, visto que de nada adianta lutar para o aumento do “tempo livre” do trabalhador se este acabar por utilizá-lo na afirmação dessa política de “mercolazer³²” que vem se constituindo no mundo moderno.

Nesse sentido, Marcellino aponta que a democratização do lazer no ambiente urbano depende da democratização do espaço. Para que a população possa usufruir o seu tempo de lazer com qualidade é necessário que ao tempo livre corresponda um

³² “Dinâmica tendencial de mercantilização do lazer em sua manifestação mais imediata, quando assume a forma de mercadoria propriamente dita” (MASCARENHAS, 2005b, p. 156).

espaço disponível e acessível. Em nosso entendimento, uma das alternativas para que isso aconteça efetivamente é a tomada de responsabilidade por parte do poder público no que se refere à construção e manutenção dos espaços públicos de lazer de acordo com as necessidades e anseios da população. Mascarenhas aponta que alguns espaços podem significar alternativas, segundo o autor:

As praças públicas, os centros de recreação e de cultura popular, entre tantas outras atividades [possíveis] de fortalecimento do uso emancipatório do tempo livre, constituem alguns exemplos de que a inatividade somente pode ser aprofundada se houver o que fazer fora do trabalho tradicional, principalmente fundado na existência de mecanismos de financiamento do tempo livre. De outra forma, lamentavelmente deverá ser cada vez mais o *shopping center* o local de exercício do ócio não criativo, praticado apenas pelos que tem dinheiro. (POCHMANN (1999), citado por MASCARENHAS 2005b, p.165).

Assim, certos espaços públicos podem contrapor a lógica do consumo e da ocupação produtiva do ócio se caracterizando como lugares privilegiados para o desenvolvimento de manifestações culturais e políticas. Nessa direção, Rechia (2006) afirma que para compreender a relação entre lugares abertos/públicos e o cotidiano das cidades precisamos partir do princípio “[...] de que esses ambientes se originam da necessidade de contato, comunicação, organização e troca entre as pessoas, e que a partir deles se estabelece o estreito vínculo entre participação ativa e vida nas cidades” (p. 95).

Entretanto, notamos por muitas vezes certa negligência com relação aos espaços públicos disponibilizados à população, fato esse que parte não somente da administração pública, mas também devido à falta de conscientização, por parte dos usuários, da importância de apropriar-se de ambientes adequados e que proporcionem diversificadas experiências no seu tempo livre. É de fácil percepção que a melhoria e ampliação dos equipamentos de lazer não são constantemente reivindicadas e assim não são entendidos como uma das prioridades da gestão, ocasionando por muitas vezes um sucateamento e descaso nos já ínfimos e inadequados espaços públicos de lazer.

Na concepção de Müller,

O espaço de lazer tem uma importância social, por ser um espaço de encontro e de convívio. Através desse convívio pode acontecer a tomada de consciência, o despertar da pessoa para descobrir que os espaços urbanos equipados, conservados e principalmente animados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos e que se constituem num direito dos brasileiros (2002, p.2).

Além da luta para obtenção de novos espaços, é preciso tratar da conservação dos já existentes. Muitas vezes a solução não está na construção de novos equipamentos, mas na recuperação e revitalização de espaços destinando-os a sua própria função original, ou, com adaptações necessárias, a outras finalidades. (MARCELLINO, 2006).

Procuramos, até o presente momento, articular a importância do espaço com o fenômeno lazer, não obstante, aprofundaremos a discussão referente à categoria espaço, trazendo o conceito desenvolvido pelo geógrafo Milton Santos. Em sua concepção o espaço é “definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”³³ (2006, p. 21).

O espaço não é um pano de fundo impassível e neutro. Assim, este não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais. O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestido de uma certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço (SANTOS, 1986, p.15).

A forma a que se refere Milton Santos, diz respeito aos fixos – instrumentos de trabalho, agências do correio, sucursais bancárias, escolas, hospitais, fábricas, estradas, enquanto o conteúdo corresponde aos fluxos, ou seja, a sociedade em movimento, a circulação, as relações sociais. Assim, o espaço se traduz por um conjunto de formas contendo, cada qual, frações da sociedade em movimento. As formas têm um papel na realização social.

Nessa perspectiva, tanto o espaço quanto o tempo deve ser compreendido segundo Santos (1986) como elementos inseparáveis indicando unidade nessa relação,

³³ **Sistema de objetos:** Há quem distinga os objetos das coisas. As coisas se caracterizam pelo produto da elaboração natural, enquanto os objetos são produtos da elaboração social, ou seja, são resultados do trabalho. Para Santos (2006), cada vez mais os objetos tomam o lugar das coisas, “já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos” (p. 65).

Sistema de ações: A ação é um processo, mas um processo dotado de propósito. “Quando, através do trabalho, o homem exerce ação sobre a natureza” ele transforma o meio externo e ao mesmo tempo transforma sua própria natureza. “A ação é subordinada a normas, escritas ou não, formais ou informais e a realização do propósito reclama sempre um gasto de energia” (idem, p.78). Nesse sentido, só o homem tem ação, pois somente ele tem objetivo, finalidade. Contudo, “as ações humanas não restringem aos indivíduos, incluindo também, as empresas, as instituições”. Assim, “as ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções” (id., p.82).

cuja intervenção de trabalhadores e trabalhadoras na história, constrói cultura, através de mutação, movimento e utopia.

Após apresentarmos as diferentes concepções de tempo e a centralidade da categoria espaço para a compreensão do fenômeno lazer, nos propomos a entrar no labirinto, apresentando os diferentes “fios de *Ariadne*” na tentativa de superarmos o “monstro”.

Os diferentes “fios de *Ariadne*” no debate sobre o lazer

A literatura brasileira referente aos “fios de *Ariadne*”³⁴ que iremos discorrer é bastante ampla e por diversas razões existem diferentes pontos de vista. Vários são os autores que se arriscaram a entrar no labirinto para enfrentar o Minotauro.

Para iniciarmos as discussões, o primeiro “fio de *Ariadne*” que nos leva para dentro do labirinto trata-se da concepção de Bramante (1998), segundo ele “o lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um *tempo conquistado*” (p. 9). Esse entendimento se dá devido à constituição da sociedade capitalista, onde podemos observar uma tendência à transformação do tempo de não trabalho em mercadoria, dessa forma, o uso do tempo deve ser direcionado para determinada finalidade. No entanto, na tentativa de subverter a máxima “tempo é dinheiro”, imposto por esse modo de produção, precisamos lutar para conquistar um tempo da não obrigação na tentativa de exercitar, segundo o autor, “a face humana da vida plena”.

A materialização dessa conquista ocorre por meio de uma experiência pessoal criativa, prazerosa, sendo a ludicidade³⁵ seu eixo principal. Para Antonio Carlos Bramante, independente da concepção que os diferentes autores adotam a respeito da temática, todos tendem a concordar que a ludicidade é compreendida como eixo principal da experiência de lazer.

³⁴ Os “fios de *Ariadne*” se referem às diferentes concepções de lazer apresentada por autores brasileiros.

³⁵ O lúdico é uma manifestação cultural que permeia várias dimensões da vida humana. Não existe de forma isolada numa ou noutra atividade, podendo se expressar nas mais diferentes situações – no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc. O lúdico é, portanto, inerente à cultura e, por suposto, ao ser humano. Sendo linguagem humana, pode manifestar-se de diferentes formas – oral, escrita, gestual, visual, artística, entre outras. (MARCASSA, 2005; GOMES, 2004).

Segundo o autor, as pessoas, ao se envolverem no lazer, são influenciadas pelo par dialético, indivíduo e ambiente, sendo que o primeiro parte da motivação intrínseca e da percepção de liberdade e o segundo é responsável pelo potencial socializador. Não podemos esquecer que essa mútua influência está intimamente ligada ao acesso aos bens culturais que são determinados por fatores sócio-político-econômico.

O autor levanta vários pontos que são fundamentais para a compreensão do lazer, no entanto, quando se refere ao lazer como dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, nos questionamos: Quando e como podemos caracterizar esse tempo conquistado? Caso estejamos em nosso tempo de trabalho e, mesmo assim, tenhamos uma experiência criativa e prazerosa podemos considerar como um momento de lazer? Da mesma forma, se pensar no intervalo entre duas aulas, seja na escola ou na universidade, é possibilitado um pequeno espaço de tempo para jogar futebol, basquete, vôlei, ou qualquer outra atividade. Podemos considerar esses momentos como tempo conquistado, ou seja, como lazer?

Em nossa opinião, devemos pensar nessas questões com certo cuidado, pois muitas vezes o que se caracteriza como lazer para determinada pessoa pode não ser considerado para outra. Nos exemplos que apresentamos os trabalhadores ou os estudantes encontram-se em seu tempo de trabalho, ou seja, é um tempo de obrigações. Assim, para que uma experiência criativa, prazerosa ou uma prática corporal seja qualificada como lazer, pressupõe, a existência do tempo livre.

Tais indagações são importantes para aprofundarmos as discussões entre os diferentes “fios de *Ariadne*”, pois a forma de conceber a apropriação do tempo influencia diretamente a concepção de lazer.

Após compreendermos o conceito de Bramante, trazemos, nesse momento, dois autores, Camargo (1986) e Marcellino (1987), que tiveram influência do pensamento do sociólogo francês Joffre Dumazedier³⁶ a respeito do lazer, e que contribuirão com nossas reflexões.

Primeiramente vamos nos referir ao “fio” de Camargo, que concebe o lazer como

36 Dumazedier (1973) compreende o lazer como “[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das ocupações profissionais, familiares e sociais” (p.34).

Um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional ou doméstico e que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (1986, p. 97).

Para o autor o lazer é produto de uma revolução social ao mesmo tempo técnica - sendo o “tempo livre”, pago pelo trabalho, conquistado pelos movimentos sociais que almejavam mais tempo para a família, para o estudo, para a religião ou militância política que surgiu pela crescente busca do hedonismo.

Como é possível observarmos em seu conceito, o autor da mesma forma que Dumazedier classifica as atividades de lazer segundo diferentes interesses culturais, sejam eles físicos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais, além de acrescentar o turismo, como área de interesse cultural do lazer, que não aparece diretamente no conceito, mas se faz presente em suas obras.

Quando o autor afirma que o conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias estão centradas nos diferentes interesses, podemos afirmar que esse conceito é passível de críticas, pois de acordo com Cavichioli (2004), os diferentes itens classificados apresentam problemas se forem submetidos à prova com a realidade concreta. Para ele nem sempre as atividades físicas se caracterizam como lazer, pois muitas vezes as pessoas estão desenvolvendo tal exercício por recomendação médica e como o próprio Camargo se refere em seu conceito, o lazer deve ser prazeroso, e nem sempre a atividade física tem essa característica, deve ser voluntária, ou seja, deve ser uma escolha pessoal, o que nesse caso não se observa, pois se trata de recomendação médica. As atividades manuais nem sempre estão livres da influência do tempo de trabalho, pois muitas vezes, essa atividade, pode se constituir como uma forma de subsistência e nesse ínterim deixa de se caracterizar como lazer. O mesmo acontece com determinadas atividades artísticas que são realizadas em praças, calçadões, na qual os artistas as desenvolvem como um meio de subsistir. Muitas das atividades sociais, como jogar golfe, jantar, que inicialmente se caracterizam como lazer, se desenvolvidas com objetivos de fechar grandes negócios, tendo como função principal a obrigação profissional perde sua essência. Da mesma forma acontece com as atividades intelectuais que se desenvolvidas como forma de cumprir uma obrigação estudantil ou profissional deixa de ser lazer.

Nessa direção devemos ter cuidado ao agarrarmos o “fio de *Ariadne*” que designamos a Camargo. Devemos ter um olhar mais aprofundado ao analisarmos o conceito para não incorreremos no erro de designar por lazer determinadas atividades que se caracterizam como profissionais, não sendo voluntárias, prazerosas ou liberatórias.

O outro autor que tem Dumazedier como referência em seus estudos e que entra no labirinto com mais um “fio de *Ariadne*” é Marcellino (1987), que conceitualmente se refere ao lazer “como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no *tempo disponível*³⁷”. Para o autor, o traço definidor dessa vivência é seu caráter “desinteressado”, o que o aproxima da concepção de Dumazedier. Isso quer dizer que não se busca outra recompensa, além da satisfação provocada pela própria situação. “A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (p. 31). Marcellino se refere ao lazer como um tempo que proporciona vivências de valores que contribuem para o questionamento das relações sócias vigentes, além de promover o desenvolvimento social e pessoal.

Da mesma forma que Camargo, adota a classificação desenvolvida por Dumazedier no que diz respeito aos interesses físicos, práticos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais. Para Marcellino esses interesses favorecem o desenvolvimento dos seres-humanos em busca do *ser* em contraponto ao *ter*. Além disso, considera como ideal, por parte das pessoas, o exercício desses cinco grupos no tempo disponível, mesmo tendo consciência de que não é possível, pois as pessoas optam por um campo específico e acabam não tendo condições de conhecer os outros grupos.

Nesse sentido, existem evidências de que Marcellino parte dos estudos de Dumazedier, desenvolvendo algumas críticas à visão funcionalista do sociólogo.

Não obstante, a mesma crítica deferida a Camargo, a respeito dos diferentes interesses do lazer, também deve ser feita a Marcellino. Outro ponto que pode ser questionado e que podemos destacar segundo Alves (2003), trata-se do entendimento de cultura que nós profissionais e estudiosos do lazer temos. Quando Marcellino se refere à cultura “em seu sentido mais amplo” qual é sua intenção, o que significa? Essa indagação é pertinente ao pensarmos se realmente existe um significado restrito para cultura. Dessa forma, a autora aponta a necessidade de superarmos o entendimento

³⁷ Para Marcellino, tempo disponível é o tempo para além das obrigações profissionais, familiares, escolares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude (1998). Fala em tempo disponível ao invés de tempo livre, por acreditar que não existe um tempo realmente livre de coações ou normas de conduta social.

restrito de lazer como cultura, pois se assim o fizermos precisaremos aprofundar as discussões e o conhecimento sobre essa dimensão. O lazer se caracteriza como uma das dimensões da cultura da mesma forma que o trabalho, a educação.

Outro ponto que pode ser questionado refere-se a sua crítica ao “tempo livre”, pois segundo ele não existe um tempo que seja realmente “livre” de coações ou normas de conduta social. No entanto, segundo Mascarenhas & Marcassa (2005) o tempo livre é a extensão da lógica do trabalho às outras dimensões da vida humana, o que não significa dizer que a categoria *tempo livre* seja inválida para compreender o lazer. Para os autores, nela é possível visualizarmos “o período, o tempo social, e as relações estabelecidas para que o lazer aconteça, evidenciando que o tempo livre é condição para o lazer, mas não é a garantia de que este se realize” (p. 256), pois existem outras práticas sociais contidas no tempo livre que não se confundem com o lazer.

Com esse entendimento, segurar o “fio” destinado a Marcellino necessita atenção, na medida em que ele não explica como será possível a partir do plano da cultura promover mudanças, sejam de caráter individual ou social.

Na esteira das discussões referentes ao lazer, Heloisa Turini Bruhns nos traz mais um “fio de *Ariadne*” com sua concepção de lazer. A autora procura incorporar novos autores, como E. P. Thompson e Sebastian De Grazia, para a discussão e estuda o lazer levando em consideração outros elementos como a contraposição entre jogo e esporte, as manifestações corporais e com o meio ambiente.

Em suas reflexões, aproxima-se muito das discussões realizadas por De Grazia referentes ao ócio e a crítica que defere a falsa imagem de que o tempo fora do trabalho pode ser totalmente livre. A autora afirma que o tempo livre por definição jamais pode ser livre por trazer consigo a noção de tempo linear, além dessa afirmação, rejeita a idéia de igualar o lazer com o tempo livre, pois,

o lazer não está em relação adjetival com o tempo, é um estado de isenção de obrigações (se nos aproximarmos do ideal clássico) e as atividades de lazer são aquelas cujas finalidades estão em si mesmas. O ato de parar ou começar uma atividade no lazer não está ligado ao tempo, mas ao interesse que ele desperta. [...] O tempo livre se converteu numa obsessão, conduzindo alguns escritores a definir o lazer como tempo disponível (descomprometido) (2002, p.31).

Em sua perspectiva, lazer é um conceito qualitativo, um estado de ser, um tipo sentimento, que se refere a algo muito pessoal e que, se trocado por tempo livre, passa a

ser algo facilmente quantitativo. O lazer ao se converter em tempo afasta-se “da vida de contemplação do belo, do refinamento das idéias, do cultivo da mente. Os gregos viviam a vida de ócio e esta vida era para ser vivida na ciência, na virtude e na arte; intelecto e beleza não eram separados” (2002, p.37).

Não obstante, acreditamos que não se trata de igualar o lazer e o tempo livre ou como se refere a autora lançar ao lazer o adjetivo tempo, até porque, como nos referimos anteriormente, o lazer só tem as condições objetivas para sua existência no momento em que a classe que vive do trabalho, conquista um tempo maior para si com a redução da jornada de trabalho. Assim, essa possibilidade de aumento do tempo livre de trabalho, permite que os trabalhadores possam ter um tempo livre para usufruí-lo, seja para o lazer ou para qualquer outra atividade.

Outra reflexão que podemos propor diz respeito a afirmação, da autora, de que os gregos viviam a vida de ócio, no entanto nos perguntamos: quais gregos tinham a possibilidade de viver essa vida? Segundo o modo de produção da existência que caracterizava aquela sociedade a maior parte da população era escrava e não tinha acesso ao ócio, pois precisavam trabalhar para garantir as condições de existência dos chamados cidadãos livres, esses sim tinham a possibilidade de viver o ócio.

Em seus estudos, Bruhns, também traz a importância de se discutir os componentes do lazer relacionados com a cultura, pois ela pode ajudar na explicação e na compreensão da realidade, além disso, revela que a cultura não é estanque e que as mudanças passam a ser aspectos fundamentais para sua compreensão.

Apesar de falar da importância de alguns componentes da cultura para analisar a sociedade, faltou ainda, de acordo com Cavichioli (2004, p. 132), “estabelecer uma discussão acerca do significado e do entendimento de cultura”, pois da forma como é apresentada em seus estudos, as críticas acabam restritas às características apresentadas pelo sistema industrial e assim, “esse tipo específico de raciocínio reduz processos sociais à condição de estados estáticos” (p. 133).

Nessa direção, ao analisarmos o “fio de *Ariadne*” destinado a Bruhns, podemos afirmar que traz elementos fundamentais para pensarmos no lazer principalmente quando leva em consideração as questões do cotidiano, as contraposições existentes entre o jogo e o esporte e assim por diante. No entanto, em nossa concepção, o ato de parar ou começar uma atividade no lazer está diretamente ligada a questão do tempo em consonância com o interesse que ele desperta. Assim, para que as experiências de lazer

sejam significativas, a existência do tempo livre é condição *sine qua non*.

Apresentamos até o momento as diferentes concepções de tempo, que fazem parte dos diferentes “fios de *Ariadne*”. Não obstante, outro autor que traz importantes reflexões a cerca das discussões do lazer e que mais temos nos aproximado teoricamente é Mascarenhas, ou seja, dentre os “fios” que temos encontrado, esse é o que nos dá mais segurança.

Como sugere o autor, o lazer é compreendido como um “fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (2003, p. 97).

Para o autor, resulta das tensões entre capital e trabalho, portanto,

[...] o chamado *tempo livre* surge em meio às contradições do próprio desenvolvimento capitalista como conquista de classe [...] a noção de *tempo livre* e o próprio entendimento de lazer não surgem com a Revolução Industrial, mas em outro cenário, quando as lutas sociais conseguem impor poucas, mas significativas transformações sociais (2000, p.77, grifo do autor).

Podemos observar que é a partir da organização coletiva dos trabalhadores pelo aumento do *tempo livre* e conseqüentemente pela redução da jornada de trabalho que podemos intentar um tempo de desenvolvimento de indivíduos e coletividades.

Mascarenhas esclarece que o lazer constitui-se como um tempo e espaço de organização da cultura, ampliando as oportunidades para que se questionem os valores da ordem social vigente, de forma que as pessoas possam se apropriar, reelaborar e produzir cultura.

Nessa esteira de discussão, a cultura é perpassada por relações de hegemonia, ou seja, torna-se palco social de disputa hegemônica, onde a tensão se dá entre a penetração massiva da indústria cultural no mercado da diversão do entretenimento, ou seja, no “mercolazer” e a ação política e pedagogicamente orientada para uma formação crítica e criativa.

Nessa perspectiva, nos propomos a pensar nas questões referentes ao lazer do ponto de vista das classes trabalhadoras. Como indica De Decca ao fazer uma releitura das obras de E. P. Thompson,

Tanto podemos ver nas atividades de lazer a manutenção das tradições e valores de sociedades anteriores ao capitalismo, como podemos apreendê-lo em suas dimensões complementares ao trabalho disciplinado. Assim o lazer pode ser percebido nos

interstícios do sistema de fábrica, como espaços e parcelas de tempo não administrados pelo capitalismo, como pode também, ser visto sob o ângulo da administração do tempo livre complementar ao trabalho organizado oriundo da racionalização moderna do capital. O lazer pode ser entendido tanto pela ótica da acomodação como pela da resistência à imposição dos modos de vida criados pelo sistema de fábrica. Nessa perspectiva é que se delineiam as estratégias dos sujeitos históricos. (2002, p.61).

Nesse sentido, não devemos compreender o *tempo livre* e o tempo de trabalho de forma dicotômica, precisamos sim nos indagar sobre o modo como o indivíduo moderno dribla essa dicotomia. O lazer está diretamente relacionado ao mundo do trabalho da mesma forma que o trabalho está para as vontades e necessidades humanas, cujas possibilidades de realização passam, inclusive, pelo próprio lazer.

Temos consciência de que o aumento do *tempo livre* não se deve ao processo de automação decorrente do progresso técnico, pois no modo de produção capitalista não assistimos a “libertação” do homem, seja no campo ou na indústria. O que observamos, em grande parte, com esse incremento tecnológico é a flexibilização e a precarização do trabalho, na qual o aumento do *tempo livre* não significa aumento de salário, mas sim o aumento da miséria humana.

Dessa forma, concordamos com o Mascarenhas quando observa que,

Sob os auspícios do capital, a verdadeira liberdade no tempo não residiria, portanto, no fazer “*o que se quer*”, mas na possibilidade de um exercício crítico e comprometidamente superador de nosso modo de sentir, pensar e agir que não ocorre somente no plano individual, mas se dá dialeticamente articulado ao conjunto das outras relações que se estabelecem em uma determinada organização social (2000, p. 87).

Acreditamos que talvez seja por meio da cultura popular, da organização coletiva das comunidades com seus laços sociais que poderemos compreender as experiências no âmbito do lazer de forma transformadora. Nesta perspectiva, Rechia (2006), considera relevante pensar nas práticas sociais realizadas nos interstícios da vida urbana como uma “linha de fuga” ao tempo de trabalho. De acordo com a autora, “essas experiências podem possibilitar a aquisição de novos valores humanos os quais se diferenciam de meras atividades compensatórias, funcionalistas e consumistas” (p. 94).

Além disso, afirma que para entendermos algumas experiências do lazer como uma possibilidade de resistência, precisamos antes de tudo “compreender que no interior das práticas de lazer e por meio delas os sujeitos, conscientes ou não, podem realizar – na extensão de suas possibilidades – a crítica de sua vida cotidiana”. (2003, p.16).

A partir das discussões que realizamos em torno da compreensão do tempo e para melhor entendimento do que seria a “linha de fuga”, coadunamos com Munné (1992) que “ao conjugar a liberdade com a temporalidade, esta distinção se traduz em dois estágios temporais dado por tempo de *liberdade de* e um tempo de *liberdade para*³⁸. Os dois termos se referem ao “tempo livre”, sendo que o primeiro é condicionante para que exista o segundo, mas isso não exclui uma relação dialética entre eles, pois é a partir do segundo estágio que podemos chegar à liberdade objetiva, ou seja, o *tempo livre de*, está diretamente ligado ao tempo de trabalho, enquanto o *tempo livre para*, deve ser concebido como um tempo direcionado ao desenvolvimento da liberdade plena, seja por meio das diversas práticas culturais, pelo descanso ou contemplação, ou pela realização de atividades obrigatórias, de formação pessoal ou social.

Para que realmente se efetive a proposta um *tempo livre para* concordamos com Frigotto ao afirmar que “a luta dos seres humanos [...] é no sentido de abreviar o tempo de trabalho constrangido pela necessidade para gerar um tempo de liberdade ou de escolha. Esse é um tempo verdadeiramente criativo e, portanto, genuinamente humano” (2000, p. 343).

Mesmo acreditando na busca de uma certa liberdade plena não devemos ter uma visão idealizada, pois vivemos em uma sociedade em que as políticas neoliberais prestam-se à sustentação ideológica e a legitimação de políticas que incrementam o atual movimento do capital. Estas políticas se capilarizam pelas várias instâncias da sociedade atingindo vários setores da população, uma vez que atingem diretamente as chamadas políticas sociais que tanto relevo tiveram no Estado de bem-estar social. O lazer enquanto política pública também sofre os impactos tanto dessas ações como do discurso ideológico dos defensores desse modo de produção.

Então ao pensarmos no contexto de acumulação flexível³⁹, de reformas trabalhista e previdenciária, a existência de um *tempo livre de*, segundo Mascarenhas “não se restringe somente ao tempo livre

³⁸ MUNNÉ, *Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico...*, p. 102. No original: “al conjugar la libertad con la temporalidad, esta distinción se traduce em dos estadios temporales dado por un tiempo de *libertad de* y un tiempo de *libertad para*”. Trad. Felipe Sobczynski Gonçalves.

³⁹ Para melhor compreensão do termo, acumulação flexível, buscar (GOUNET, 1999).

do final do dia, mas implica também no tempo livre remunerado de final de semana, no direito ao tempo livre remunerado de férias regulares e no direito ao tempo livre do final da vida com aposentadoria digna” (2005, p. 400), que infelizmente tem sido diretamente ameaçado.

Entretanto, mesmo tendo consciência de todas essas encruzilhadas e as armadilhas que se fazem presente nas discussões referentes ao labirinto do lazer, existem estudos que apontam diferentes formas de subverter as normas estabelecidas por meio de uma antidisciplina. Nessa perspectiva, Certeau (1994), afirma que precisamos descobrir

que procedimentos populares (minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos institucionais e não se conformam com eles a não ser para alterá-los; enfim, que maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?) dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica [...] essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural (p.41).

Seguindo nessa linha de raciocínio, para Certeau (1994), as “táticas” são fundamentais no processo de subversão as normas, pois se caracterizam como parte das “maneiras de fazer”, não contando com lugares definidos para agirem. Além do mais, para que sejam possíveis, precisam jogar com os acontecimentos transformando-os em “ocasiões”, ou seja, é necessário aproveitar as brechas que o sistema nos fornece para que de maneira astuta possamos lutar pelos interesses da coletividade.

A partir do entendimento das “maneiras de fazer” podemos afirmar de acordo com Rechia (2006) que o lazer vivenciado de maneira astuta “diferencia-se, de certa forma, da perspectiva consumista, circunstancial, funcional, em que o mero entretenimento satisfaz temporariamente as necessidades humanas” (p. 94), ou seja, existem brechas que possibilitam qualificar as experiências de lazer para além de sua mercantilização. Dando seqüência ao seu pensamento, a apropriação cotidiana dos diferentes espaços e equipamentos permite outras vivências/manifestações significativas no âmbito do lazer. “Essas experiências podem estar sustentadas em valores que contemplam de maneira especial a relação sujeito-ludicidade, gerando um estilo de práticas singulares no ambiente urbano” (p. 94).

Nesta esteira de pensamento, acreditamos no lazer como um dos fenômenos preocupados com o projeto de emancipação humana. Dessa forma, talvez seja por meio da emancipação em busca da liberdade que as manifestações de lazer se materializem nas diversas realidades existentes.

Assim, acreditamos no lazer como possibilidade de fruição de experiências significativas no tempo e espaço, em que o ser humano de forma lúdica possa potencializar suas ações críticas, criativas e transformadoras, e enfim o lazer vivenciado de maneira astuta possa contribuir na busca pela emancipação dos seres-humanos, dando-nos condições de “derrotar” o Minotauro e retornar do labirinto.

A partir das discussões realizadas nesse capítulo, iniciando com as diferentes concepções de tempo ao longo da história, que acabaram influenciando a conceituação de lazer, passando pelas reflexões do labirinto teórico a partir da literatura brasileira, podemos inferir que apesar dos diferentes autores terem visões divergentes e muitas vezes conflitantes a respeito do fenômeno lazer que é influenciada pela forma de conceber o tempo (*conquistado, livre, disponível*), todos têm aprofundado suas discussões a respeito do lazer, levando em consideração a categoria espaço como um componente de fundamental relevância para maior entendimento desse fenômeno, seja em fórum de debates, em congressos ou em artigos publicados.

Após a incursão e subsequente desafio de tentar atravessar o labirinto, propomos no próximo capítulo uma descrição do cenário urbano pesquisado, na tentativa de fornecer elementos para que possamos conhecer com maior profundidade os lugares que compõem o espaço chamado Vila Nossa Senhora da Luz.

CAPÍTULO III

PARA ENXERGAR O INFINITO DEBAIXO DE NOSSOS PÉS NÃO BASTA
OLHAR DE CIMA



Fonte: IPPUC, Vila Nossa Senhora da Luz, 2002.

O caminho percorrido

Como nos referimos na introdução desse trabalho, procuramos realizar uma investigação social procurando compreender como se efetiva a apropriação dos espaços e equipamentos de lazer e esporte da VNSL. Para concretizarmos nossas intenções optamos por determinadas escolhas em busca do melhor caminho a ser percorrido.

Nesse sentido, decidimos pela abordagem qualitativa, pois favorece a utilização de grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Podemos dizer que as técnicas mais comuns são as observações (participante ou não), a análise de documentos, as entrevistas e a utilização de diários de campo, embora possam ser complementados por outras técnicas.

Por se tratar de um estudo que tem como intenção compreender a relação existente entre o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos, a apropriação desses ambientes e as possibilidades de experiências no âmbito do lazer, que optamos pela triangulação dos dados.

Como descrevemos no primeiro capítulo, a VNSL apresenta uma grande concentração de espaços e equipamentos de esporte e lazer, ou seja, são 13 (treze) praças. Neste momento, surge a seguinte questão: O que justifica um número tão elevado de espaços em um único conjunto habitacional que atende um contingente restrito da população?

Para aprofundarmos as discussões e nosso entendimento no intuito de responder nossa indagação sobre a VNSL, buscamos o IPPUC e alguns órgãos da prefeitura municipal de Curitiba como a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, Secretaria Municipal do Meio Ambiente e departamentos competentes que pudessem nos auxiliar, seja cedendo algumas informações que constam da base de dados que o IPPUC dispõe, sobre os bairros, a população e os espaços de Curitiba, por meio dos documentos disponíveis a respeito das políticas públicas de esporte e lazer pensadas para as diferentes regiões da cidade ou pelos documentos e mapas, referentes aos projetos destinados aos espaços e equipamentos de lazer e ao esporte.

O caminho que trilhamos, para analisar os documentos, se deu pela opção da análise de conteúdo que é a expressão mais usada para representar o tratamento dos dados em pesquisa qualitativa, além de fazer parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais.

Existem várias técnicas de análise de conteúdo, que procuram buscar significados para os materiais qualitativos, no entanto, para o desenvolvimento deste trabalho a análise desenvolvida foi a temática, pois a noção de tema está diretamente relacionada através de uma palavra, uma frase, um resumo, um mapa. Neste sentido, Bardin nos mostra que “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (1977, p.105).

Por meio da análise dos documentos cedidos pelos órgãos referidos anteriormente, percebemos que o bairro Cidade Industrial de Curitiba apresenta um grande número de espaços e equipamentos destinados ao esporte e ao lazer, no entanto, foi somente a partir da observação dos documentos da Regional⁴⁰ CIC (Anexo-2) que realmente delimitamos nosso objeto de estudo.

Após a delimitação fomos a SMMA e pedimos à responsável pelo Departamento de Parques e Praças (MAPP) um levantamento documental⁴¹ sobre as praças e os equipamentos de lazer existentes na Vila Nossa Senhora da Luz.

Ao selecionarmos a VNLSL com suas treze praças, optamos por mapear todas, utilizando um protocolo de observação⁴², que analisou o perfil, a descrição, a acessibilidade, condição do local e dos equipamentos, a apropriação, além da descrição destes lugares (Anexo-3). Partes, dessas observações, já foram descritas no primeiro capítulo.

Nosso objetivo nesse momento é enxergar a realidade concreta, ou seja, como se caracteriza e como ocorre a apropriação das praças públicas. As praças apresentam diversas características, dentre elas podemos citar, a acessibilidade que é permitida a todas as pessoas, além da possibilidade de sociabilidade que há nesses lugares. A dinâmica das relações sociais que se estabelecem nas diferentes praças, podem ser influenciadas pela composição dos espaços e seus equipamentos, que podem

⁴⁰ A regional é composta pelas chamadas "Ruas da Cidadania", serviços públicos do Município, do Estado e da União, além de comércio e lazer. A Rua da Cidadania é a filial da Prefeitura nos bairros, onde está a sede da administração regional, que tem como função a coordenação da atuação dos diversos órgãos públicos junto à comunidade. De forma a atuar dentro do princípio da descentralização da administração pública e garantir o acesso da população aos serviços ofertados, as Ruas da Cidadania estão sendo implantadas junto ou próximo a terminais de transporte. (A regional CIC por ser muito recente - 2006 - ainda não possui Rua da Cidadania).

⁴¹ As informações sobre a localização das praças, nos mapas oficiais da cidade (documentos cedidos pelo MAPP em 29 de Junho de 2006).

⁴² Protocolo de observação validado pelo CEPELS (Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade) da Universidade Federal do Paraná.

oportunizar o desenvolvimento da reflexão crítica a respeito do cotidiano. Dessa forma, os espaços públicos se caracterizam como expressão da vida coletiva nas cidades.

Para compreendermos como se efetiva a apropriação dos espaços públicos, realizamos observações dos espaços e equipamentos, das práticas corporais vivenciadas pela comunidade, registrando em um diário de campo toda movimentação que ocorria nas praças, realizamos aproximadamente trinta visitas no período de outubro de 2006 a setembro de 2007, tempo suficiente para afirmarmos que as formas de apropriação começaram a se repetir. As visitas eram alternadas em manhã, tarde e noite, tanto em dias de semana quanto em finais de semana, por um período aproximado de três a quatro horas.

Após as observações tivemos a preocupação em saber das pessoas, que se apropriam dos diferentes equipamentos presentes nas praças, com qual frequência, qual finalidade, em que horários e quais equipamentos utilizam. Para tanto, realizamos entrevistas semi-estruturadas, seguindo principalmente o critério de presença na praça durante as atividades.

Todas as entrevistas foram gravadas em equipamento digital (mp3). No total, realizamos vinte e uma entrevistas, discriminada da seguinte forma: uma com o arquiteto⁴³ da Vila Nossa Senhora da Luz; uma com gestor da SMMA⁴⁴; duas com gestores da SMEL⁴⁵, além de dezessete com usuários, sendo quatro mulheres e treze homens.

A análise das falas dos participantes ocorreu paralelamente ao processo de coleta, a fim de encontrarmos o foco adequado para a pesquisa, acrescido de uma maior garantia de verificação das interpretações junto aos participantes e fontes escritas. Procuramos nos ater tanto às evidências apontadas pelos entrevistados quanto as impressões ou posições pessoais. No processo de análise tivemos a preocupação de observar, ouvir e interpretar os dados. Dessa forma, estes procedimentos foram utilizados durante todo o andamento da pesquisa.

A partir de então começamos a trabalhar com os diferentes materiais coletados,

⁴³ Entrevista realizada com o diretor técnico e arquiteto da primeira gestão da COHAB-CT, Alfred Willer, no dia 19 de Junho de 2007.

⁴⁴ Entrevista realizada com o gerente de manutenção e conservação de praças da SMMA, Luiz Antônio Albuquerque, no dia 22 de Junho de 2007.

⁴⁵ Entrevistas realizadas com o gerente da SMEL (Regional-CIC), Guatimozin de Oliveira Santos, no dia 19 de Junho de 2007 e com a gerente de lazer da SMEL, Patrícia R. Bozza, no dia 25 de Setembro de 2007.

observações, entrevistas, diário de campo, analisando os dados em conjunto com as discussões apresentadas no referencial teórico. Em posse das observações e entrevistas, começamos a analisar o material diagnosticando o que se repetia, o que mais chamava a atenção, na tentativa de levantar categorias de análise, que na concepção de Minayo (1994, p.70), significa “agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”.

Assim, antes de discutirmos as categorias de análise, temos como propósito inicial apresentar a realidade concreta, descrevendo os diferentes cenários que observamos.

Procurando enxergar a realidade concreta: as observações realizadas nas praças da Vila Nossa Senhora da Luz

No primeiro capítulo, fizemos uma apresentação das treze praças com os equipamentos de lazer que as compõem. No entanto, não discutimos as diferentes formas de apropriação, por parte da comunidade. Essa será nossa tarefa a partir de agora.

Desde o princípio de nossa pesquisa, optamos por conhecer todas as praças e não elencar uma ou duas para realizar nossas observações. A partir dessa opção poderíamos correr o risco de não dar conta de realizar observações com profundidade, devido ao fator tempo. Apesar disso, no decorrer da pesquisa, ou seja, na medida em que conhecíamos nosso objeto de estudo, algumas praças foram se tornando menos relevantes para nossa pesquisa. Como assim? Poderia perguntar o leitor.

Toda pesquisa procura responder a uma pergunta e para isso tem alguns objetivos a serem alcançados, dessa forma, quando elegemos como um dos objetivos observar como se dava a apropriação cotidiana desses ambientes, ou como se dava a apropriação a partir dos “laços” sociais constituídos, algumas praças não eram efetivamente apropriadas pela comunidade. Sua utilização se dava de forma esporádica como, por exemplo, a *Praça Milton César da Silva ou Praça-1*, na qual as poucas pessoas que se apropriam desse lugar, geralmente, são os moradores do entorno. Em nossas visitas, tivemos a oportunidade de observar que os moradores da VNSL se encontram nessa praça devido à existência do armazém da família que se caracteriza

como um equipamento social. Já os equipamentos de lazer (escorregador e gangorra de ferro) presentes nessa praça são apropriados, por crianças, principalmente no momento em que os pais estão fazendo compras ou esperando na fila do armazém. Quase não se observa a apropriação por parte dos jovens.

Além da existência do armazém da família, há uma creche, que se configura como outro equipamento social, também mantida pela prefeitura. Devido aos dois equipamentos sociais, essa praça tem um espaço reduzido para os equipamentos destinados às experiências no âmbito do lazer. Apesar disso, não podemos dizer que esses equipamentos caracterizam-se de forma negativa dentro da VNSL, por ocuparem um espaço que poderia ser destinado a mais uma cancha de futebol e de vôlei, pois há uma concentração destes espaços nas outras praças. Os dois equipamentos sociais possibilitam que a comunidade tenha condições de comprar alimentos de primeira necessidade a um custo reduzido, trata-se de uma comunidade que apresenta uma condição sócio-econômica desfavorável, além de permitir aos moradores da VNSL que trabalham deixarem seus filhos num local próximo às suas residências que não se preocupam apenas em cuidar das crianças, mas também em contribuir com a educação das mesmas.

Essa não é a única praça que apresenta essas características, na *Praça Alceu Mileke ou Praça-4* não observamos nenhuma forma de apropriação no âmbito do lazer, no entanto, podemos afirmar que existe uma apropriação diferenciada dessa praça ao observarmos que o muro que fica ao redor do Posto de Saúde, que é de extrema importância para os moradores da VNSL, é todo grafitado⁴⁶, mostrando que de certa maneira essa praça já foi apropriada.

Esses três equipamentos apresentam uma relevância social para a comunidade quando pensamos em políticas públicas. Contudo, não podemos afirmar que os equipamentos sociais são perfeitos e que a população não tem nenhuma dificuldade para conseguir uma consulta médica, por exemplo, pois sabemos que há falhas no sistema único de saúde – não há médicos suficientes, as consultas podem demorar meses, falta estrutura física, e assim por diante. O mesmo acontece com a creche, pois a demanda de vagas é maior do que a oferta o que ocasiona um problema, principalmente, para quem trabalha fora da comunidade e não tem alguém que possa cuidar de seus filhos

⁴⁶ O grafite é considerado uma obra de arte e se caracteriza como um dos quatro elementos que compõe o Hip-Hop, os outros três são o DJ, Mc e o Break.

pequenos.

Acreditamos que a comunidade, para dirimir essas falhas, precisa se organizar em conjunto com as associações de moradores para reivindicarem aos órgãos competentes melhores condições no atendimento do posto de saúde (com consultas, com médicos, com remédio), na creche (com vagas, com educadoras qualificadas e bem remuneradas, com espaços adequados às crianças) e no armazém da família (principalmente com espaço físico adequado para atender a demanda).

Continuando nossa descrição, a respeito das praças que não são apropriadas, a *Praça Euclides da Silva ou Praça-7*, apesar de ter equipamentos de lazer como o *playground* com o “trio de ferro⁴⁷”, cancha de futebol e cancha de vôlei – esta completamente abandonada, desde a primeira visita que fizemos a VNSL não observamos, qualquer forma de apropriação desse lugar. Em conversa com uma moradora, do entorno, ela relatou que as pessoas preferem ir para as outras praças brincar ou jogar futebol, além disso, a noite não é muito segura.

Essa desapropriação muitas vezes pode ocorrer pela falta de sensibilidade dos moradores do entorno com relação às diferentes experiências que esse espaço pode possibilitar. As pessoas, em geral, aparentemente não desenvolvem uma relação social diferenciada, seja por meio de uma conversa no final do dia, numa organização coletiva para realizar uma partida de futebol ou simplesmente para levar as crianças ao *playground*. Caso essas relações se efetivassem a praça poderia ser efetivamente apropriada e conseqüentemente teria menos problemas relacionados à falta de segurança.

Para terminarmos as descrições das praças que tem uma apropriação reduzida ou inexistente, precisamos nos referir às duas praças que têm a Primeira Igreja Batista e a Décima Primeira Igreja Quadrangular, a primeira localiza-se na *Praça Lino da Costa ou Praça-9* enquanto a segunda está na *Praça do Evangelho Quadrangular ou Praça-12*.

A apropriação da Praça-09 ocorre basicamente nos finais de semana quando os pais e as mães levam seus filhos para brincar no *playground* da praça. Já a apropriação da Praça-12 ocorre basicamente nos dias da semana em que há culto na igreja. Raramente ocorre a apropriação do *playground* que está completamente abandonado.

Nessas duas praças, podemos afirmar que a apropriação da comunidade é

⁴⁷ Composto por três brinquedos, quais sejam: escorregador de ferro; gangorra de ferro e trepa-trepa de ferro.

reduzida pelas poucas possibilidades de espaço e equipamentos que são apresentadas. Diferentemente das praças que apresentam equipamentos sociais e que procuram atender a totalidade da população da VNSL, esses territórios demarcados pelas igrejas, atendem a uma determinada parcela. Não estamos julgando a importância de cada manifestação religiosa, acreditamos que todas precisam ter seus espaços. Não obstante, deveria haver outro local para que elas se instalassem ou ao menos que não ficassem, localizadas no centro da praça, inviabilizando a construção de outros equipamentos que possibilitariam outras experiências sociais, culturais e de lazer.

Apresentadas essas cinco praças, podemos dizer que a falta de apropriação se deve, em parte, pela falta de espaços e equipamentos, exceto na Praça-7, pois foram realizadas obras que ocupam a maior dimensão do terreno e não permitem diferentes experiências no âmbito do lazer. Apesar disso, precisamos levar em consideração que os equipamentos sociais têm um papel relevante dentro da VNSL, pois buscam suprir algumas das necessidades imediatas da comunidade.

Ao apresentarmos o panorama dessas praças, optamos em nossa pesquisa por dar maior ênfase às observações das outras oito praças. Dentre essas praças, seis tiveram menos tempo despendido para as observações, apesar da apropriação, pois o número de pessoas que as utilizavam eram reduzidas, permaneciam por pouco tempo ou não apresentavam nenhuma atividade sistematizada.

Iniciamos nessa etapa apresentando a *Praça Ari de Souza ou Praça-2*. Em nossas visitas, sejam elas durante a semana, nos finais de semana ou em feriados tivemos a oportunidade de observar que a comunidade do entorno se apropria desse lugar, principalmente durante o dia, já ao anoitecer a apropriação é bem reduzida. No período que permanecemos na praça, muitos meninos (crianças e jovens) soltavam pipa e faziam cerol⁴⁸, muitas crianças brincam no *playground* e na areia da cancha de futebol enquanto suas mães, avós, tias as observam e conversam, sentadas em cadeiras (que elas mesmas levaram) ou nas gangorras. A cancha de futebol é apropriada por todas as faixas etárias (quase que exclusivamente pelo sexo masculino). Além da pipa e de brincar na areia, as únicas práticas corporais vivenciadas são aquelas predeterminadas pelo espaço, ou seja, variações do jogo de futebol. Muitas pessoas conversam sentadas nos bancos ou no meio-fio, passeiam pela praça e andam de bicicleta. Nessa praça, em

⁴⁸ O cerol (composto de pó de vidro e cola goma) é passado no fio para deixá-lo mais resistente, além de ser utilizado com o objetivo de cortar o fio de outras pipas. O cerol por ser feito com pó de vidro é extremamente cortante.

alguns finais de semana, um dos moradores desenvolve um trabalho voluntário, com futebol, para meninos que tenham entre 9 e 13 anos. Enquanto ocorre o treino, várias pessoas (crianças, adolescentes e adultos) assistem.

Mesmo que a apropriação desta praça não se efetive de forma constante, ou seja, por um período prolongado ou em todos os dias da semana, podemos ressaltar que algumas experiências importantes foram observadas enquanto estivemos em campo. As manifestações lúdicas se fizeram presentes em todos os momentos, desde a “fabricação” do cerol pelos meninos até as conversas das senhoras no *playground*.

Gostaríamos de ressaltar que fazer o cerol para deixar o fio da pipa mais resistente pode contribuir com a ludicidade desta atividade. Os meninos quando ganham ou quando perdem uma pipa podem se divertir ou ficarem chateados, mas a experiência daquele momento só pode ser vivenciada por aqueles que se dispõem a entrar nessa disputa saudável. Quando uma pessoa consegue “cortar” a outra, ou seja, quando arrebenta o fio de outra pipa, torna-se naquele momento vencedora, mas pode ser uma experiência passageira, pois vários meninos saem correndo para pegar a pipa que foi “cortada” e logo em seguida já levantam para iniciar uma nova competição. Existem várias formas de ganhar uma disputa enquanto se empina uma pipa, pode ser da forma que descrevemos, pode ser aparando a pipa do outro depois de cortá-la, ou seja, a pipa fica presa no fio daquele que cortou ou utilizando a “cama de gato⁴⁹”.

Além destas atividades relacionadas ao soltar pipa, essa praça possibilita outras experiências lúdicas como brincar no *playground*, na areia, jogar futebol, andar de bicicleta, entre outras.

Quando pensamos na atividade desenvolvida voluntariamente por um morador dessa praça, valorizamos sua atitude, pois tivemos condições de perceber que sua proposta é ocupar essas crianças e esses jovens em alguma atividade, na tentativa de mantê-los longe das más influências que muitas vezes são atrativas dentro da VNSL. Infelizmente não há nenhuma forma de incentivo ou preocupação por parte do poder público em contribuir com essa ação, seja com alguma forma de capacitação para esse voluntário ou, de forma mais pontual, com a doação de materiais esportivos como, coletes, bolas e redes.

A Praça Alberto da Silva ou Praça-3, durante o dia fica vazia e esporadicamente

⁴⁹ A “cama de gato” é uma pedra amarrada num pedaço de fio e que é jogado por cima da linha de alguém que tem sua pipa no ar para cortá-la.

encontramos crianças brincando. No entanto, durante a noite e nos finais de semana observamos crianças e jovens se apropriando dos espaços. Durante o dia o tempo de permanência das pessoas nessa praça é muito pequeno, com exceção de alguns adultos que ficam conversando, bebendo e fumando em uma das esquinas (próximo a “oficina mecânica”). As práticas corporais vivenciadas se repetem nas diferentes praças, devido à estrutura padronizada que elas apresentam. Em nossas visitas, observamos crianças brincando no *playground*, andando de bicicleta, adultos e crianças soltando pipa. No entanto, durante a noite e nos finais de semana a apropriação é mais efetiva. Como a praça fica muito próxima das residências durante a noite as crianças brincam de jogar vôlei na trave de futebol, jogam caçador numa “quadra” feita por elas na areia; os adolescentes jogam dupla de pênalti na cancha de futebol. Nos finais de semana as crianças brincam na areia de fazer castelinho, de fazer “comidinha”, enquanto muitas senhoras conversam e cuidam de algumas crianças.

Em nossas observações, durante o dia e mais especificamente durante a semana, não havia apropriação por parte da comunidade. Essa desapropriação pode ocorrer pela falta de segurança para as crianças. Isso pode ser observado na fala de uma jovem em conversa informal⁵⁰, que mora próximo a essa praça, quando nos contou que se tivesse alambrados nas praças seria bem melhor, pois aos finais de semana cuida de várias crianças e muitas vezes elas estão brincando e de repente saem correndo e vão para a rua. Afirmando tal preocupação, G.B.S⁵¹ relata

Hoje a mãe não vai deixar entrar na pracinha sem uma segurança, eu digo assim, em termos de cerca, alambrado, porque tem muitos carros próximos das praças. Então, claro que a mãe não vai deixar a criança sozinha ali.

Outro problema é que muitos cachorros fazem suas necessidades na areia e as crianças ao entrarem em contato acabam adquirindo alergias, como ocorreu com o seu primo mais novo. Mesmo com essas dificuldades, a noite constatamos que principalmente as crianças se organizam coletivamente, utilizando-se de estratégias para subverter a pré-determinação do espaço, no caso a cancha de futebol, “construindo” uma quadra de caçador que possibilita outras manifestações corporais.

A falta de manutenção dos equipamentos, presentes nessa praça, constituiu-se

⁵⁰ Chamamos por conversa informal, os diferentes diálogos que realizamos com os moradores da VNSL e que não poderiam dar entrevistas por serem menor de idade.

⁵¹ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

como mais uma dificuldade, pois coloca em risco a integridade física das crianças. A manutenção faz parte das ações da SMMA, mais especificamente da gerência de manutenção de parques e praças. No entanto, segundo os moradores da VNLS, mesmo fazendo as reivindicações à prefeitura, essa ação demora a se efetivar.

Uma forma de pressionar os órgãos competentes, a prestarem atenção nos diferentes espaços de lazer e a criarem políticas públicas, parte da organização da comunidade, buscando se articular com as diferentes lideranças e com as associações de moradores com intuito de lutarem por melhorias na realidade em que vivem.

Na *Praça Eli Ribeiro da Silva ou Praça-5*, durante as observações nos diversos períodos e dias da semana, notamos que essa praça com seus equipamentos é apropriada principalmente por crianças. Uma hipótese para tal fato pode ser a existência do alambrado ao redor da cancha de futebol, que dá mais segurança para as crianças que moram próximo à praça e assim conquistam mais liberdade para brincar. As práticas corporais vivenciadas principalmente pelas crianças são: brincar no *playground*, jogar futebol (cruzamento, controlinho, bater falta, tirinha – cada um por si), andar de bicicleta, soltar pipa, brincar de esconde-esconde, jogar bet's, subir em árvore e no alambrado. Já os jovens e adultos não se apropriaram dos equipamentos, mas ficam na praça conversando. No decorrer das observações foi possível notar nos finais de semana que um morador sempre varria uma parte da praça e a rua que fica em frente a sua residência, enquanto isso seus filhos (um casal) brincavam na praça.

Podemos afirmar que esse senhor ao limpar a rua e ao cuidar de parte da praça, acaba considerando-a como uma extensão de sua residência. Essa questão é interessante, pois caso alguém comece a depredar ou faça algo que venha a prejudicar aquele espaço, esse morador provavelmente não deixará. Trata-se do cuidado com o espaço que é de todos e que se for depredado precisará de manutenção que será custeada pela própria comunidade. Essa relação de cuidado aumenta a segurança da praça e favorece sua apropriação.

As experiências no âmbito do lazer vivenciadas nas diferentes praças se repetem, pois como a estrutura é a mesma, ela acaba determinando a forma de apropriação. Como relatamos as atividades lúdicas são constantemente percebidas nas diferentes praças, no entanto até o momento não tínhamos constatado brincadeiras como esconde-esconde e jogar bet's. Ao nos referirmos à segunda, algo interessante nos chamou a atenção durante uma observação. No decorrer do jogo, um dos meninos (da dupla que estava

com a bolinha) tentou trapacear, mas o pai de uma das crianças da dupla adversária não deixou e chamou sua atenção. Na seqüência do jogo, o filho desse senhor perdeu os bet's e também tentou trapacear, novamente o senhor entrevistou e não deixou que o filho agisse de má fé. Esse exemplo que acabamos de relatar parece à primeira vista algo banal, mas que na verdade tem uma grande relevância para a formação do caráter e de valores das crianças. Naquela situação, todos os envolvidos tiveram a oportunidade de observar uma atitude responsável e íntegra de um pai que defendeu seu filho, inicialmente, mas que também não deixou que ele se aproveitasse da outra dupla. Assim, as experiências no âmbito do lazer permitem que valores sejam transmitidos às crianças a partir da educação pelo lazer.

Nas visitas realizadas na *Praça Donizete Custódio da Silva ou Praça-6* e na *Praça Luiz Otávio Leal ou Praça-11*, sejam elas durante a semana (pela manhã ou pela noite), nos finais de semana ou em feriados tivemos a oportunidade de observar que a comunidade do entorno se apropria desses lugares. No período que permanecemos nessas praças, muitos jovens e idosos conversavam, muitos meninos (crianças e jovens) soltam pipa e fazem cerol, muitas crianças andam de bicicleta e de skate, brincam no *playground* e na areia da cancha de futebol enquanto os adultos as observam. Na Praça-6, a cancha de futebol é apropriada por todas as faixas etárias, já na Praça-11, a cancha é apropriada principalmente pelas crianças que moram no entorno da praça, tanto nos dias de semana (durante o dia e a noite) quanto nos finais de semana. Algo interessante que acontece durante a semana, nessas duas praças, é que as meninas também jogam futebol com os meninos e não há discriminação ou zombaria por parte dos meninos. Durante uma visita à Praça-11, realizada numa terça-feira à noite, foi possível observarmos um time de meninos jogando contra um time de meninas (eles deveriam ter no máximo 12 anos), ação esta que só foi constatada nesse lugar. Essa, também, é a única praça que tem um *playground* diferente das demais, construído com manilhas cheias de concreto, apesar disso, a apropriação desse equipamento, que foi reformado em setembro de 2007, é quase inexistente.

Nessas praças, a relação desenvolvida pelas crianças, principalmente nos jogos de futebol, demonstra que a questão de gênero que aparece, fortemente, nas aulas de educação física e em outras esferas acaba não se efetivando em outros locais, como é o caso dessas duas praças. Neste sentido, podemos afirmar que as vivências proporcionadas pelos momentos de lazer contribuem decisivamente para a formação

humana dessas crianças. Nessa perspectiva, o poder público tem um importante papel ao proporcionar atividades diferenciadas às crianças por meio de projetos que valorizem a presença delas nas diferentes praças.

Ao realizarmos nossas visitas na *Praça Pantelis Stergov Zafires ou Praça-10*, nos foi dado à oportunidade de observar que mesmo sendo a única praça com cancha poliesportiva a apropriação desse equipamento por parte da comunidade é esporádica. A maior parte das pessoas que se apropriam da cancha são crianças e jovens em sua maioria meninos que jogam futebol à noite ou no final de semana. No período que permanecemos na praça, muitos jovens e idosos conversam sentados nos bancos, as pessoas passeiam pela praça, as meninas quando estão na cancha poliesportiva jogam vôlei em roda, alguns meninos (crianças e jovens) soltam pipa, muitas crianças andam de bicicleta, brincam no *playground* enquanto os adultos as observam. Muitos jovens jogam futebol nas travessas próximo a praça.

Como nos referimos anteriormente, as manifestações corporais acabam se repetindo, no entanto, cada praça tem sua especificidade. No caso da Praça-10, por ser a única a ter uma cancha poliesportiva, poderia proporcionar outras experiências, mas infelizmente não foram observadas, pois está degradada e não há manutenção. Para os moradores da VNSL, uma alternativa que poderia revigorar a apropriação dessa cancha seria reformá-la e cobri-la. Essa ação é possível de ser realizada, no entanto, depende do poder público e, principalmente, da organização da comunidade em reivindicar melhorias para esse lugar.

Descrevemos até o momento, as diferentes praças que apresentam uma rotina, quase que diária, em sua forma de apropriação. Isso não significa que tiveram menor relevância para nosso estudo, mas como as experiências vivenciadas pelos moradores passaram a se repetir rapidamente e como as pessoas permaneciam por pouco tempo nessas praças não desenvolvemos uma análise tão aprofundada.

Entretanto, a Praça-8 e a Praça Central apresentam um movimento diferenciado, elas têm singularidades que não foram observadas nas outras praças. Devido a essas especificidades dispendemos um tempo maior às observações.

Na *Praça José Costa do Nascimento ou Praça-8*, durante as observações nos diversos períodos e dias da semana, notamos que essa praça com seus equipamentos é efetivamente apropriada. As práticas corporais vivenciadas principalmente pelas crianças são: brincar no *playground*, brincar na cancha de areia de fazer castelo, brincar

de jogar água uns nos outros, jogar futebol (cruzamento, bater falta, tirinha – cada um por si, timinho), andar de bicicleta, soltar pipa, subir em árvore. Já os jovens jogam futebol, conversam sentados no meio-fio e nos finais de semana levam seus carros para a praça e escutam música. Os adultos cuidam das crianças no *playground* e conversam em frente aos portões das casas. Todas essas manifestações, também, são observadas nas outras praças, no entanto, o que a difere das restantes é a atividade realizada de forma sistemática, aos domingos pela manhã e nos feriados, a partir das nove horas, quando os moradores do entorno, seus amigos e antigos moradores se organizam e jogam futebol.

De acordo com S.F.C⁵², ao falar sobre a organização da atividade, relata:

já tem o cartão de todo mundo, fazemos sorteio nome por nome pra não ficar times muito forte e outros muito fraco. Então eu divido na caderneta os nomes e faço o sorteio dos times pra poder jogar, porque se fosse no grito não tinha jeito de fazer. A partida dura 15 minutos ou dois gols, caso empate o jogo, sai os dois times. A última partida não tem tempo, quem fizer 4 gols primeiro vence.

Complementando as informações a respeito da forma de organização, R.C.L⁵³, afirma que essa atividade na praça,

foi feito pra ser uma associação, a pessoa paga 2 reais por mês, preço mínimo e quando puder[...]. É cobrado só pra comprar bola e às vezes quando está faltando rede. Quem compra o material é o S.F.C que é responsável pela organização.

Essa atividade é desenvolvida pelos moradores a aproximadamente vinte e cinco anos. A preferência para jogar é dada aos adultos, mas caso não tenha gente suficiente para completar os times os mais novos podem participar. No decorrer das observações e das entrevistas tivemos condições de perceber que a principal finalidade dessa atividade

é a reunião de amigos, a gente está sempre se encontrando pra não perder o contato com o pessoal” (S.F.C).

Na fala do morador M.R.C.V⁵⁴, além de ter como finalidade o lazer, na praça,

tem pessoas que são amigos desde os cinco anos de idade, mas tem pessoas que são

⁵² Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 02 de setembro de 2007.

⁵³ Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 26 de agosto de 2007.

⁵⁴ Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 26 de agosto de 2007.

amigos a um ou dois meses. Então, toda vez que você vem tem alguém novo e você faz amizade nova. As pessoas trazem alguém de fora sempre e você faz amizade com essas pessoas.

Podemos afirmar que essas pessoas têm no futebol sua identidade, seja ela de pertencer a um grupo, de cuidado, atenção, afeição ou até mesmo de guardar referências familiares. Esse último ponto está presente nessa atividade, pois foi possível constatar os pais se encontrando com seus filhos e netos no decorrer dos jogos e até mesmo jogando juntos.

A partir das observações e das entrevistas, tivemos condições de perceber que a praça permite, aos moradores, a sociabilidade, a troca de experiências, a conversa, confirmando que a dinâmica das relações que se estabelecem nesses lugares pode influenciar diretamente na forma de apropriação dos equipamentos.

A seguir, a *Praça Enoch Araújo Ramos ou Praça Central* apresenta alguns equipamentos que a distingi das demais, possibilitando outras formas de apropriação por parte da comunidade. Essa é a única praça que tem mesas de xadrez, no entanto, poderia estar presente nas outras praças também, pois de acordo com J.A.J⁵⁵

as mesas com tabuleiro serviriam como um convite para que as pessoas viessem de forma espontânea para a prática e, assim, não precisaria ficar caçando adversário [...]. Nem todo morador está credenciado fisicamente à praticar um esporte de atividade física. Então, teria que estimular mais atividades intelectuais.

Algo curioso que foi possível perceber, em relação a esse equipamento, durante uma observação, foi a presença de dois adultos jogando dama com as peças de xadrez. Ao iniciarmos a observação, pensamos que estivessem jogando xadrez, mas no decorrer do jogo eles pulavam as peças e capturavam foi quando perguntamos se sabiam jogar xadrez e responderam que não e como não tinham as peças para jogar dama utilizavam aquelas.

Mas o que tem de relevante nessa situação? Poderiam nos perguntar. Em primeiro lugar, podemos afirmar que eles jogaram com o acontecimento, com a situação transformando-a em “ocasião”, queremos dizer com isso que os dois aproveitaram as brechas existentes, para de maneira astuta e criativa, reinventar a forma de jogar, dando outro sentido àquelas peças de xadrez. Podemos afirmar que essa é uma das “maneiras

⁵⁵ Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 26 de agosto de 2007.

de fazer”, a que se refere Certeau, constituindo as diferentes práticas pelas quais as pessoas se apropriam do espaço. E em segundo lugar, os adultos jogavam dama por não saberem jogar xadrez. Isso poderia ser “solucionado” caso houvesse projetos sócias de esporte e lazer dentro da VNSL. Hoje, observamos que as escolas, algumas bibliotecas procuram disseminar tal prática, há também projetos do governo federal⁵⁶ que procuram divulgar e efetivar a prática do xadrez nas escolas, no entanto, não há uma ação desenvolvida nas comunidades para incentivar essa prática. Reforçamos assim, a importância da comunidade se organizar coletivamente para lutar por políticas públicas de esporte e lazer que atendam aos diferentes interesses da população.

Esta praça apresenta também cancha de malha, que durante toda a pesquisa não foi apropriada, e cancha de bocha, essa normalmente apropriada por senhores que tem no jogo a fruição do momento de lazer. Esse equipamento está em excelentes condições de uso, isso se deve ao fato de ter um responsável, voluntário, para cuidar da cancha e dos materiais como as bolas de bocha e o rastelo. A pessoa responsável mora em frente à praça, então quando alguém quer jogar vai até o portão da casa e pede o material emprestado, quando terminam de jogar as pessoas devolvem no local em que emprestaram. Segundo o responsável M.H.A.S⁵⁷ ao ser indagado sobre quem se apropria desse equipamento, respondeu que é

uma porção, tem uns senhores de idade, que vem sempre, todo dia estão aí. É sempre o mesmo grupo vem 16 pessoas e passam o dia todo jogando.

O responsável por cuidar desse material pode ser considerado um líder dentro da comunidade, pois ao assumir voluntariamente a tarefa de cuidar dos materiais e principalmente do equipamento, a cancha de bocha, tornou-se uma pessoa respeitada na Praça Central. Também participa da AMOLP e da APUC que são associações de moradores presentes na VNSL, mas que no momento não estão atuantes. Além dessas atribuições, procura ajudar na organização dos campeonatos dos jovens que segundo ele pode contribuir para “ocupar a mente da piazzinha”.

Assim podemos reafirmar que ele se tornou uma liderança dentro da VNSL e, por sua posição privilegiada, pode contribuir significativamente com projetos que venham a ser desenvolvidos dentro da Vila.

⁵⁶ Disponível em <<http://www.esporte.gov.br>> Acesso em 02 de Fevereiro de 2008.

⁵⁷ Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 22 de setembro de 2007.

Além das canchas, outro equipamento que só esta praça contém é a arquibancada em concreto que dá condições à comunidade de se encontrarem em momentos de festas, torneios, atividades relacionadas à igreja (que está “colada” à praça), além de ser considerado também um espaço de sociabilidade, da contemplação ou somente de observação.

Uma hipótese para que a Praça Central esteja tão bem equipada refere-se à centralidade que ela tem na Vila e por ter acesso a partir das duas ruas principais⁵⁸.

Esta praça é a responsável pela grande movimentação que ocorre na VNSL, principalmente, nos finais de semana. No decorrer do ano são organizados vários campeonatos principalmente para os adultos. A pessoa responsável pela organização desenvolve esse trabalho a 18 anos de forma voluntária. Em 2006 foram organizados os campeonatos de futebol masculino nas seguintes categorias: 25-30 anos e acima de 35 anos. No ano de 2007 tiveram dois campeonatos, nas categorias até 35 anos e outro acima de 40 anos. Para os jovens com até 16 anos, foram realizados campeonatos subdividido em três categorias. Ao redor da Praça Central, há dois bares, sendo um do responsável pela organização dos campeonatos, além dos bares, tem um ambulante que vende coquetel de bebidas e espetinho do lado oposto aos bares (vem sempre com todos os condimentos em seu carro). Às vezes alguns times levam até torcida e no decorrer do jogo tocam pagode e se divertem, muitas pessoas vão à praça só para assistir aos campeonatos.

Essas atividades que acontecem principalmente aos finais de semana, caracterizam-se pelo que Magnani (2002) chamou de “festa no pedaço”. Para o autor o pedaço “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles”. A partir desses códigos é possível determinar quem é do pedaço e quem não é. Desenvolve-se, também, uma rede de relações que é marcada pela combinação de laços de parentesco, vínculos de participação em atividades comunitárias e esportivas, entre o espaço privado e o público. Dessa forma, podemos dizer que nesse “pedaço” que é a Praça Central, as pessoas ao se encontram para conversar, para assistir aos jogos, para torcer, para tocar um pagode, conseguem vivenciar o lúdico que se encontra em cada uma dessas manifestações. Mesmo que as condições de existência, da maioria das pessoas, sejam

⁵⁸ Rua Davi Xavier da Silva e Rua Orlando Luis Lamarca. Vila Nossa Senhora da Luz, Curitiba-Pr.

precárias e que vivam as mazelas sociais presentes na VNSL, conseguem encontrar brechas, nos interstícios da sociedade capitalista, para fazer de seu tempo e espaço de lazer uma festa.

Durante o período em que visitamos essa praça, tivemos a oportunidade de observar diferentes práticas corporais vivenciadas pelos moradores da comunidade no seu tempo/espaço de lazer, dentre elas podemos destacar: soltar pipa, andar de bicicleta, pular de pogo, subir em árvore, brincar no *playground*, brincar nos aparelhos de ginástica como se fosse o trepa-trepa, subir no alambrado, jogar bocha, jogar futebol (gol a gol), jogar dama com peças de xadrez, jogar bolinha de gude, grassboard (descer o barranco de grama com tábua), pular elástico, brincar de esconde-esconde ou simplesmente caminhar na praça.

Esta última é desenvolvida principalmente pela terceira idade. Em uma visita realizada a partir das seis e meia até as nove horas da manhã, tivemos a oportunidade de presenciar mais de doze senhoras e senhores caminhando na pista ao redor da cancha de futebol. Muitas senhoras caminham por recomendação médica, no entanto, outras caminham porque gostam.

Na fala de E.L.K⁵⁹, ela afirma que vem à praça com a seguinte finalidade:

receita médica, eu tenho problema de osteoporose, tomo cálcio e daí tem que tomar sol e caminhar pra circular o sangue e o sol faz bem. É receita médica, porque se não fosse a gente é meio preguiçosa, a gente não vai, mas eu gosto de caminhar, quando ela não vem (se referindo à amiga M.C) eu venho sozinha, mas aqui encontro bastante senhoras, a gente mora aqui há tantos anos e conhece todo mundo.

Complementando a fala de E.L.K, sua amiga M.C⁶⁰ relata que além de caminhar devido a

receita médica e pra saúde, também é pra ver se emagrece um pouquinho.

Apesar das duas senhoras caminharem por recomendação médica há outras senhoras que fazem caminhadas pelo prazer que lhes é proporcionado, por gostarem de realizar suas andanças ou simplesmente por gostarem de sair.

Nesse exemplo, podemos afirmar que se concretiza, de forma empírica, a crítica deferida por Cavichioli (2004) aos diferentes interesses culturais presentes nas

⁵⁹ Entrevista realizada com a moradora da VNSL no dia 04 de setembro de 2007.

⁶⁰ Entrevista realizada com a moradora da VNSL no dia 04 de setembro de 2007.

atividades de lazer relacionadas por Camargo que apresentamos no segundo capítulo, mais especificamente quando retrata que nem sempre as atividades físicas se caracterizam como lazer, caso sejam desenvolvidas por recomendação médica.

Nessa mesma praça, durante observações realizadas nos finais de semana, uma atitude tomada por um morador que tem sua residência bem em frente à praça, nos chamou a atenção. Ele criou uma balança feita com cadeirinha de bebê (para carro) e corda de amarrar lona de caminhão. Foi construído como uma alternativa de brinquedo para seus filhos e para as crianças que moram em outras praças, pois não há balança na VNSL (Figura14). Em entrevista com esse morador⁶¹, ele afirma:



Figura14. (Foto da Balança)

nós temos parquinhos lá embaixo, que só tem o nome de parquinho, não tem gangorra, não tem balança. Então, a gente tem que estar improvisando assim, como você viu, eu fazendo balanço para as crianças brincarem, sendo que por certo, deveria já ter as balanças nas praças (A.S).

Novamente, percebemos a existência constante das táticas utilizadas de forma astuta pelos moradores da VNSL para conseguirem aproveitar ao máximo as experiências de lazer. Ao analisarmos a fala desse morador, concordamos tanto com a atitude realizada por esse morador quanto com sua fala, pois ao afirmar que já deveria ter balança nas diferentes praças, faz uma crítica ao descaso que o poder público tem para com os equipamentos, principalmente a falta de manutenção, nas diferentes praças.

Muitas vezes essas atitudes, de construção alternativa de brinquedos, também são tomadas por crianças em outras praças, quando pegam um pneu de bicicleta e uma corda e amarram na árvore para fazer uma balança, devido à falta desses equipamentos nas praças.

Um equipamento social presente nessa praça e que merece destaque é o Farol do Saber. Esse espaço além de ser uma biblioteca oferece vários projetos para a comunidade. Dentre eles destacam-se:

⁶¹Entrevista realizada com morador da VNSL no dia 01 de setembro de 2007.

- Oficina de Origami (suspensa temporariamente);
- Xadrez – sexta (10:00hs) e terça e quinta (noite). Professor é voluntário (suspensa temporariamente);
- Ginástica Lian Gong – quarta e sexta (8:00-9:00hs) no salão da paróquia. Professora Léia Xavier (voluntária);
- Oficina de Karatê – terça e quinta (10:30-11:30hs) e quarta e sexta (15:30-16:30hs). Voluntário da comunidade. Única atividade que tem uma taxa de 10 reais por mês para participar (todos os alunos são apadrinhados, ou seja, algumas pessoas da comunidade se responsabilizam pelo pagamento da taxa, pois as crianças em sua maioria não tem condições de pagar);
- Oficina de Violão segunda, quarta e sexta (15:00-16:00hs) e terça e quinta (9:30-10:30hs). Voluntário da comunidade.
- Hora do conto com a Bruxa e hora do conto com a vovó (pode ser agendado pela escola);
- Reunião trimestral da APUC (Associação dos Professores Usuários e Colaboradores do Farol).

Apesar da existência desses projetos, no Farol do Saber, durante as observações poucas crianças participavam das oficinas e durante as entrevistas uma minoria sabia da existência dessas atividades ofertadas pela APUC. As pessoas que conhecem algumas atividades são as senhoras da terceira idade que participam das aulas de ginástica ou fazem aula de violão.

Podemos afirmar que esse lugar é o que apresenta maiores oportunidades de experiências no âmbito do lazer, sejam pelos projetos do Farol do Saber, pelos campeonatos de futebol ou pelos diferentes equipamentos que compõem a praça, o que propicia uma apropriação mais efetiva por parte da comunidade, desde crianças, jovens e adultos que moram no entorno ou nas outras doze praças.

Depois de apresentarmos as diferentes formas e interesses na utilização dos espaços e equipamentos que compõem as treze praças, nosso intuito a partir de agora é trazer para a discussão algumas categorias (O espaço transformado em lugar;

Equipamentos; Tempo; Segurança) que elencamos após uma profunda análise dos materiais coletados nas observações e nas entrevistas. Precisamos deixar claro que todas as categorias são importantes para que ocorra uma efetiva apropriação das diferentes praças por parte da comunidade.

Procuramos apresentar inicialmente a categoria *O espaço transformado em lugar*, por considerarmos central em nosso estudo, dessa forma as outras três podem ser consideradas sub-categorias dentro dessa, pois nos auxiliam no entendimento de como se efetiva a apropriação dos espaços e equipamentos da diversas praças.

O espaço transformado em lugar: as possibilidades de sociabilidade nas praças da VNSL

Nossa preocupação central, com essa categoria, é discutir o espaço transformado em lugar, ou seja, as praças por si só não significam nada, são apenas forma, estrutura física. Assim, para que elas sejam transformadas, precisam ser apropriadas pela comunidade, responsável por dar sentido e significado a esses espaços, constituindo, dessa forma, o seu conteúdo.

Até o momento, partimos das discussões referentes ao espaço de forma mais abrangente, no entanto, coadunamos com Carlos quando leva em consideração que “a preocupação com a investigação do processo de produção espacial, particularmente do urbano, nos remete à discussão do papel da análise do *lugar*” (1994, p. 39, grifo da autora).

Tal discussão é de grande relevância, pois Santos ao apresentar “a história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central” (2006, p.315), porque ao revisitarmos o lugar no mundo atual podemos encontrar novos significados e essa “possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano”. Analisado de forma mais abrangente é no lugar que se desenrola o cotidiano compartilhado entre as diversas pessoas e instituições. O lugar como categoria da existência tem por base o tratamento do “mundo vivido”, que é influenciado por outras questões, como os objetos, as ações, a técnica, o tempo.

Para o mesmo autor, é no lugar que “nosso próximo se superpõe, dialeticamente, ao eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo

dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente, as noções e as realidades de espaço e tempo” (p.315).

Nesse sentido, ao pensarmos nas especificidades do lugar, precisamos levar em consideração que atualmente ele “é marcado por um cotidiano compartilhado mediante regras que são localmente formuladas ou reformuladas. Neste caso, as informações utilizadas tendem a generalizar horizontalmente” (SANTOS, 1997-b, p.133). Assim, podemos tratar as relações existentes em determinados lugares a partir de horizontalidades, havendo, então, a co-presença que é considerada causa ou efeito estimulada por determinada ação.

Na concepção de Rechia (2003), ao caminhar na esteira de pensamento deixada por Milton Santos, “o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas e relações verticais, resultantes do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência. Daí a força do lugar no contexto atual” (p. 35).

Nesta direção, acreditamos que a discussão referente ao lugar nos remete à noção de totalidade concreta (aberta e em movimento), fundamentada a priori na discussão da natureza do espaço.

Trazendo as reflexões para nosso objeto de pesquisa, podemos dizer que a idéia de um estudo concreto, no caso o espaço denominado Vila Nossa Senhora da Luz com seus equipamentos de lazer, coloca-se como o estudo do lugar como expressão, materialidade espacial. Nas palavras de Relph (1976) citado por Santos “os lugares são, eles próprios, expressão atual de experiências e eventos passados e de esperanças no futuro” (1997-b, p. 124), assim, cada grupo de praças⁶² com seus equipamentos e com suas formas de apropriação singulares pode caracterizar-se como diferentes lugares. Nesta perspectiva, o lugar, ou melhor, cada praça, pode ser considerado “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, [...], pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e criatividade” (p.258).

A pensarmos nessa perspectiva de lugar, podemos afirmar que dentro da VNSL nem todos os grupos de praça, são transformados em lugares. O primeiro grupo, por exemplo, por não ser “transformado” acaba se tornando frio e descuidado em relação

⁶² Chamamos por grupos de praças: primeiramente aqueles que apresentam equipamentos sociais ou igreja (Praças – 1;4;9;11) e que não são apropriados (Praça – 7), depois aqueles que são apropriados, mas de forma menos constante (Praças – 2;3;5;6;10;11) e por último aqueles que além de uma efetiva apropriação apresentam algumas singularidades (Praças – 8 e Central).

aos espaços de lazer e esporte, pois não há uma apropriação, no âmbito do lazer, por parte da comunidade e como já afirmamos, os espaços descuidados tornam-se menos seguros, devido à falta daquilo que chamaremos por olhos atentos.

Já o segundo grupo de praças, pode ser considerado como lugar apesar de ser apropriada pela comunidade de forma esporádica, pois as pessoas permanecem por pouco tempo nas praças e o número de crianças, jovens e adultos é reduzido. Mesmo com essas especificidades, algumas experiências significativas no âmbito do lazer foram observadas, tais como meninas e meninos jogando futebol juntos; a “fabricação” do cerol; a conversa das senhoras no final do dia no *playground*; a “construção” da cancha de caçador; as brincadeiras infantis, entre outras, mostrando que alguns espaços transformaram-se em lugar.

Ao nos referirmos ao último grupo, esse realmente pode ser considerado lugar pela forma que a população se apropria cotidianamente do que anteriormente era chamado por espaço. Esse grupo apresenta um movimento diferenciado, principalmente nos finais de semana, além de apresentarem singularidades que as diferenciam das outras praças. Tanto a Praça-8 quanto a Praça Central são diferentes, por serem as únicas a terem atividades constantes e que não dependem de uma única pessoa ou de um órgão específico. Mesmo com a inexistência de associações de moradores nessas praças, que poderiam contribuir à organização dos grupos, constatamos que há um exercício político constante que se efetiva na movimentação diária.

Dessa forma, percebemos que o cotidiano é compartilhado por regras formuladas e reformuladas localmente, sendo o lugar, por essência, responsável pelas experiências vivenciadas de forma significativa por meio da solidariedade existente nessas praças e pela ludicidade proporcionada as diversas manifestações.

Assim, temos condições de afirmar que essas relações só são possíveis de serem observadas no âmbito do lazer e, nesse sentido, não basta termos um olhar de cima, precisamos sim, conhecer a fundo a realidade pesquisada para ver como se efetiva o cotidiano compartilhado. Nesta perspectiva, reafirmamos que para enxergar a realidade de baixo de nossos pés não basta olhar de cima.

Equipamentos: a hora e a vez das calçaclovias⁶³, *playgrounds* e canchas

Os equipamentos de lazer presentes nas diferentes praças tiveram uma grande relevância na análise dos dados. Ao lidarmos com os diferentes materiais, esse ponto nos chamou a atenção e dessa forma, optamos por discuti-la sob a forma de categoria.

Para que os equipamentos sejam disponibilizados à população, é preciso que haja espaço disponível. E esse não é um problema quando nos referimos à VNSL.

Como afirmamos nas observações, quase todas as praças apresentam a mesma estrutura física, ou seja, uma cancha de futebol, uma cancha de vôlei, o *playground* e a calçaclovia. Essa concepção de espaço público, como apresentamos no primeiro capítulo, é influenciada pelos arquitetos e paisagistas modernos a partir da década de 1940.

Infelizmente esses equipamentos presente dos diferentes espaços acabam gerando um ar de monotonia a VNSL, pois todas as praças são praticamente iguais e nem as cores dos brinquedos mudam. Essa é uma estratégia utilizada pela prefeitura para facilitar a manutenção. Acreditamos que esses equipamentos são importantes para a comunidade, no entanto, acabam determinando a forma de apropriação.

Na totalidade das entrevistas realizadas, notamos que as pessoas se apropriam principalmente das canchas de futebol, das pistas de caminhada e do *playground* para levar as crianças, e em menor proporção a cancha de bocha e o Farol do Saber.

Devido à importância dada aos três primeiros equipamentos nos diferentes relatos dos moradores, analisaremos cada um deles separadamente.

Calçaclovia

Iniciamos a discussão das formas e interesses pelas calçadas e ciclovias que fazem parte dos equipamentos da área de lazer. Segundo Jacobs (2003), “as calçadas – a parte da rua que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados a circulação, mas não são sinônimos dela” (p. 29).

Para a autora a calçada por si só não é nada, é uma abstração. Ela só tem sentido

⁶³ Esse neologismo, “calçaclovia”, se caracteriza pela relação entre as calçadas e as ciclovias – feitas de piche – que são equipamentos com funções distintas, mas que nas praças da Vila acabam por ter a mesma função.

quando existe algum fim para seu uso. O mesmo acontece com as ruas. Tanto a rua quanto a calçada são os principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais.

Na concepção de Jacobs para que as calçadas sejam seguras é preciso antes de qualquer coisa que ocorra uma apropriação efetiva por parte da comunidade, ou seja, é preciso que tenha movimento, pois se estiver deserta torna-se propícia à violência. A ordem pública (a paz nas calçadas e ruas) para a autora “é mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados” (p.32).

Nesta perspectiva, podemos dizer que as calçadas são de grande importância para a vida nas cidades. Mas que tipo de calçada? Esta questão é pertinente, pois de acordo com Jacobs (2003) as calçadas que são capazes de comportar qualquer recreação informal⁶⁴ deveria ter entre nove e dez metros de largura. Porém infelizmente esta não é a realidade da VNSL, suas calçadas tem no máximo dois metros de largura, feita de piche, por isso a denominação de “calçaclovias”. Elas estão presentes em todas as praças, sem exceção, no entanto acabam não contemplando sua real função devido a sua arquitetura irregular que pode colocar em risco a segurança daqueles que se apropriam.

Como reforça Jacobs,

O requisito para qualquer uma dessas variedades de recreação informal não é a existência de nenhum tipo de equipamento rebuscado, mas sim de um local conveniente e interessante. A brincadeira é prejudicada se as calçadas foram muito estreitas em relação ao que se exige dela. [...] Uma parte considerável do ócio e da recreação ocorre em reentrâncias da calçada, fora do trajeto dos pedestres (p. 95)

Quanto mais estreitas forem as calçadas, menores são as possibilidades de práticas corporais desenvolvidas nesses espaços. E mais frequentes são as escapadas das crianças para as ruas.

Como já afirmamos as calçadas da VNSL não têm espaço suficiente para as crianças brincarem, dessa forma, as pessoas que se apropriam desse equipamento são os adultos ao desenvolverem diariamente suas caminhadas. Essa apropriação pode ser confirmada de acordo com A.S.⁶⁵

⁶⁴ Para Jacobs (2003) a recreação informal pode caracterizar-se como: bater os pés em poças d'água; escrever com giz; pular corda; patinar; jogar bola de gude; conversar; trocar figurinhas; andar de perna de pau; subir em grades; subir em árvores; correr de um lado para o outro.

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

às vezes a gente vê família andando na praça, tem um pessoal na parte da manhã, que eu acordo cedo, vejo os senhores fazendo caminhada. Se você vier seis horas da manhã aqui você vê gente fazendo caminhada na praça.

Essa apropriação ficou evidente em nossas observações principalmente pela manhã e próximo ao anoitecer quando os senhores e as senhoras caminhavam na Praça Central. No restante das praças as pessoas preferem caminhar nas ruas, pois as “calçaclovias” são estreitas demais e não possibilitam uma interação maior entre elas.

A falta de apropriação desse equipamento, também, está diretamente relacionada à falta de manutenção. Sob o olhar atento do morador A.S ao se referir à manutenção das “calçaclovias” afirma:

Estas pistas de caminhada tinham que dar uma melhorada. É um dos pontos que tinha que melhorar bastante, porque de manhã tem um pessoal que vem todo dia, tem uma senhora, velhinha, fazendo caminhada.

Tivemos condições de perceber que esses equipamentos apresentam uma grande relevância para os idosos em suas experiências de lazer. Dessa forma, além da constante manutenção que precisa ser efetivada, deve haver uma preocupação por parte do poder público em desenvolver políticas que tenham como foco essa faixa etária da população, presente tanto na VNSL quanto nas diferentes comunidades.

Playground

Os *playgrounds*, compostos por pelo menos um brinquedo do “trio de ferro”, fazem parte das treze praças, o que significa uma concentração desses equipamentos.

A partir dessa constatação, alguns questionamentos são levantados: Porque essa concentração tão grande de *playgrounds*? Porque os equipamentos são de ferro, se deterioram rapidamente? Esses equipamentos não colocam em risco a segurança de seus usuários?

Em busca de tais respostas fomos conversar com o responsável pela gerência de conservação e manutenção das praças Luiz Antônio Albuquerque⁶⁶. Para o gerente, os

⁶⁶ Entrevista realizada com o gerente de manutenção e conservação de praças da SMMA, Luiz Antônio Albuquerque, no dia 22 de Junho de 2007.

equipamentos são padronizados e

isso facilita bastante à manutenção porque no momento em que quebra, fica difícil o conserto no local ou impróprio para o uso. [...] Os equipamentos, o básico, são o escorregador, o trepa-trepa e o jogo de gangorras, que são fáceis de substituir e são mais resistentes (*além do mais são fabricados pela própria prefeitura*). A gangorra é o mais frágil dos três, já os outros dois, como são de metal, eles duram mais. O escorregador, aquela chapa onde a criança escorrega, ele tem o hábito de romper e abrir, então o que dá para soldar, a gente solda no local, do contrário tem que ir lá e substituir o escorregador. [...] O ferro degrada aí entra a manutenção preventiva, a gente pinta, que a tinta é um serviço que não custa muito caro e ajuda a conservar o equipamento (grifos nosso).

A partir da fala de Albuquerque, temos condições de entender por qual motivo os brinquedos são padronizados. Isso não acontece na VNSL especificamente, mas em Curitiba como um todo. Em qualquer praça da cidade é possível observar os mesmos brinquedos dispostos da mesma forma e com as mesmas cores, o que acaba por gerar um ar monótono a esses espaços.

Essa problemática é ainda mais acentuada na VNSL, pois além dos brinquedos serem padronizados as praças são idênticas quanto à extensão, intervalos regulares e equipamentos destinados ao lazer e ao esporte. A primeira impressão que temos ao chegar à VNSL é que andamos de lá pra cá e continuamos no mesmo lugar. Segundo Jacobs (2003) essa estrutura é “um erro comum dos conjuntos habitacionais, e nesse caso quase inevitável, já que a maioria dos conjuntos constitui um projeto modular padrão feito para atividades padronizadas” (p. 114).

Apesar dos espaços serem feitos para atividades padronizadas como se referiu a autora, durante nossas observações tivemos condições de perceber que as crianças fazem usos diversificados dos equipamentos. Por exemplo, ao se apropriarem do escorregador, desciam de cabeça para baixo, viravam cambalhota segurando no ferro que sustenta o escorregador, ao invés de escorregarem subiam, desciam dois de cada vez; quando brincavam na gangorra, além da forma convencional, subiam de um lado e desciam do outro, muitas vezes esse brinquedo servia, também, como ponto de encontro entre as senhoras. Mesmo com a padronização dos brinquedos, pela facilidade de manutenção, que constituem o *playground*, em nossas observações tivemos a possibilidade de perceber que principalmente as crianças procuram resignificar esses espaços, extrapolando sua apropriação, que a princípio parece pré-determinada.

Mesmo fazendo parte de todas as praças, a comunidade reclama da falta de

manutenção e da padronização dos equipamentos. Como já nos referimos na discussão a respeito da Praça Central, falta um brinquedo essencial para as crianças que é a balança. Além da inclusão desse brinquedo,

Deveriam aumentar um pouco o parquinho porque a praça aqui é grande e fim de semana vem muita gente aí pra brincar com criança, então não dá pra todos brincarem. Uns tem que ficar olhando os outros brincar enquanto os outros tão brincando. Não tem espaço pra todo mundo brincar então ta faltando brinquedo.

Essa não foi a única reivindicação que observamos em nossas entrevistas. Outro ponto interessante foi levantado por G.B.S⁶⁷ a respeito dos brinquedos presentes nos parquinhos:

pela manutenção vem a segurança, porque um equipamento deteriorado, enferrujado, mal pintado não chama a atenção da criança, tem que ser uma coisa colorida e essa manutenção passa pelo quê? Passa por pintura que chama, destaca o equipamento. Hoje você passa lá e estão todos enferrujados, parados. [...] Poderiam colocar uns equipamentos mais novos é tudo a mesma coisa.

E complementando essa idéia a respeito da manutenção A.S⁶⁸ afirma:

Exatamente, é manutenção da praça, gangorra quebra, escorregadores estragam, enferrujam. Então, eles deveriam dar mais atenção, fazer uma manutenção com mais frequência.

Nas diferentes falas analisadas, as pessoas percebem a padronização dos brinquedos e a precariedade da manutenção, no entanto acabam não se manifestando em busca de melhorias. De acordo com o gerente de manutenção de parques e praças, os equipamentos são padronizados para facilitar a manutenção, mas, então, por que elas não são efetivadas? Não temos uma resposta para essa questão, mas afirmamos que falta uma ação mais efetiva do poder público e uma presença mais constante nos diferentes espaços de lazer. A VNSL apresenta uma concentração de espaços e equipamentos padronizados, no entanto, poderia haver uma diversidade de brinquedos que possibilitariam outras experiências singulares em cada um desses lugares.

As canchas de vôlei e de futebol de areia

⁶⁷ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

⁶⁸ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

Esses dois equipamentos estão presentes em oito das treze praças. Ao constatarmos esse número elevado, podemos nos questionar até que ponto tais equipamentos pré-determinam certas práticas corporais da comunidade? Esses espaços são apropriados somente a partir das práticas institucionalizadas ou a comunidade dá outro sentido/significado a eles? Quais são os grupos que se apropriam desses espaços? Será que são os mesmos durante o dia, a noite e nos finais de semana? O número de canchas é elevado, mas será que a comunidade dispõe de bolas, redes para efetiva apropriação dos locais?

Da mesma forma que os *playgrounds* são padronizados, as canchas também são. A manutenção das traves é fácil e de baixo investimento, a não ser que precisem ser substituídas. O processo de reposição de areia nas canchas depende dos números de pedidos realizados pela comunidade à regional e à prefeitura, mas esse é um processo demorado e muitas vezes não se efetiva.

Como nos referimos são oito praças que têm cancha de vôlei, esse número é elevado, mas raramente é apropriado pelos moradores da VNLS. Durante todo o processo de observação que ocorreu por aproximadamente um ano somente duas vezes esses espaços foram apropriados para o jogo de vôlei, sendo uma vez na praça-10 com jogo de duplas e a outra na praça-8 onde um menino e uma menina brincavam de jogar um para o outro. Dessa maneira não podemos afirmar que este espaço pré-determinou sua forma de apropriação até por que os espaços que se encontram mais degradados e abandonados são essas canchas. Mas por qual motivo essas canchas não são apropriadas para o voleibol? Não temos uma resposta pronta para essa questão, mas podemos levantar algumas hipóteses. Primeiramente o vôlei passa a ter maior visibilidade no cenário brasileiro a partir das olimpíadas de 1992, quando o Brasil conquista a medalha de ouro. A partir de então a divulgação de sua prática em veículos de comunicação nacional cresce a cada dia, no entanto, ainda é reduzida, por exemplo, em comparação com o futebol. Assim, para que essa prática corporal passe a ter uma adesão cada vez maior é necessário um processo de longa duração, para isso além dos meios de comunicação, as escolas têm um papel fundamental na divulgação e no ensino dessa modalidade para que os alunos, nos momentos de lazer, tenham a opção de escolher por essa ou por outras atividades. Infelizmente são poucos professores de Educação Física que aproveitam o espaço e o tempo escolar para desenvolver com os alunos o interesse

por essa prática corporal. Além disso, precisa haver por parte da gestão pública o incentivo à prática, não basta dar a estrutura física é preciso, também, que tenha o material necessário como a rede e a bola e alguém que possa incentivar sua prática.

Essas questões se evidenciam na fala de um dos moradores⁶⁹ da Vila Nossa Senhora da Luz:

acho bastante importante que tivesse um estímulo para que criasse aqui uma tradição com o voleibol, principalmente com o feminino que é o que não acontece aqui. E eu vejo que nós temos um potencial para isso. Já temos educação para nos comportarmos com as meninas, isso não acontecia a vinte anos atrás, têm espaços pra isso, só não temos estímulo.

Já as canchas de futebol são efetivamente apropriadas com exceção da Praça-7, que está abandonada. Esses espaços acabam determinando as práticas corporais vivenciadas por crianças, jovens e adultos. Isso não significa que seja ruim, pois muitas vezes a organização da comunidade do entorno da cancha de futebol acaba proporcionando diferentes experiências. As canchas que possuem atividades sistematizadas são: a central e a praça-8, descritas anteriormente

Em uma das praças, especificamente na praça-10, há a única cancha polivalente, que poderia possibilitar outras manifestações da cultura corporal⁷⁰ além do futebol e do vôlei. Afirmamos que poderia, pois durante nosso tempo na VNSL não tivemos a oportunidade de observar outras práticas corporais que seriam possíveis, por exemplo, com a presença das tabelas de basquete, pois já existe a estrutura para colocá-la, mas as tabelas não são repostas. Isso se deve segundo o gerente de manutenção e conservação das praças por que

a tabela é outra coisa que quebra bastante. As tabelas de basquete, elas são trocadas às vezes todos os meses, tanto na Nossa Senhora da Luz quanto lá no Sítio Cercado. São os dois locais que se quebram muito tabela de basquete. [...] são caros estes equipamentos, uma tabela de basquete está em torno de oitocentos reais, a tabela, tem mais o aro de metal. Então, são equipamentos caros, mas eles quebram com frequência.

O gerente afirma que as tabelas são trocadas quase todos os meses, mas não foi o que observamos durante o ano em que fizemos nossas freqüentes visitas à VNSL.

⁶⁹ Entrevista realizada com J.A.J no dia 26 de agosto de 2007.

⁷⁰ Materialidade corpórea historicamente construída, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os/as alunos/as na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.39).

As canchas de futebol não necessitam de muita manutenção, a não ser pela reposição de areia que dificilmente se efetiva e pela troca ou reposição dos alambrados que servem como forma de “proteção” para a bola. Ao se referir à estrutura da praça-8, S.F.C⁷¹ afirma:

A grade, no caso, erguer ela. Dar mais segurança para a bola, a gente perde muita bola com essas saídas pra fora. Se tivesse como erguer os alambrados da praça seria melhor. [...] Eu gostaria que tivesse, no caso, arquibancada como tem na central. Fazer uma arquibancada reuniria mais pessoal,[...], teria mais incentivo para o pessoal vir, porque vêm aqui e ficam sentados no chão. Falta estrutura para o pessoal vir na praça assistir jogos e participar.

Complementando essa idéia, S.R.⁷²relata:

eu acho que é fraca, poderiam ser muito mais bonitas as praças, poderia ser muito melhor. Você já passou e deve ter reparado que a central tinha que ser bem fechada, a praça cinco já é bem fechadona com uma tela nova, a praça oito é mais ou menos. [...] Quando políticos vêm aqui, vem pedir votos se agarram nessas coisas: Então vamos ver o que está faltando pra nós. Daí passa os quatro anos de mandato e eles nem aparecem.

Assim, observamos que a manutenção dos alambrados presentes nas canchas deve ser realizada constantemente para garantir sua essência, qual seja, não deixar que a bola seja chutada para longe – indo para a rua – e com isso coloque em risco a segurança das pessoas que estão se apropriando desses lugares.

Depois de analisarmos a categoria equipamentos, temos clareza de que o poder público não pensa em políticas que visam manter e potencializar os espaços e equipamentos de lazer. Precisa haver uma organização mais contundente por parte da população na perspectiva de um exercício político para que as atividades desenvolvidas nesses espaços e equipamentos não sejam vistas como supérfluas e conseqüentemente desvalorizadas tanto pelos moradores da Vila quanto pelo poder público.

Tempo: quais suas implicações para o lazer?

A partir das análises realizadas, podemos afirmar que a categoria tempo apresenta-se como de grande relevância para discutirmos a questão do lazer dos moradores da VNSL. Quando desenvolvemos as entrevistas e nos preocupamos em

⁷¹ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

⁷² Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

selecionar os entrevistados a partir da apropriação dos espaços e equipamentos não sabíamos a princípio se as pessoas trabalhavam, se estavam desempregadas ou eram aposentadas. Na totalidade entrevistamos dezessete pessoas, como apresentamos anteriormente, das quais seis são aposentadas.

A introdução a respeito das pessoas aposentadas torna-se importante, pois o tempo que elas dispõem para desenvolver a atividade na praça não está pré-determinado pelo tempo de trabalho. Dentro desse grupo, temos pessoas que passam grande parte do dia na praça, jogando bocha ou conversando com os amigos, como é o caso de M.H.A.S⁷³ que afirma ter seu lazer nesse local. Ele além de morar em frente à Central é responsável pelo material da bocha. Nessa mesma linha de pensamento W.B⁷⁴ afirma que

dia de semana não tem nada pra fazer, então pra passar o tempo, a gente vai jogar uma bocha com os idosos. Sábado e domingo, assiste um jogo de futebol e jogamos bocha até anoitecer.

Da mesma forma, G.B.S⁷⁵, que também é aposentado, afirma permanecer nas praças, principalmente na central nos finais de semana, pois as atividades relacionadas ao futebol, normalmente, começam as dez horas da manhã e vai até seis horas da tarde. Segundo ele essa atividade

já virou um ponto de encontro que não tem como você fugir. Se não tem futebol no domingo parece que fica sem sentido a vida.

As outras três senhoras aposentadas utilizam seu tempo na praça para caminhar por um período aproximado de cinquenta minutos. Duas delas, mesmo não gostando muito dessa atividade, desenvolvem-na por recomendação médica. Já a terceira faz essa atividade porque gosta de caminhar e de sair, fazer suas “andanças” como ela mesma afirma.

Em nossas entrevistas somente essas três senhoras se referiram as atividades ofertadas pelo Farol do Saber. As duas primeiras fazem aula de ginástica duas vezes por semana, enquanto a terceira além das aulas de ginástica, participa das aulas de violão nas terças e quintas-feiras.

⁷³ Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2007.

⁷⁴ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

⁷⁵ Entrevista realizada no dia 01 de setembro de 2007.

Todos os aposentados que entrevistamos têm uma remuneração mensal garantida, contudo, segundo Mascarenhas (2005), não são todas as pessoas que conseguem usufruir seu tempo livre do final da vida com aposentadoria digna. Existem vários fatores que influenciam esse tempo, dentre eles: a remuneração mensal nem sempre é suficiente para que as pessoas tenham acesso ao lazer como gostariam; muitas pessoas sequer tiveram condições de se aposentar, pois jamais tiveram carteira de trabalho assinada; nessa mesma direção, o número de pessoas que fazem parte do setor de serviço e trabalham na informalidade é muito elevado o que pode prejudicar o tempo livre do final da vida.

Referimo-nos até o momento ao tempo livre dos moradores aposentados, mas de que forma se caracteriza a apropriação dos equipamentos pelos moradores que precisam conciliar o tempo livre com o tempo de trabalho?

A maioria dos moradores que trabalham se apropriam das diferentes praças nos finais de semana, pois seu tempo livre está diretamente determinado pelo tempo de trabalho. Com exceção de um dos entrevistados, o restante se apropria das praças nos finais de semana. Essa divisão entre os tempos fica evidente na fala de R.C.L.⁷⁶

geralmente venho à praça sempre aos domingos de manhã, porque eu trabalho e nos domingos que eu não trabalho venho pra cá.

O mesmo acontece com A.S que tem o privilégio de morar em frente a duas praças, mas também só pode apropriar-se delas nos finais de semana.

com frequência no final de semana por causa do meu horário de trabalho, dia de semana fica complicado, meus filhos não moram comigo, então quando eles vêm final de semana a gente vai pra praça, mas utilizamos bastante. A permanência depende das tarefas de casa, que nem hoje, por exemplo, tem que estar lavando uma calçada, lavando o carro, cuidando dos cachorros, mas no momento de folga a gente corre brincar lá na praça, é balança, futebol, bicicleta⁷⁷.

Pensando na relação tempo livre e tempo de trabalho, só foi possível observar uma complementaridade entre ambos, no caso de S.R.⁷⁸ que é comerciante e afirma que se apropria dos espaços

⁷⁶ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

⁷⁷ Entrevista com A.S no dia 01 de setembro de 2007.

⁷⁸ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

quase que diariamente, não tem determinado horário, é de acordo com o que o pessoal pede ou o pessoal quer que a gente vai ali e participa com eles.

Por mais que boa parte da teoria do lazer afirme que há uma nítida divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre, aparentemente, esse sujeito consegue ter experiências significativas, no âmbito do lazer, driblando a dicotomia existente entre ambos. Vale ressaltarmos que essa relação pode ser efetivada, pois seu estabelecimento comercial fica em frente à praça central.

Na Vila Nossa Senhora da Luz, tivemos condições de observar que, independentemente da quantidade de tempo que as pessoas disponham, elas procuram vivenciar o lazer da forma mais intensa possível. Seja caminhando na praça central por vontade própria ou por recomendação médica, fazendo aula de ginástica e aprendendo a tocar violão. Seja por meio da organização do futebol nas manhãs de domingo que propiciam o encontro entre os amigos e assistindo ou participando dos jogos de futebol do campeonato que movimenta a VNSL nos finais de semana. Podemos afirmar, dessa forma, que existe um exercício político na organização das pessoas nas diferentes praças e nos diversos momentos da semana.

Segurança: basta ter olhos atentos?

Designamos por Olhos Atentos a categoria segurança, considerada de fundamental importância para a apropriação dos diferentes espaços e equipamentos de lazer e esporte que pertencem a VNSL.

Para que exista segurança nas ruas, Jacobs (2003) fala da existência de algumas características, dentre elas, a de que “devem existir olhos para as ruas, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua” (p.36). As casas ou prédios não devem estar com os fundos ou a lateral voltado para a rua, deixando-a cega.

Todavia, não é fácil atingir essas metas. “A segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança exatamente quando as pessoas as utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de que estão policiando” (p.37).

Para melhor compreendermos o que fala Jacobs a respeito da segurança, trazemos um exemplo de uma conversa informal entre amigos durante os jogos de futebol que acontecem em uma das praças da VNSL, no domingo pela manhã. Nessa

oportunidade, escutamos um relato de um dos moradores referente ao que podemos chamar de “olhos atentos”:

Teve um dia que um Golf desceu a rua muito rápido e o pessoal que tava na praça assistindo o futebol, começou a gritar para que não andasse tão rápido. O cara do carro ficou brabo, parou o carro na esquina e começou a chamar todo mundo de filho da..., no banco de trás tinha duas crianças. Tinha mais de 40 homens na praça. Eu não agüentei e falei filha da... é você. O cara ficou olhando e eu fui até em casa peguei minha arma e estava saindo quando minha mulher perguntou aonde eu ia com aquilo. Parei pra pensar no que estava fazendo e joguei a arma no armário, está lá até hoje. Quando sai de novo o cara tinha acabado de passar na frente de casa. Depois me falaram que ele é um dos maiores bandidos que tem na região.

Assim, concordamos com Jacobs no momento em que fala sobre a importância dos olhos vigilantes da comunidade, no entanto, neste exemplo, tivemos condições de ouvir que, as pessoas em alguns casos, ao se apresentarem vigilantes correm um risco de sofrer uma violência ainda maior. Hoje as pessoas se sentem reprimidas devido ao medo da represália que podem sofrer caso procurem cuidar do patrimônio público, ou da segurança das pessoas que moram na comunidade, que foi o caso da conversa citada anteriormente.

Para que haja a vigilância, além dos olhos atentos da comunidade, faz-se necessário um número considerável de estabelecimento (lojas, bares, restaurantes etc.) e outros lugares públicos dispostos ao longo das calçadas, esses estabelecimentos e espaços públicos também devem ser utilizados a noite.

Em determinados bairros violentos, as ruas são escuras e costuma-se acreditar que o problema se deva à falta de iluminação. “A iluminação é importante, mas não se pode atribuir apenas à escuridão a enfermidade grave e funcional das áreas apagadas, a Grande Praga da Monotonia” (JACOBS, 2003, p. 43)

Para Jacobs, a iluminação induz as pessoas a contribuírem com seus olhos para a manutenção da rua. Além disso, cada par de olhos a mais e qualquer aumento de seu alcance representa um trunfo para as áreas apagadas e desvitalizadas. Não obstante, a autora reforça que “as luzes não têm efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação de apoio geral na rua para a preservação da civilidade. Quando não há olhos atentos, podem ocorrer crimes horrorosos em público” (p. 43).

Esses problemas, a que se refere à autora, não ocorrem somente à noite, mas em qualquer período do dia. Em conversa informal com um morador da Vila, tive a infeliz

oportunidade de ter conhecimento de causa, sobre o que Jacobs nos retrata, em meio as minhas observações⁷⁹. Um rapaz que morava na Vila tinha sido assassinado em plena luz do dia numa das praças. O morador relatou da seguinte maneira:

Veio um menino chamar o rapaz na casa dele falando que tinha um presente para ele na praça X. O rapaz saiu de casa e foi ver o que era. Quando chegou na referida praça, tinha um outro rapaz esperando por ele e em seguida descarregou a arma, foram vários tiros a queima roupa.

Segundo o mesmo morador, ninguém denunciou o assassino por medo. A partir desse relato, infelizmente não podemos dizer que nessa praça há olhos atentos, isso não ocorre por culpa dos moradores, pois caso alguém realize a denúncia pode sofrer alguma forma de represália. Fica nítida a existência de códigos, a “lei do silêncio”, que impera neste lugar, além disso, dentro da VNSL há uma disputa muito grande pela dominação do espaço.

Essa questão da disputa pela dominação do espaço fica evidente em conversa informal com crianças e adolescentes que moram perto dessas praças. Quando perguntadas a respeito de como era morar na Vila, contaram que tem muito medo, pois o tráfico de drogas é muito grande. Existe rivalidade entre as praças X/Z e W/Y. Quando morre um traficante ou o grupo rival consegue matar, fazem festa a noite inteira e soltam foguetes. As crianças que moram nas praças W/Y não podem ir brincar nas praças X/Z e vice-versa, pois segundo os traficantes elas vão sondar o que está acontecendo para falar para os outros. Além disso, Muitas vezes têm toque de recolher principalmente quando matam um traficante rival e inicia-se um conflito.

Essas questões da vigilância podem ser observadas, também, nas palavras de Luis⁸⁰, não se referindo a crimes contra seres humanos, mas contra o patrimônio público,

O problema maior lá que a gente sente é que o pessoal quebra, destrói com muita frequência [...]. É o vandalismo, como eu já tinha dito, e o roubo de equipamento, principalmente do tubo de cano galvanizado dos equipamentos. A praça central é incrível, mas é, todos os meses a gente faz reparo no alambrado e o alambrado está quebrado, porque o pessoal rouba e vende o tubo de cano galvanizado. E é incrível que, a própria comunidade, ela não denuncia.

⁷⁹ Nesta semana em que ocorreu o fato, Fevereiro de 2007, fui aconselhado a parar minhas observações até que as coisas se acalmassem na Vila.

⁸⁰ Entrevista realizada no dia 22 de Junho de 2007.

Na seqüência da entrevista diz que nas outras praças da cidade a comunidade faz a denúncia dos atos de vandalismo e de roubo, mas quando se refere à Vila, novamente relata:

Parece que eles têm uma espécie de acordo entre eles que eles não denunciam. Eles vêm o vândalo quebrar, destruir, não sei se é por uma questão de segurança, talvez até sim, mas é um dos locais que se gasta muito em função do vandalismo.

Ao analisarmos as palavras do gerente de manutenção e conservação, observamos que a comunidade, por medo, não faz aquilo que Jacobs preconiza como necessário para que se tenha segurança nas ruas, nas calçadas, nas praças ou em qualquer outro ambiente, estar com os olhos voltados para esses lugares, procurando repreender as pessoas que fazem mau uso dos espaços e equipamentos. Essa deve ser uma ação constante dos proprietários naturais da rua.

Como afirma Jacobs (2003) a ordem pública (a paz nas calçadas e ruas) “não é mantida basicamente pela polícia, sem negar com isso sua necessidade. É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados” (p.32).

Concordamos com Jacobs que a comunidade precisa permanecer com os olhos abertos, no entanto, para que as pessoas sintam-se seguras para denunciar ou repreender, elas precisam ter o policiamento como respaldo. Em entrevista realizada com L.L.S⁸¹ ao ser questionada a respeito da segurança, afirma:

o que seria ideal que viesse pra Vila é um policiamento, porque tem horários em que a gente não consegue ficar em volta da cancha de bocha, porque a turma fica fumando as porcarias deles ali. Até um dia a gente tava lá jogando e eu tive que desistir que não agüentei aquele cheiro [...]. Então se tivesse um policiamento que inibisse pelo menos essa turma que fica ali, seria ideal. [...] Seria ideal que a polícia desse, pelo menos, um pouco mais de atenção, né. Mas, sei lá se adianta se não adianta, pelo menos inibe. [...] O que falta não só na Vila Nossa Senhora da Luz, mas em todos os bairros, é um policiamento mais ostensivo.

Nessa fala tivemos a oportunidade de perceber que se existisse um maior policiamento as pessoas se sentiriam mais seguras para se apropriarem das praças. Essa é uma questão que aflige os moradores de todas as praças. De acordo com M.R.C.V. que mora próximo a Praça-8 as pessoas que são novas na vila, tem medo, segundo ele:

⁸¹ Entrevista realizada com moradora da VNSL no dia 22 de setembro de 2007.

eu já mora aqui desde que nasci, então eu conheço todo mundo e pra mim é normal. Mas eu vejo que as pessoas que vem há pouco tempo aqui, elas se sentem um pouco preocupadas, com medo, porque tem muita droga. [...]. Digamos que tivesse um policiamento mais intensivo aqui, passando mais vezes durante o dia talvez o pessoal que usa droga ficasse menos tempo na praça.

Percebemos que a segurança das pessoas, também, está diretamente ligada a questão das drogas. Na fala de G.B.S⁸² “segurança, hoje, está difícil porque nosso grande problema são as drogas. É muito complicado tocar num assunto tão difícil. Então, hoje eu diria que está precária nossa segurança. A polícia passa constantemente, mas na verdade não atua”.

Esse é um problema que atinge a cidade como um todo e não existe uma fórmula para resolvê-lo. Há sim, a necessidade de políticas públicas, pensadas para as diferentes comunidades, no que se refere à segurança, é preciso pensar em projetos e programas diferenciados para que principalmente os jovens e as crianças possam ter outras alternativas que não seja exclusivamente a rua.

Na fala de A.R.A⁸³, que mora na VNSL desde que nasceu, seria interessante que tivesse

projetos incentivando o esporte porque aqui não existe. Eu já vi no Rio de Janeiro, em todos os lugares, basquete de rua, futebol, futebol de areia, vôlei de areia, surf, e aqui na Vila mesmo, tem todo esse espaço e não é utilizado nesta parte para levar essa piazzadinha nova pra fazer esporte. Porque os caras que são aqui do bairro mesmo que pegam a piazzadinha, faz um torneozinho, pra poder incentivar, mas também é só esse pessoal próprio da comunidade mesmo.

Além das ações do poder público, a comunidade precisa ter um maior envolvimento com as diferentes associações de moradores para discutir em conjunto com os vereadores ações que possam modificar essa realidade. Não basta ressaltarmos os problemas e as dificuldades é preciso que a comunidade se envolva. Em nossas entrevistas constatamos que poucos moradores se envolvem com as associações e um número ainda menor sabe da existência das três associações que estão presentes na Vila.

A partir de tais constatações, as praças que são pouco utilizadas sofrem do mesmo mal que as ruas sem “olhos”, pois a desapropriação gera violência ainda maior tornando-as perigosas e evitadas. Além disso, essas praças e seus equipamentos são

⁸² Entrevista realizada em 01 de setembro de 2007.

⁸³ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

alvos de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso. Por isso acreditamos na importância dos moradores estarem de olhos bem abertos para tudo o que ocorre nas praças com a intenção de preservá-las.

Considerações finais ou um novo começo?

Depois da longa caminhada realizada por nós ao longo dessa pesquisa, podemos afirmar que muitos questionamentos surgiram, muitas dúvidas nos acompanharam e as incertezas e o medo, também, estiveram presentes. Acreditamos que esses elementos foram fundamentais para nos incentivar a continuar buscando a resposta para nossa pergunta inicial: Como se dá a apropriação dos espaços e equipamentos supostamente destinados às experiências no âmbito do lazer e do esporte na Vila Nossa Senhora da Luz?

Nossa caminhada se efetivou com a construção dos três capítulos que antecederam esta conclusão. Para respondermos ao nosso problema de pesquisa tivemos o cuidado, no primeiro capítulo, de estudar e conhecer o primeiro conjunto habitacional do Paraná, chamado Vila Nossa Senhora da Luz. Esse conjunto habitacional, quando foi planejado e executado, tinha como objetivo central o desfavelamento da cidade de Curitiba, o que não se efetivou. Dessa forma, podemos afirmar que a VNSL não foi uma “revolução em urbanismo” como planejaram os engenheiros e arquitetos da época. Concordamos que se tratava de um projeto arrojado, mas que necessitava de uma infraestrutura física e humana mais bem preparada e qualificada, respectivamente, para receber essa população. Não bastava retirar as pessoas das favelas e jogá-las naquele novo conjunto, era preciso, antes de tudo, prepará-las para habitar aquele espaço. Segundo Lefebvre (2001), habitar é participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade, ou seja, é mais que um simples abrigo.

Naquele momento, o habitar era quase impossível pelas dificuldades encontradas no início do processo. As casas “no início não tinham água e nem luz”, como afirma L.L.S⁸⁴, para ir “a cidade”, forma como moradores diziam que iam para o centro, precisavam ter muita paciência, pois havia somente um ônibus ou pegava-se o trem. Como dissemos anteriormente, essa situação modificou bastante, mas está longe de ser o ideal, pois ainda observamos que muitas pessoas passam por dificuldades sociais, econômicas, privadas do acesso a cultura, ao lazer, ao esporte.

Na VNSL existem treze praças que foram pensadas desde o projeto inicial, mas até meados da década de 1980 as praças eram desprovidas de qualquer infra-estrutura. Hoje todas têm uma estrutura básica, mas que deixam muito a desejar quando pensamos

⁸⁴ Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2007.

nas experiências de lazer que poderiam proporcionar aos moradores.

Para darmos seqüência a caminhada que nos propusemos, após apresentarmos nosso objeto de estudo, sentimos a necessidade, no segundo capítulo, de discutir o lazer, trazendo para o debate as reflexões a respeito da categoria tempo e espaço, pois elas são fundamentais para a compreensão do fenômeno lazer. Arriscamos-nos ao propor uma figura de metáfora, procurando discutir o lazer a partir do labirinto do Minotauro.

Assim, trouxemos no interior desse capítulo os diferentes “fios de *Ariadne*”, na tentativa de contribuir com o debate a respeito do lazer, e, por acreditarmos que não existe verdade absoluta, chegamos a uma conclusão transitória, na qual as experiências vividas no âmbito do lazer podem ser decisivas para a emancipação dos seres humanos. Tais experiências podem promover, por meio do diálogo, da reflexão crítica e da construção coletiva, a constatação e resistência à ordem social injusta e excludente, dando-nos condições de modificar a realidade na qual estamos inseridos.

Essa emancipação, por meio das experiências proporcionadas pelo lazer, ficou nítida em nosso terceiro capítulo quando analisamos os documentos, discutimos as observações, as entrevistas e nosso diário de campo.

Mesmo que a comunidade sofra as mazelas sociais que lhes são impingidas pela sociedade capitalista, em seu tempo e espaço de lazer conseguem vivenciar outras relações que ultrapassam as dificuldades, sejam elas momentâneas ou não, nos mostrando que o lazer propicia experiências significativas para as diferentes comunidades. Nossa intenção não é mostrar o lazer como o fenômeno que vai transformar a realidade em que vivemos, mas que pode ser um dos caminhos para proporcionar a organização coletiva em busca da emancipação humana.

Podemos afirmar que a partir das discussões realizadas, a travessia do labirinto do lazer exige dos pesquisadores um aprofundamento no entendimento tanto da categoria tempo quanto da categoria espaço, levando-se em consideração as condições sociais da existência humana. Portanto, deve buscar uma concepção de lazer e de sociedade que afirme uma utopia de superação do modo de produção capitalista para que a sociedade, em sua totalidade, tenha condições de usufruir de um tempo e espaço verdadeiramente livres, instaurando-se, dessa forma, relações humano-sociais efetivamente equitativas e solidárias.

Ao realizarmos essa pesquisa, constatamos que há uma necessidade urgente em desenvolver projetos em parcerias entre as Universidades – principalmente as públicas,

as prefeituras e as comunidades por meio das associações de moradores. A partir de tal organização as Universidades, ao proporem projetos que envolvam os estudantes, podem contribuir decisivamente para desenvolver em conjunto com a comunidade ações para a ocupação dos espaços e equipamentos que fazem parte da VNSL. Essa reivindicação foi sinalizada por M.R.C.V⁸⁵ ao relatar que a prefeitura e

os alunos de Educação Física, principalmente da Universidade Federal, onde é subsidiado o curso pra eles pelo governo, eles poderiam estar trabalhando nas praças aqui na Vila. Chegar um professor aqui com um saco de material já é suficiente para reunir a gurizada de 10, 12 anos, [...], socializar um pouco mais eles e fazer com que pratiquem mais esporte. Mas isso não é feito.

Complementando essa idéia, R.C.L⁸⁶ ao seu modo de ver essa questão afirma:

Eu colocaria mais projetos de esporte e lazer em cada praça. Eu acho que a pessoa que faz educação física, se ela incluir no currículo dela o serviço voluntário, acho que seria muito interessante, porque estariam contribuindo com a comunidade e vocês iriam adquirir mais experiências.

A partir dessas duas falas, torna-se ululante a necessidade de desenvolvermos projetos que estejam preocupados com a apropriação dos diferentes espaços da Vila Nossa Senhora da Luz. Os próprios moradores têm essa visão crítica de que a Universidade pública precisa dar um retorno às diferentes comunidades, neste sentido, esperamos, com essa pesquisa, contribuir com a Universidade, com os órgãos municipais competentes na tentativa de realmente retornar a pesquisa a esses sujeitos em relação.

Políticas públicas precisam ser pensadas para a VNSL. Por exemplo, dentro desse conjunto habitacional existe um espaço que foi construído aproximadamente em 1985, chamado de Centro Social Urbano (CSU), e hoje se encontra completamente abandonado. Há a possibilidade, por meio da organização da comunidade, de se reivindicar a revitalização desse equipamento social. Nesse espaço, várias secretarias municipais poderiam ter uma sub-sede que atendesse parte da Regional-CIC com a promoção de políticas públicas.

Tais políticas devem ser pensadas em consonância com a população. Sabemos

⁸⁵ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

⁸⁶ Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2007.

que além do CSU existem treze praças na Vila que têm uma importância significativa para a comunidade. Assim, a população deveria ter a condição de escolher, em conjunto com os gestores, quais seriam os melhores espaços, ou seja, em quais praças deveriam estar presente equipamentos que atendessem às suas necessidades e quais projetos poderiam ser pensados para efetivar sua apropriação. Mais que pensar em novos equipamentos ou em revitalização é preciso que se efetive por parte da SMMA uma constante manutenção dos já existentes.

Nesta perspectiva, não podemos falar em apropriação sem considerar as categorias que analisamos no terceiro capítulo. A apropriação a primeira vista nos dá a impressão de ser sempre positiva, mas não devemos nos deixar iludir por tal convicção. Muitas vezes a apropriação ocorre de forma “oculta”, ou seja, se em determinada praça não há uma apropriação direta dos espaços e equipamentos, pode ser que ocorra de forma indireta, seja por meio do tráfico ou por obras de arte realizadas em muros. A apropriação se efetiva quando a comunidade concebe os espaços e equipamentos como um local possível para o que Lefebvre chamou de habitar, conferindo-lhes, assim valor-de-uso. Isso quer dizer que os espaços podem possibilitar que as pessoas transitem, vivenciem e consumam-no improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem para além do prazer e do prestígio, que encontram nesses lugares.

Dessa forma, as três categorias que discutimos têm sua parcela de importância para que a comunidade tenha condições de se apropriar dos equipamentos. Antes de qualquer coisa, para que as pessoas possam ir às praças, precisam de tempo. Esse tempo caracteriza-se como um tempo livre do trabalho e como um tempo livre para desenvolver ações que lhe proporcionem diferentes experiências e que, se possível, sejam significativas.

A segurança é outro ponto central, pois, por mais que exista violência, a partir dos olhos atentos, é possível que haja apropriação. Jacobs (2003), enfatiza que,

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos (p. 52)

Acreditamos que com esses olhos atentos, e com a proposição de políticas públicas para a segurança, a comunidade, que tanto receio tem em falar sobre esse assunto, consiga superar as dificuldades e passe a se apropriar das diferentes praças,

transformando os diferentes espaços em lugares da sociabilidade, espontaneidade e criatividade.

Nossa intenção não foi descrever um fato isolado, ou seja, a Vila não está numa caixa hermeticamente fechada, pelo contrário, faz parte de um contexto mais amplo, na qual a noção de totalidade se impõe. Nesse bojo, temos condições de afirmar que o lugar ganha conteúdo nas suas inter-relações.

A partir de todas as reflexões e discussões que realizamos, acreditamos que não há verdade eterna, pois o conhecimento é socialmente produzido pela humanidade. Nessa perspectiva, estamos de comum acordo com Carlos (1994) quando diz que temos “uma visão de mundo e uma tentativa de explicação, a busca de apreensão do real enquanto produto de relações concretas” (p. 18).

Nesta direção, a visão de mundo que temos influenciou diretamente na constituição da pesquisa, pois o referencial teórico adotado tem relação direta com a forma de ver e conceber as relações sociais. Assim, para finalizarmos por hora nosso trabalho, reforçamos as idéias de Carlos (1994) ao dizer que faz parte de nossas utopias uma sociedade mais igualitária, na qual o homem possa se libertar das amarras impostas pela formação econômica e social capitalista, onde haja a possibilidade de criação no e pelo trabalho, que seu lazer não seja meramente para recuperação de suas forças físicas e intelectuais; sua residência possa ter algo mais do que um teto; e que dessa forma os seres humanos tenham assegurado, na prática, o direito à vida, à felicidade e à diferença.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ALVES, Vânia Noronha. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.) **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 83-114.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 1977.

BLAY, Eva Alterman. Habitação: a política e o habitante. In: BLAY, Eva Alterman (org.) **A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana**. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOLETIM casa romário martins. **COHAB-CT: 41 anos de planejamento e realizações**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n. 133, dez. 2006. 156p. (Memória Institucional).

BOTACIN, Frei Miguel. Depoimento. In: INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA, IPPUC. **Memória da Curitiba Urbana**. Curitiba, setembro, p. 311-320, 1991.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.1, n.1. p.9-17, 1998.

BROLI, Carmen Nicolussi. **Cultura proletária e consciência de classe**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade de Ribeirão Preto, São Paulo, 1979.

BRUHNS, Heloisa Turini. De Grazia e o lazer como isenção de obrigações. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.) **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

_____. (org.) **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

CAMARGO, Luiz Octávio de. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Lazer: concepções e significados. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.1, n.1. p.28-36, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “Novas” contradições do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fany Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Orgs). **O espaço no fim do século: a nova raridade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 62-74.

_____. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual**. Piracicaba, 2004. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DECCA, Edgar Salvadori de. E. P. Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.) **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Chronos, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FOLEY, Duncan. Mais-valia. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 227-229.

FRIGOTTO, Gaudêncio. As relações trabalho-educação e o *labirinto do Minotauro*. In: AZEVEDO, José Clóvis de. et al (orgs.) **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2000.

GARCIA, Fernanda E.S. **Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing**. Curitiba, Palavra, 1997.

GOMES, Christianne Luce. Lúdico. In _____ (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOTTDIENER, Mark. A reestruturação do espaço de assentamento. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo:EDUSP, 1993. capítulo 7, p. 229-261.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Tradução de Victor Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Claridade, 2003.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LUCHIARI, Maria Tereza. A categoria espaço na teoria social. **Revista Temáticas**, Campinas, jan./jun. p.191-238, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUKES, Steven. Emancipação. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 123-124.

MAGNANI, José Guilherme do Canto. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/ UNESP, 2002.

MARCASSA, Luciana. Lúdico In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

_____. Lazer, Espaço Urbano e Transversalidade. In: CARVALHO, João Eloir (Org.). **Lazer no espaço urbano**: transversalidade e novas tecnologias. Curitiba: Champagnat, p.71-82, 2006.

MARTINS, Maria de Fátima A. Espaço e política na realidade dos conjuntos habitacionais. In DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fany Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Orgs). **O espaço no fim do século**: a nova raridade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 165-171.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política – Livro I**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 19ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MASCARENHAS, Fernando. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.3, n.1., p.72-89, 2000.

_____. **Lazer como prática de liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. Goiânia, Ed. UFG, 2003.

_____; MARCASSA, Luciana. Lazer In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. Lazer e Utopia: limites e possibilidades de ação política. **Revista Movimento**. Porto Alegre, vol. 11, n. 3., p.155-182, 2005b.

MENDONÇA, Maí Nascimento. **Cidade de Curitiba**: 25 anos bem empregados. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1998.

MINAYO, Maria Cecília da Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2000.

_____; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005

MORAES, Antonio Carlos Robert.; COSTA, Wanderley Messias da. **A valorização do espaço.** São Paulo: Hucitec, 1987.

MÜLLER, Ademir. Espaços e Equipamentos de Lazer e Recreação e as Políticas Públicas. In: MÜLLER, Ademir, BURGOS, Miria Suzana. (Org.). **Coletânea de Textos do Encontro Nacional de Recreação e Lazer - 14 ENAREL.** 01 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre: um enfoque crítico.** México: Trillas, 1992.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Veblen, o ócio como emblema social. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.) **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes.** São Paulo: Chronos, 2002.

ORTIZ, Renato. **Ciências sociais e trabalho intelectual.** São Paulo: Olho d'Água, 2002

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer: concepções e significados. **Revista Licere.** Belo Horizonte, v.1, n.1. p. 18-27, 1998.

PUIG, Josep Maria; TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** Campinas, 2003. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física. Unicamp.

_____. O pulsar da vida urbana: o espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano. In: CARVALHO, João Eloir (Org.). **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias.** Curitiba: Champagnat, p.91-102, 2006.

RECIFE. Prefeitura. Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente. **As praças que a gente tem, as praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças.** LEITÃO, Lúcia (org.). Recife: A Secretaria, 2002.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras.** 2.ed. São Paulo: Editora da USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Metamorfose do espaço habitado.** 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997-b.

_____. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Mauricio Roberto da. Democratização dos espaços urbanos para o lazer na cidade de Florianópolis. **Motrivivência Pesquisa.** Ano V – nº 5, 6, 7. Florianópolis, 1994 p.208-217.

SOJA, Eduard. A geografia histórica da reestruturação urbana e regional. **Geografias pós-modernas.** A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993 capítulo 7, p. 191-229.

SOUZA, Nelson Rosário de. **Planejamento urbano, saber e poder:** o governo do espaço e da população em Curitiba. Tese de Doutorado em Ciências Sociais (Sociologia) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

JORNAIS/REVISTAS

JORNAL DO ESTADO DO PARANÁ. **Vila Nossa Senhora da Luz, um projeto que fracassou.** 26 de Maio de 1985

CURITIBA EM AÇÃO. **Vila Nossa Senhora da Luz:** o desafio agora é realidade. Ano II. Setembro de 1966. n 13. p-17.

ANEXO

ANEXO – 1**PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER DA VILA NOSSA SENHORA DA LUZ****Cidade:****Data:****Espaço:****Perfil:***Caráter/ Responsável:**Localização:**Número de pessoas que atende:**Data de fundação:**Histórico:***Descrição:***Área total:**Equipamentos:**Materiais:**Condições:**Banheiro:***Acessibilidade:***Espaço físico (adequação a portadores de necessidades especiais):**Meios de transporte:**Horário:**Tempo:***Apropriação:***Projetos:**Faixa etária / Sexo:**Formas de apropriação:**Outras possibilidades de apropriação:***Qualidade ambiental**

1. Possui árvores?
2. Qual a porcentagem do espaço total que possui árvores?
Calcule aproximadamente quantas árvores (50, mais de 50, 100)
3. Possui vegetação?

4. Qual a porcentagem de área que ocupa?
5. Esta vegetação é jardim construído ou preservação de área natural?
6. possui espaço com água?
7. Qual a porcentagem de área que ocupa?
8. Tipo do espaço (fonte, chafariz, rio outros).
9. A localização dos equipamentos e mobiliários é próximo dos locais em que há árvores e vegetação? (na maior parte, em uma pequena parte)
10. Há sombra, próximo dos locais onde há bancos, e dos brinquedos para as crianças? (na maior parte, em uma pequena parte).
11. Quanto aos níveis do terreno são: único, inclinado, com ondulações, vários níveis, plano (especificar).
12. Quanto à iluminação, como se caracteriza? Têm postes, holofotes, quantos aproximadamente? Funcionam a partir de que horário? A localização favorece o uso dos espaços à noite?
13. É permitido cães?
14. Há pixação? Grafiteagem permitida?

Instalações e acessibilidade (para pessoas com mobilidade limitada ou reduzida)

1. Há vagas para estacionamentos?
2. Nos estabelecimento há vagas preferenciais? Controladas ou não?
3. Há banheiros? Quantos? Fechados ou não? Pagos ou não?
4. Há banheiros projetados que facilitam o acesso para Portadores de Necessidades Especiais?
5. Há transporte público próximo? Calcule a distância aproximada.
6. Há cercas ou muros? Em todo o redor, em uma parte, com portões que são trancados, ou não?
7. Quantas lixeiras existem no local?
8. Existem bebedouros? Quantos?
9. Que outros mobiliários existem no local? (mesas, bancos, churrasqueiras, quiosques, cafés, lanchonetes, bancas de revista, mercadinhos, bares). Descreva e quantifique.
10. Como é o entorno? Ruas, cruzamentos, comércio, residências.
11. Segurança para pedestres? Passagem com faixa, guarda de trânsito?
12. Segurança dos usuários? Módulos, Guarda Municipal ou Polícia Militar?

ANEXO – 2



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
140		10816	R NEY PACHECO X R BEATO PEDRO DONDEERS X R JORNALISTA RUBENS AVILA	CIDADE INDUSTRIAL
142		10816	R PAUL GARFUNKEL X R ANJOLILO BUZZETTI X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC)	CIDADE INDUSTRIAL
143		3740	R GUILHERME FUGMANN X R SANTO ANTONIO DO SUDOESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
148		2230	R DESEMBARGADOR CID CAMPELO III X X	CIDADE INDUSTRIAL
150		1885	R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R ANTONIO MOACIR RIBEIRO BATISTA X	CIDADE INDUSTRIAL
153		5448	R PEDRO GUSO X R PAULO CESAR DE ARAUJO KALIL X	CIDADE INDUSTRIAL
174		6000	R BEATO PEDRO DONDEERS X X	CIDADE INDUSTRIAL
292		70000	R LUIZ CARDOSO X X	CIDADE INDUSTRIAL
295		3310	R DARCI VARGAS X R PROFESSORA HILDA HANKE GONCALVES X R JOAO ALEXANDRE KOPP	CIDADE INDUSTRIAL
298		17600	PAULO ROBERTO REGO BARROS BISCAIA X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
298		17600	R ND X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
299			R ALVARES DE AZEVEDO X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC) X	CIDADE INDUSTRIAL
300		1575	R PEDRO ANDRETTA X R MARIA CORADIN GARIB X	CIDADE INDUSTRIAL
301		6300	R LAURO SCHEREIBER X R SERGIO ALESSANDRO GONCALVES X	CIDADE INDUSTRIAL
302		4480	R MUNICIPIO DE CAMPO NOVO X R NICOLAU VOROBI X R PROFESSOR OSVALDO ORMIAMIN	CIDADE INDUSTRIAL
825		12830	R DEPUTADO GABRIEL SAMPAIO X R MARIA HOMAN WISNIEWSKI X R CIDADE DE CORONEL FREITAS	CIDADE INDUSTRIAL
826		23988	R LEANDRO DACHEUX DO NASCIMENTO JUNIOR X R SALVADOR JOSE CORREIA COELHO X R CIDADE DE CURITIBA	CIDADE INDUSTRIAL
829		5484	R CIDADE DE CURITIBANOS X R ROBERT REDZIMSKI X R ERVAL VELHO	CIDADE INDUSTRIAL
830		4490	R GILDO LAZZAROTTO X R JOAO CASAGRANDE X R LUIZ CASAGRANDE	CIDADE INDUSTRIAL
832		5452	R ARARANGUA X R CHAPECO X R ALEIXO GREBOS	CIDADE INDUSTRIAL
835		6545	R DINO GABRIELLI X R PEDRO KOGUT X	CIDADE INDUSTRIAL
836			R VERONICA TRIBEK MORO X R CAPITAO BARCIMIO SICUPIRA X R ARARANGUA	CIDADE INDUSTRIAL
1048		2040	R FREI EGIDIO CARLOTTO X R JAZIEL SOTTO MAIOR LAGOS X	CIDADE INDUSTRIAL
1107		10762	R SETEMBRINO PORTELLA NETO X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(LE) X EST VELHA DO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
1121		5950	R SENADOR ACCIOLY FILHO X R DES CID CAMPELO = W839 III X	CIDADE INDUSTRIAL
1132		2697	R NICOLAU VOROBI X R DOUTOR NELSON LUIZ WOLSKI VELLOSO X R DOUTOR JOSE GUILHERME LOYOLA	CIDADE INDUSTRIAL
124	ALBERTO DA SILVA	2986	R DAVI XAVIER DA SILVA X R SILVIO ASSUMPCAO X R EURICO BITTENCOURT	CIDADE INDUSTRIAL
823	ANTONIO ALVES DA ROCHA LOURES	7200	R ROBERT REDZIMSKI X R LICERIA RODRIGUES MIRANDA X R LAURA EVANGELINA BASTOS DO VALLE	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381	R LADISLAU LUKA X X	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381	R NAO OFICIAL X X	CIDADE INDUSTRIAL
123	ARI DE SOUZA	3068	R DAVI XAVIER DA SILVA X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS X R PALMITAL	CIDADE INDUSTRIAL
358	BOSQUE DO TRABALHADOR	192015	R MANOEL VALDOMIRO DE MACEDO X X	CIDADE INDUSTRIAL
359	BOSQUE SÃO NICOLAU	20520	R DAS AGUIAS X X	CIDADE INDUSTRIAL
144	CHAIM LEIB BOIKO	1000	R HUGO MIRO X R FAUSTO PEREIRA X R MARIA CARMELINA LOPER MACANHAO	CIDADE INDUSTRIAL
127	DONIZETE CUSTÓDIO	3298	R DAVI XAVIER DA SILVA X R JOVANY SCORSIN X R GIUSEPPE ZANELLA	CIDADE INDUSTRIAL
126	ELI RIBEIRO DA SILVA	2933	R DAVI XAVIER DA SILVA X R HAMILTON MARCON X R INACIO MAXIMILIANO DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
121	ENOCH ARAÚJO RAMOS	13027	R DAVI XAVIER DA SILVA X R ORLANDO LUIS LAMARCA X	CIDADE INDUSTRIAL
128	EUCLIDES DA SILVA	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R SARGENTO MARCELINO GONCALVES FILHO X R EVANGELISTAS	CIDADE INDUSTRIAL
139	HUMBERTO BERTOLDI	4071	R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANTONIO FERNANDES DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
134	JORGE VISCA (PROFESSOR)	14867	R WILLIBALDO KAYSER X R JOSE LACERDA JUNIOR X	CIDADE INDUSTRIAL
286	JOSÉ BÓRIO	2800	R XAMBRE X R DARCI VARGAS X R DIAMANTE DO NORTE	CIDADE INDUSTRIAL
129	JOSÉ COSTA DO NASCIMENTO	2919	R ORLANDO LUIS LAMARCA X X R AROLDO COTURE	CIDADE INDUSTRIAL
797	JOSÉ FRESSATO	8536	R SARGENTO HAROLDO CORDEIRO JUNIOR X R CIDADE JARDIM OLINDA X R PIRAI DO SUL	AUGUSTA
132	LUIZ OTÁVIO LEAL	2621	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R WALFRIDO DE BRITTO X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS	CIDADE INDUSTRIAL
284	MANÉ GARRINCHA	24000	AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC) X R JOAO BETTEGA X RIO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
285	MATIAS ALENOR MARTINS	3208	R PEDRO ALEIXO X R SAO JORGE DO OESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
282	SANTA HELENA	1435	R JOSE BATISTA DOS SANTOS X R DIAMANTE DO NORTE X	CIDADE INDUSTRIAL
303	SANTA ROSA	3060	R MARIA FORTUNATA TOSIN X R EDUARDO LUIZ PIANA X R UBALDINO LEAL FONTOURA	CIDADE INDUSTRIAL
138	UNIÃO	13606	R SENADOR ACCIOLY FILHO X R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R SILVIO DUARTE	CIDADE INDUSTRIAL
291	VERDE VALE	3737	R LEOPOLDO DE LAZARI X R DORVALINO MOURA SILVA X R ARISTIDES TISSOT	CIDADE INDUSTRIAL
	Área Total	587005	50	Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
140		10816	R NEY PACHECO X R BEATO PEDRO DONDEERS X R JORNALISTA RUBENS AVILA	CIDADE INDUSTRIAL
142		10816	R PAUL GARFUNKEL X R ANJOLILO BUZZETTI X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC)	CIDADE INDUSTRIAL
143		3740	R GUILHERME FUGMANN X R SANTO ANTONIO DO SUDOESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
147		918	R JOAO MARIANO GORSKI X R JOAO SGUARIO X R SADALA AZIZ DOMINGOS	CIDADE INDUSTRIAL
148		2230	R DESEMBARGADOR CID CAMPELO III X X	CIDADE INDUSTRIAL
149		1189	R PEDRO GUSSO X R AGENOR PIERRI X R PADRE GASTON	CIDADE INDUSTRIAL
150		1885	R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R ANTONIO MOACIR RIBEIRO BATISTA X	CIDADE INDUSTRIAL
151		2920	R CICERO FRANCA X R ANGELINA TURESSO CAVALIM X	CIDADE INDUSTRIAL
152		821	AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANGELINA TURESSO CAVALIM X R ELIZIO HONORATO DOS SANTOS	CIDADE INDUSTRIAL
153		5448	R PEDRO GUSSO X R PAULO CESAR DE ARAUJO KALIL X	CIDADE INDUSTRIAL
174		6000	R BEATO PEDRO DONDEERS X X	CIDADE INDUSTRIAL
287			R ARNAUD FERREIRA VELLOSO X R ULISSES AURELIO VISINONI X	CIDADE INDUSTRIAL
288			R MARIA GRONOVICZ X R CIDADE DE CAMPOS NOVOS X	CIDADE INDUSTRIAL
292		70000	R LUIZ CARDOSO X X	CIDADE INDUSTRIAL
294		1650	R ARNAUD FERREIRA VELLOSO X X	CIDADE INDUSTRIAL
295		3310	R DARCI VARGAS X R PROFESSORA HILDA HANKE GONCALVES X R JOAO ALEXANDRE KOPP	CIDADE INDUSTRIAL
296		734	R FORMOSA DO OESTE X R DARCI VARGAS X	CIDADE INDUSTRIAL
297		1073	R ATTILIO VICELLI X R RAUL POMPEIA X R JOSE FERREIRA DA VEIGA	CIDADE INDUSTRIAL
298		17600	PAULO ROBERTO REGO BARROS BISCAIA X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
298		17600	R ND X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
299			R ALVARES DE AZEVEDO X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC) X	CIDADE INDUSTRIAL
300		1575	R PEDRO ANDRETTA X R MARIA CORADIN GARIB X	CIDADE INDUSTRIAL
301		6300	R LAURO SCHEREIBER X R SERGIO ALESSANDRO GONCALVES X	CIDADE INDUSTRIAL
302		4480	R MUNICIPIO DE CAMPO NOVO X R NICOLAU VOROBI X R PROFESSOR OSVALDO ORMIAMIN	CIDADE INDUSTRIAL
825		12830	R DEPUTADO GABRIEL SAMPAIO X R MARIA HOMAN WISNIEWSKI X R CIDADE DE CORONEL FREITAS	CIDADE INDUSTRIAL
826		23988	R LEANDRO DACHEUX DO NASCIMENTO JUNIOR X R SALVADOR JOSE CORREIA COELHO X R CIDADE DE CURITIBAN	CIDADE INDUSTRIAL
829		5484	R CIDADE DE CURITIBANOS X R ROBERT REDZIMSKI X R ERVAL VELHO	CIDADE INDUSTRIAL
830		4490	R GILDO LAZZAROTTO X R JOAO CASAGRANDE X R LUIZ CASAGRANDE	CIDADE INDUSTRIAL
832		5452	R ARARANGUA X R CHAPECO X R ALEIXO GREBOS	CIDADE INDUSTRIAL
835		6545	R DINO GABRIELLI X R PEDRO KOGUT X	CIDADE INDUSTRIAL
836			R VERONICA TRIBEK MORO X R CAPITAO BARCIMIO SICUPIRA X R ARARANGUA	CIDADE INDUSTRIAL
839		5885	R THEODORO LOCKER X X	CIDADE INDUSTRIAL
1048		2040	R FREI EGIDIO CARLOTTO X R JAZIEL SOTTO MAIOR LAGOS X	CIDADE INDUSTRIAL
1049		3900	R LYDIO PAULO BETTEGA X R MARCO CAMPOS X	CIDADE INDUSTRIAL
1106		1400	R LYDIO PAULO BETTEGA X X	CIDADE INDUSTRIAL
1107		10762	R SETEMBRINO PORTELLA NETO X AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(LE) X EST VELHA DO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
1117		6396	R EMILIO ROMANI X R ARI MANFRON X	CIDADE INDUSTRIAL
1121		5950	R SENADOR ACCIOLY FILHO X R DES CID CAMPELO = W639 III X	CIDADE INDUSTRIAL
1132		2697	R NICOLAU VOROBI X R DOUTOR NELSON LUIZ WOLSKI VELLOSO X R DOUTOR JOSE GUILHERME LOYOLA	CIDADE INDUSTRIAL
1151		200	AV JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA(EC) X X	CIDADE INDUSTRIAL
322			R DESEMBARGADOR CID CAMPELO III X R ARTHUR MARTINS FRANCO X R ATILIO VIEIRA DE MOURA	CIDADE INDUSTRIAL
135	08 DE MARÇO	2138	R PADRE LANDELL DE MOURA X R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X R SANTO ISIDORO	CIDADE INDUSTRIAL
124	ALBERTO DA SILVA	2986	R DAVI XAVIER DA SILVA X R SILVIO ASSUMPÇÃO X R EURICO BITTENCOURT	CIDADE INDUSTRIAL
125	ALCEU MILEKE	384	R JOSE LUNARDON X R ANTONIO LUZA X R EMIDIO NONATO DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
146	ANNA MEYER FRUET	900	R FRANCISCO FIDO FONTANA X R JOAO SGUARIO X	CIDADE INDUSTRIAL



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Código	Nome Área de Lazer	Área Total Ruas	Bairro	
823	ANTONIO ALVES DA ROCHA LOURES	7200	R ROBERT REDZIMSKI X R LICERIA RODRIGUES MIRANDA X R LAURA EVANGELINA BASTOS DO VALLE	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381	R LADISLAU LUKA X X	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381	R NAO OFICIAL X X	CIDADE INDUSTRIAL
123	ARI DE SOUZA	3068	R DAVI XAVIER DA SILVA X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS X R PALMITAL	CIDADE INDUSTRIAL
358	BOSQUE DO TRABALHADOR	192015	R MANOEL VALDOMIRO DE MACEDO X X	CIDADE INDUSTRIAL
834	BOSQUE ESCOLA TEUTÔNIO VILELA	65073	R ROBERT REDZIMSKI X R JOAO DEMBINSKI X	CIDADE INDUSTRIAL
359	BOSQUE SÃO NICOLAU	20520	R DAS AGUIAS X X	CIDADE INDUSTRIAL
144	CHAIM LEIB BOIKO	1000	R HUGO MIRO X R FAUSTO PEREIRA X R MARIA CARMELINA LOPER MACANHAO	CIDADE INDUSTRIAL
293	CLIOMAR SILVA DE SOUZA	262	R RAUL ZANON X R ANTONIO REINALDO ZANON X	CIDADE INDUSTRIAL
141	DESEMBARGADOR LUIZ VIEL	1133	R PADRE LANDELL DE MOURA X R JOAO CONCEICAO GUMY X R BENEDITO J F DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
133	DO EVANGELHO QUADRANGULAR	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R MARIA CECILIA AGUIAR DE TOLEDO PIZA X R DEODATO RIBAS SABOIA	CIDADE INDUSTRIAL
127	DONIZETE CUSTÓDIO	3298	R DAVI XAVIER DA SILVA X R JOVANY SCORSIN X R GIUSEPPE ZANELLA	CIDADE INDUSTRIAL
126	ELI RIBEIRO DA SILVA	2933	R DAVI XAVIER DA SILVA X R HAMILTON MARCON X R INACIO MAXIMILIANO DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
121	ENOCH ARAÚJO RAMOS	13027	R DAVI XAVIER DA SILVA X R ORLANDO LUIS LAMARCA X	CIDADE INDUSTRIAL
128	EUCLIDES DA SILVA	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R SARGENTO MARCELINO GONCALVES FILHO X R EVANGELISTAS	CIDADE INDUSTRIAL
290	GREGÓRIO PIATKOWSKI	16503	R CIDADE DE LAGUNA X R SAO MIGUEL DO OESTE X R PROFESSORA HILDA HANKE GONCALVES	CIDADE INDUSTRIAL
139	HUMBERTO BERTOLDI	4071	R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANTONIO FERNANDES DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
134	JORGE VISCA (PROFESSOR)	14867	R WILLIBALDO KAYSER X R JOSE LACERDA JUNIOR X	CIDADE INDUSTRIAL
286	JOSÉ BÓRIO	2800	R XAMBRE X R DARCI VARGAS X R DIAMANTE DO NORTE	CIDADE INDUSTRIAL
129	JOSÉ COSTA DO NASCIMENTO	2919	R ORLANDO LUIS LAMARCA X X R AROLDO COTURE	CIDADE INDUSTRIAL
797	JOSÉ FRESSATO	8536	R SARGENTO HAROLDO CORDEIRO JUNIOR X R CIDADE JARDIM OLINDA X R PIRAI DO SUL	AUGUSTA
136	LÉO ROBERTO DIETRICH	163	R MANOEL VALDOMIRO DE MACEDO X R JOAO CHEDE X	CIDADE INDUSTRIAL
130	LINO DA COSTA	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R MARINA DE SOUZA BOARD X R DOUTOR JOSE SALVADOR FERREIRA	CIDADE INDUSTRIAL
145	LUIS CARLOS MARRERO	977	R HUMBERTO CALIXTO FRUET X R PEDRO GUSO X R MARINA DE SOUZA BOARD	CIDADE INDUSTRIAL
132	LUIZ OTÁVIO LEAL	2621	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R WALFRIDO DE BRITTO X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS	CIDADE INDUSTRIAL
137	LYSANDRO SANTOS LIMA	8174	R PEDRO GUSO X R PADRE LANDELL DE MOURA X R CHRISTINA BARLETTA TUOTO	CIDADE INDUSTRIAL
284	MANÉ GARRINCHA	24000	AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC) X R JOAO BETTEGA X RIO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
285	MATIAS ALENOR MARTINS	3208	R PEDRO ALEIXO X R SAO JORGE DO OESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
122	MILTON CÉZAR DA SILVA	2586	R SERGIO CARLOS MARTINS LEAL X R DENILSON FELIPE DE LIMA X R PASTOR JOAO BATISTA CLEMENTE	CIDADE INDUSTRIAL
131	PANTELIS STERGOV ZAFIRES	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R ESTANISLAU SZAREK X R FRANCISCO PEREIRA MESQUITA	CIDADE INDUSTRIAL
343	PARQUE CAIUÁ	46000	AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC) X R MARCOS ANTONIO MALUCELLI X R PEDRO DRIESSEN FILHO	CIDADE INDUSTRIAL
344	PARQUE DIADEMA	112000	AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC) X R VALE DOS PASSAROS X R ANTONIO DIONISIO SOBRINHO	CIDADE INDUSTRIAL
342	PARQUE DOS TROPEIROS	173474	R RAUL POMPEIA X X	CIDADE INDUSTRIAL
339	PARQUE PASSAÚNA	650000	R EDUARDO SPRADA III X X	AUGUSTA
282	SANTA HELENA	1435	R JOSE BATISTA DOS SANTOS X R DIAMANTE DO NORTE X	CIDADE INDUSTRIAL
303	SANTA ROSA	3060	R MARIA FORTUNATA TOSIN X R EDUARDO LUIZ PIANA X R UBALDINO LEAL FONTOURA	CIDADE INDUSTRIAL
138	UNIÃO	13606	R SENADOR ACCIOLY FILHO X R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R SILVIO DUARTE	CIDADE INDUSTRIAL
291	VERDE VALE	3737	R LEOPOLDO DE LAZARI X R DORVALINO MOURA SILVA X R ARISTIDES TISSOT	CIDADE INDUSTRIAL

Área Total 7553752

83

Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = ESCORREGADOR DE FERRO

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
140		10816	R NEY PACHECO X R BEATO PEDRO DONDEERS X R JORNALISTA RUBENS AVILA	CIDADE INDUSTRIAL
142		10816	R PAUL GARFUNKEL X R ANJOLILO BUZZETTI X AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC)	CIDADE INDUSTRIAL
143		3740	R GUILHERME FUGMANN X R SANTO ANTONIO DO SUDOESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
147		918	R JOAO MARIANO GORSKI X R JOAO SQUARIO X R SADALA AZIZ DOMINGOS	CIDADE INDUSTRIAL
150		1885	R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R ANTONIO MOACIR RIBEIRO BATISTA X	CIDADE INDUSTRIAL
152		821	AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANGELINA TURESSO CAVALIM X R ELIZIO HONORATO DOS SANTOS	CIDADE INDUSTRIAL
153		5448	R PEDRO GUSSO X R PAULO CESAR DE ARAUJO KALIL X	CIDADE INDUSTRIAL
292		70000	R LUIZ CARDOSO X X	CIDADE INDUSTRIAL
295		3310	R DARCI VARGAS X R PROFESSORA HILDA HANKE GONCALVES X R JOAO ALEXANDRE KOPP	CIDADE INDUSTRIAL
297		1073	R ATTILIO VICELLI X R RAUL POMPEIA X R JOSE FERREIRA DA VEIGA	CIDADE INDUSTRIAL
300		1575	R PEDRO ANDRETTA X R MARIA CORADIN GARIB X	CIDADE INDUSTRIAL
302		4480	R MUNICIPIO DE CAMPO NOVO X R NICOLAU VOROBI X R PROFESSOR OSVALDO ORMIAMIN	CIDADE INDUSTRIAL
325		12830	R DEPUTADO GABRIEL SAMPAIO X R MARIA HOMAN WISNIEWSKI X R CIDADE DE CORONEL FREITAS	CIDADE INDUSTRIAL
326		23988	R LEANDRO DACHEUX DO NASCIMENTO JUNIOR X R SALVADOR JOSE CORREIA COELHO X R CIDADE DE CURITIBAN	CIDADE INDUSTRIAL
329		5484	R CIDADE DE CURITIBANOS X R ROBERT REDZIMSKI X R ERVAL VELHO	CIDADE INDUSTRIAL
332		5452	R ARARANGUA X R CHAPECO X R ALEIXO GREBOS	CIDADE INDUSTRIAL
835		6545	R DINO GABRIELLI X R PEDRO KOGUT X	CIDADE INDUSTRIAL
836			R VERONICA TRIBEK MORO X R CAPITAO BARCIMIO SICUPIRA X R ARARANGUA	CIDADE INDUSTRIAL
839		5885	R THEODORO LOCKER X X	CIDADE INDUSTRIAL
1048		2040	R FREI EGIDIO CARLOTTO X R JAZIEL SOTTO MAIOR LAGOS X	CIDADE INDUSTRIAL
1049		3900	R LYDIO PAULO BETTEGA X R MARCO CAMPOS X	CIDADE INDUSTRIAL
1107		10762	R SETEMBRINO PORTELLA NETO X AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(LE) X EST VELHA DO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
1121		5950	R SENADOR ACCIOLY FILHO X R DES CID CAMPELO = W639 IIII X	CIDADE INDUSTRIAL
1132		2697	R NICOLAU VOROBI X R DOUTOR NELSON LUIZ WOLSKI VELLOSO X R DOUTOR JOSE GUILHERME LOYOLA	CIDADE INDUSTRIAL
1151		200	AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC) X X	CIDADE INDUSTRIAL
135	08 DE MARÇO	2138	R PADRE LANDELL DE MOURA X R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X R SANTO ISIDORO	CIDADE INDUSTRIAL
124	ALBERTO DA SILVA	2986	R DAVI XAVIER DA SILVA X R SILVIO ASSUMPCAO X R EURICO BITTENCOURT	CIDADE INDUSTRIAL
146	ANNA MEYER FRUET	900	R FRANCISCO FIDO FONTANA X R JOAO SQUARIO X	CIDADE INDUSTRIAL
823	ANTONIO ALVES DA ROCHA LOURES	7200	R ROBERT REDZIMSKI X R LICERIA RODRIGUES MIRANDA X R LAURA EVANGELINA BASTOS DO VALLE	CIDADE INDUSTRIAL
123	ARI DE SOUZA	3068	R DAVI XAVIER DA SILVA X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS X R PALMITAL	CIDADE INDUSTRIAL
358	BOSQUE DO TRABALHADOR	192015	R MANOEL VALDOMIRO DE MACEDO X X	CIDADE INDUSTRIAL
834	BOSQUE ESCOLA TEUTÔNIO VILELA	65073	R ROBERT REDZIMSKI X R JOAO DEMBINSKI X	CIDADE INDUSTRIAL
144	CHAIM LEIB BOIKO	1000	R HUGO MIRO X R FAUSTO PEREIRA X R MARIA CARMELINA LOPER MACANHAO	CIDADE INDUSTRIAL
141	DESEMBARGADOR LUIZ VIEL	1133	R PADRE LANDELL DE MOURA X R JOAO CONCEICAO GUMY X R BENEDITO J F DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
127	DONIZETE CUSTÓDIO	3298	R DAVI XAVIER DA SILVA X R JOVANY SCORSIN X R GIUSEPPE ZANELLA	CIDADE INDUSTRIAL
126	ELI RIBEIRO DA SILVA	2933	R DAVI XAVIER DA SILVA X R HAMILTON MARCON X R INACIO MAXIMILIANO DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
121	ENOCH ARAÚJO RAMOS	13027	R DAVI XAVIER DA SILVA X R ORLANDO LUIS LAMARCA X	CIDADE INDUSTRIAL
128	EUCLIDES DA SILVA	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R SARGENTO MARCELINO GONCALVES FILHO X R EVANGELISTAS	CIDADE INDUSTRIAL
134	JORGE VISCA (PROFESSOR)	14867	R WILLIBALDO KAYSER X R JOSE LACERDA JUNIOR X	CIDADE INDUSTRIAL
286	JOSÉ BÓRIO	2800	R XAMBRE X R DARCI VARGAS X R DIAMANTE DO NORTE	CIDADE INDUSTRIAL
129	JOSÉ COSTA DO NASCIMENTO	2919	R ORLANDO LUIS LAMARCA X X R AROLDO COTURE	CIDADE INDUSTRIAL
797	JOSÉ FRESSATO	8536	R SARGENTO HAROLDO CORDEIRO JUNIOR X R CIDADE JARDIM OLINDA X R PIRAI DO SUL	AUGUSTA
130	LINO DA COSTA	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R MARINA DE SOUZA BOARD X R DOUTOR JOSE SALVADOR FERREIRA	CIDADE INDUSTRIAL
132	LUIZ OTÁVIO LEAL	2621	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R WALFRIDO DE BRITTO X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS	CIDADE INDUSTRIAL
137	LYSANDRO SANTOS LIMA	8174	R PEDRO GUSSO X R PADRE LANDELL DE MOURA X R CHRISTINA BARLETTA TUOTO	CIDADE INDUSTRIAL



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
284	MANÉ GARRINCHA	24000	AV JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA(EC) X R JOAO BETTEGA X RIO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
285	MATIAS ALENOR MARTINS	3208	R PEDRO ALEIXO X R SAO JORGE DO OESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
122	MILTON CÉZAR DA SILVA	2586	R SERGIO CARLOS MARTINS LEAL X R DENILSON FELIPE DE LIMA X R PASTOR JOAO BATISTA CLEMENTE	CIDADE INDUSTRIAL
131	PANTELIS STERGOV ZAFIRES	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R ESTANISLAU SZAREK X R FRANCISCO PEREIRA MESQUITA	CIDADE INDUSTRIAL
342	PARQUE DOS TROPEIROS	173474	R RAUL POMPEIA X X	CIDADE INDUSTRIAL
339	PARQUE PASSAÚNA	650000	R EDUARDO SPRADA VIII X X	AUGUSTA
282	SANTA HELENA	1435	R JOSE BATISTA DOS SANTOS X R DIAMANTE DO NORTE X	CIDADE INDUSTRIAL
303	SANTA ROSA	3060	R MARIA FORTUNATA TOSIN X R EDUARDO LUIZ PIANA X R UBALDINO LEAL FONTOURA	CIDADE INDUSTRIAL
291	VERDE VALE	3737	R LEOPOLDO DE LAZARI X R DORVALINO MOURA SILVA X R ARISTIDES TISSOT	CIDADE INDUSTRIAL
Área Total		7258697	54	Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = CANCHA DE BOCHA COBERTA

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro	
121	ENOCH ARAÚJO RAMOS	13027	R DAVI XAVIER DA SILVA X R ORLANDO LUIS LAMARCA X	CIDADE INDUSTRIAL	
139	HUMBERTO BERTOLDI	4071	R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANTONIO FERNANDES DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL	
		Área Total	17098	2	Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = CANCHA DE BOCHA DESCOBERTA

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
296		734	R FORMOSA DO OESTE X R DARCI VARGAS X	CIDADE INDUSTRIAL
		Área Total 734	1	Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = CANCHA POLIVALENTE

Código	Nome Área de Lazer	Área Total	Ruas	Bairro
335		6545	R DINO GABRIELLI X R PEDRO KOGUT X	CIDADE INDUSTRIAL
131	PANTELIS STERGOV ZAFIRES	3298	R ORLANDO LUIS LAMARCA X R ESTANISLAU SZAREK X R FRANCISCO PEREIRA MESQUITA	CIDADE INDUSTRIAL
	Área Total	9843	2	Áreas de Lazer



**** Relação de Áreas de Lazer ****

Filtro: Regional = REGIONAL CIC || Equipamento = CANCHA DE VOLEY

Código	Nome Área de Lazer	Área Total Ruas	Bairro
40		10816 R NEY PACHECO X R BEATO PEDRO DONDERS X R JORNALISTA RUBENS AVILA	CIDADE INDUSTRIAL
42		10816 R PAUL GARFUNKEL X R ANJOLILO BUZZETTI X AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC)	CIDADE INDUSTRIAL
51		2920 R CICERO FRANCA X R ANGELINA TURESSO CAVALIM X	CIDADE INDUSTRIAL
53		5448 R PEDRO GUSSO X R PAULO CESAR DE ARAUJO KALIL X	CIDADE INDUSTRIAL
92		70000 R LUIZ CARDOSO X X	CIDADE INDUSTRIAL
98		17600 PAULO ROBERTO REGO BARROS BISCAIA X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
98		17600 R ND X R ENGENHEIRO MARCOS JOSE LEWIN X	CIDADE INDUSTRIAL
302		4480 R MUNICIPIO DE CAMPO NOVO X R NICOLAU VOROBI X R PROFESSOR OSVALDO ORMIAMIN	CIDADE INDUSTRIAL
326		23988 R LEANDRO DACHEUX DO NASCIMENTO JUNIOR X R SALVADOR JOSE CORREIA COELHO X R CIDADE DE CURITIBAN	CIDADE INDUSTRIAL
329		5484 R CIDADE DE CURITIBANOS X R ROBERT REDZIMSKI X R ERVAL VELHO	CIDADE INDUSTRIAL
336		R VERONICA TRIBEK MORO X R CAPITAO BARCIMIO SICUPIRA X R ARARANGUA	CIDADE INDUSTRIAL
1107		10762 R SETEMBRINO PORTELLA NETO X AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(LE) X EST VELHA DO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
1121		5950 R SENADOR ACCIOLY FILHO X R DES CID CAMPELO = W639 \\\ X	CIDADE INDUSTRIAL
1132		2697 R NICOLAU VOROBI X R DOUTOR NELSON LUIZ WOLSKI VELLOSO X R DOUTOR JOSE GUILHERME LOYOLA	CIDADE INDUSTRIAL
323	ANTONIO ALVES DA ROCHA LOURES	7200 R ROBERT REDZIMSKI X R LICERIA RODRIGUES MIRANDA X R LAURA EVANGELINA BASTOS DO VALLE	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381 R LADISLAU LUKA X X	CIDADE INDUSTRIAL
1158	ANTONIO SEBASTIÃO DA CUNHA GEBRAN	5381 R NAO OFICIAL X X	CIDADE INDUSTRIAL
123	ARI DE SOUZA	3068 R DAVI XAVIER DA SILVA X R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS X R PALMITAL	CIDADE INDUSTRIAL
358	BOSQUE DO TRABALHADOR	192015 R MANOEL VALDOMIRO DE MACEDO X X	CIDADE INDUSTRIAL
359	BOSQUE SÃO NICOLAU	20520 R DAS AGUIAS X X	CIDADE INDUSTRIAL
127	DONIZETE CUSTÓDIO	3298 R DAVI XAVIER DA SILVA X R JOVANY SCORSIN X R GIUSEPPE ZANELLA	CIDADE INDUSTRIAL
126	ELI RIBEIRO DA SILVA	2933 R DAVI XAVIER DA SILVA X R HAMILTON MARCON X R INACIO MAXIMILIANO DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
121	ENOCH ARAÚJO RAMOS	13027 R DAVI XAVIER DA SILVA X R ORLANDO LUIS LAMARCA X	CIDADE INDUSTRIAL
128	EUCLIDES DA SILVA	3298 R ORLANDO LUIS LAMARCA X R SARGENTO MARCELINO GONCALVES FILHO X R EVANGELISTAS	CIDADE INDUSTRIAL
139	HUMBERTO BERTOLDI	4071 R CHRISTINA BARLETTA TUOTO X AV GOVERNADOR CARLOS LACERDA X R ANTONIO FERNANDES DA SILVA	CIDADE INDUSTRIAL
134	JORGE VISCA (PROFESSOR)	14867 R WILLIBALDO KAYSER X R JOSE LACERDA JUNIOR X	CIDADE INDUSTRIAL
286	JOSÉ BÓRIO	2800 R XAMBRE X R DARCI VARGAS X R DIAMANTE DO NORTE	CIDADE INDUSTRIAL
129	JOSÉ COSTA DO NASCIMENTO	2919 R ORLANDO LUIS LAMARCA X X R AROLDO COTURE	CIDADE INDUSTRIAL
797	JOSÉ FRESSATO	8538 R SARGENTO HAROLDO CORDEIRO JUNIOR X R CIDADE JARDIM OLINDA X R PIRAI DO SUL	AUGUSTA
130	LINO DA COSTA	3298 R ORLANDO LUIS LAMARCA X R MARINA DE SOUZA BOARD X R DOUTOR JOSE SALVADOR FERREIRA	CIDADE INDUSTRIAL
284	MANÉ GARRINCHA	24000 AV JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA(EC) X R JOAO BETTEGA X RIO BARIGUI	CIDADE INDUSTRIAL
285	MATIAS ALENOR MARTINS	3208 R PEDRO ALEIXO X R SAO JORGE DO OESTE X	CIDADE INDUSTRIAL
131	PANTELIS STERGOV ZAFIRES	3298 R ORLANDO LUIS LAMARCA X R ESTANISLAU SZAREK X R FRANCISCO PEREIRA MESQUITA	CIDADE INDUSTRIAL
303	SANTA ROSA	3060 R MARIA FORTUNATA TOSIN X R EDUARDO LUIZ PIANA X R UBALDINO LEAL FONTOURA	CIDADE INDUSTRIAL
138	UNIÃO	13606 R SENADOR ACCIOLY FILHO X R SEBASTIAO RIBEIRO BATISTA X R SILVIO DUARTE	CIDADE INDUSTRIAL
291	VERDE VALE	3737 R LEOPOLDO DE LAZARI X R DORVALINO MOURA SILVA X R ARISTIDES TISSOT	CIDADE INDUSTRIAL

Área Total 532082

36

Áreas de Lazer

ANEXO – 3

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
122 MILTON CÉZAR DA SILVA 1

Tipo da Área de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W551I R SERGIO CARLOS MARTINS LEAL
W551G R DENILSON FELIPE DE LIMA
W542L R PASTOR JOAO BATISTA CLEMENTE

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
S-07 2586,00

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliária Código Urbanismo
87.214.004. - 75.5.1480.240 . - PW80

Observações
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade.	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	6	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
10. EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA	1	UN	0,00	
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
27. CALÇADA	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	3	SIM	0,00	04 PÉTALAS

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
123 ARI DE SOUZA 2

Tipo da Area de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas

W538 R DAVI XAVIER DA SILVA
W551 R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS
W549I R PALMITAL

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
S-07 3068,00 7612/91 72 09/07/1991

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliaria Código Urbanismo
87.415.001. - 75.5.1150.186 . -

Observações
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.
RUA SÃO MIGUEL FEBRES CORDEIRO.
IND. FISCAL: 87.415.001 e 87.415.002.
INSC. IMOB.: 7551150186/7551140060.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade.	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	7	UN	0,00	
02.01 LIXEIRA SEPARATIVA	2	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	1250,00	25x50m
06.03 CANCHA DE VOLEY	1	UN	240,00	12x20m
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	4	SIM	0,00	

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
124 ALBERTO DA SILVA 3

Tipo da Área de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W538 R DAVI XAVIER DÃ SILVA
W549G R SILVIO ASSUMPCAO
W542G R EURICO BITTENCOURT

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
R-07 2986,00

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliária Código Urbanismo
87.426.001. - 75.5.0910.186 . - PW78

Observações
RUA TIRIAÇU - VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.
IND. FISCAL: 87.426.001 e 87.426.002.
INSC. IMOB.: 7550910186/7550900068.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	4	UN	0,00	
\ 05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
\ 05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
\ 06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	1400,00	
\ 14. GRAMA	1	SIM	0,00	
\ 15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
\ 24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
\ 28. ILUMINAÇÃO	5	SIM	0,00	

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código	Nome da Área		
125	ALCEU MILEKE 4		
Tipo da Area de Lazer	Regional	Bairro	
PRAÇA	REGIONAL CIC	CIDADE INDUSTRIAL	

Ruas
W542E R JOSE LUNARDON
W547F R ANTONIO LUZA
W547E R EMIDIO NONATO DA SILVA

Quadricula	Área Total (m2)	Numero da Lei	Data da Lei	Portaria da Criação	Data da Portaria
R-07	384,00				

Indicação Fiscal	Data Inauguração	Inscrição Imobiliaria	Código Urbanismo
87.416.002. -		75.5.0650.068 . -	PW77

Observações
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.
IND.FISCAL: 87.416.003 / 87.416.002 (PARTE ÁREA
CONSTRUÍDA). INSC IMOB.: 7550650068/75506500
68.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade.	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	1	UN	0,00	
\05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
\05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
\14. GRAMA	1	SIM	0,00	
\15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
\24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
\28. ILUMINAÇÃO	1	SIM	0,00	4 PÉTALAS

Código 128 Nome da Área EUCLIDES DA SILVA 7

Tipo da Area de Lazer PRAÇA Regional REGIONAL CIC Bairro CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W536 R ORLANDO LUIS LAMARCA
W545A R SARGENTO MARCELINO GONCALVES FILHO
W545B R EVANGELISTAS

Quadricula	Área Total (m2)	Numero da Lei	Data da Lei	Portaria da Criação	Data da Portaria
R-07	3298,00	9.576	15/06/1999		

Indicação Fiscal	Data Inauguração	Inscrição Imobiliaria	Código Urbanismo
87.429.001. -		75.5.0150.186 . -	PW75A

Observações
RUA FRANCISCO DOMINGOS JUGLAIR
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.
IND. FISCAL: 87.429.001 e 87.429.002.
INSC. IMOB.: 7550150186/7550160064.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade.	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	1	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	600,00	30x20m
06.03 CANCHA DE VOLEY	1	UN	240,00	12x20m
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	3	SIM	0,00	04 PÉTALAS

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
129 JOSÉ COSTA DO NASCIMENTO ⚡

Tipo da Area de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W536 R ORLANDO LUIS LAMARCA

W528D R AROLDO COTURE

Quadrícula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
R-07 2919,00

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliaria Código Urbanismo
87.430.001. - Data Inauguração Inscrição Imobiliaria 75.5.0430.186 . - Código Urbanismo PW49

Observações
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.
FALTA ÁREA E VERIFICAR RUA JOÃO BAPTISTA.
IND. FISCAL: 87.430.002 e 87.430.002.
INSC.IMOB.: 7550430186/7550440066.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade.	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	5	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	1081,00	23x47m
06.03 CANCHA DE VOLEY	1	UN	240,00	12x20m
11.01 ALAMBRADO 2M	1	M2	196,00	98x2m
11.02 ALAMBRADO 4M	1	M2	276,00	69x4m
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	4	SIM	0,00	04 PÉTALAS

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
131 PANTELIS STERGOV ZAFIRES 10

Tipo da Area de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W536 R ORLANDO LUIS LAMARCA
W549B R ESTANISLAU SZAREK
W549C R FRANCISCO PEREIRA MESQUITA

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
R-07 3298,00 9.156 08/10/1997

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliaria Código Urbanismo
87.417.002. - Data Inauguração Inscrição Imobiliaria Código Urbanismo
75.5.0930.228 . - PW79A

Observações
RUA HAMILTON TABORDA RIBAS.
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.02 BANCO DE TRONCO	7	UN	0,00	
\05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
\05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
\05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
\06.03 CANCHA DE VOLEY	1	UN	200,00	20x10m
\06.08 CANCHA POLIVALENTE	1	UN	0,00	
11.02 ALAMBRADO 4M	1	M2	72,00	18x4m
\14. GRAMA	1	SIM	0,00	
\15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
\24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
\28. ILUMINAÇÃO	7	SIM	0,00	

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
132 LUIZ OTÁVIO LEAL 11

Tipo da Área de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W536 R ORLANDO LUIS LAMARCA
W549E R WALFRIDO DE BRITTO
W551 R DURVALINA PURFIRIA DOS SANTOS

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
S-07 2621,00

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliária Código Urbanismo
87.418.001. - - 75.5.1160.186 . - PW79

Observações
RUA TITO GALVÃO FILHO - VILA N.SRA. DA LUZ.
IND. FISCAL: 87.418.001 e 87.418.002.
INSC. IMOB.: 7551160186/7551170060.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.01 BANCO DE MADEIRA	5	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	3	UN	0,00	01 FERRO/ 02 MANILHA
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
05.03 TREPA TREPA DE FERRO	1	UN	0,00	
06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	875,00	35x25m
10. EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA	1	UN	0,00	
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
27. CALÇADA	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	6	SIM	0,00	04 PÉTALAS

**** FICHA DE ÁREA DE LAZER ****

Código Nome da Área
121 ENOCH ARAÚJO RAMOS CENTRAL

Tipo da Área de Lazer Regional Bairro
PRAÇA REGIONAL CIC CIDADE INDUSTRIAL

Ruas
W538 R DAVI XAVIER DA SILVA
W536 R ORLANDO LUIS LAMARCA

Quadricula Área Total (m2) Numero da Lei Data da Lei Portaria da Criação Data da Portaria
R-07 13027,00

Indicação Fiscal Data Inauguração Inscrição Imobiliária Código Urbanismo
87.324.002. - 75.5.0440.486 . - PW51

Observações
VILA NOSSA SENHORA DA LUZ.

**** EQUIPAMENTOS DA ÁREA DE LAZER ****

Código Equipamento	Qtidade	Unidade	Área (m2)	Complemento
01.01 BANCO DE MADEIRA	21	UN	0,00	
02.01 LIXEIRA SEPARATIVA	11	UN	0,00	FERRO
04.01 MESA DE XADREZ	2	UN	0,00	
05.01 ESCORREGADOR DE FERRO	1	UN	0,00	
05.02 GANGORRA DE FERRO	1	UN	0,00	
06.01 CANCHA DE FUTEBOL DE AREIA	1	UN	2700,00	60x45m
06.03 CANCHA DE VOLEY	1	UN	240,00	12x20m
06.04 CANCHA DE MALHA	1	UN	0,00	PADRÃO
06.06 CANCHA DE BOCHA COBERTA	1	UN	0,00	PADRÃO
10. EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA	1	UN	0,00	
11.01 ALAMBRADO 2M	1	M2	240,00	12x20m
11.02 ALAMBRADO 4M	1	M2	584,00	146x4m
14. GRAMA	1	SIM	0,00	
15. CICLOVIA	1	SIM	0,00	
24. ÁRVORE	1	SIM	0,00	
25. CANTEIRO	1	SIM	0,00	
28. ILUMINAÇÃO	9	SIM	0,00	4 PÉTALAS / 3 e 4 REFLETORES
30. ARQUIBANCADA EM CONCRETO	1	UN	0,00	

APÊNDICE – 1

Roteiro para entrevista com usuários das praças.

Dados pessoais

1. Nome
2. Qual sua faixa etária?
3. Qual seu nível de instrução?
4. Qual sua principal ocupação?
5. Sexo
6. Onde mora (bairro)?

Entrevista

7. Com que frequência e horários você utiliza esses espaços e equipamentos (as praças)? Com qual finalidade vem aqui?
8. Qual(is) equipamento(s) que utiliza?
9. Você poderia me contar um pouco mais sobre a sua forma de utilizar os espaços e equipamentos? Quanto tempo costuma permanecer?
10. O que mais gosta?
11. O que gostaria que tivesse?
12. Quais são as pessoas que frequentam os espaços e equipamentos quando você está lá?
13. Costuma vir acompanhado(a)? Costuma se encontrar com outras pessoas que conhece aqui? Já conheceu alguém vindo à praça?
14. Se eu fosse um morador novo aqui na Vila e lhe perguntasse quem utiliza os espaços e equipamentos de esporte e lazer nos diferentes horários e dias da semana, o que você me diria?
15. Como percebe as condições (estrutura) da praça?
16. Quais os problemas e dificuldades encontradas para a utilização dos espaços e equipamentos?
17. Com relação à segurança, o que você poderia me dizer?
18. O que você pensa da manutenção dos espaços e dos equipamentos dessa praça?
19. Se você tivesse poder de mudar os espaços e equipamentos de esporte e lazer aqui da Vila, o que você mudaria?
20. Você conhece as atividades ofertadas nas praças?
21. Participa de alguma atividade organizada por algum órgão ligado à este lugar?
22. Existe associação de moradores no bairro? Você participa? Poderia me contar um pouco mais sobre a sua participação dentro da associação?
23. Quais são as atividades pensadas para a comunidade (tanto das associações como da prefeitura de Curitiba) no que se refere ao esporte e lazer? Você participa? Se não por que não? Que dificuldade você encontra? Se participa, o que você mais gosta?
24. Você poderia dizer algo que considere importante para minha pesquisa e que não foi perguntado?

ROTEIRO DE ENTREVISTA – Gestão pública

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

Praças de Curitiba em Geral

1. Qual é o processo de criação de uma praça?
2. Há algum modelo pré-estabelecido?
3. Há algum tipo de classificação para as praças?
4. Qual a finalidade das praças para o IPPUC?
5. Ao ser criada uma praça o que se espera que aconteça?
6. Quem define o nome, a localização, o mobiliário e os equipamentos das praças?
7. Como é realizada a manutenção das praças? Depois de sua implantação a manutenção continua sob responsabilidade do IPPUC?
8. Há algum projeto ou programa de revitalização ou manutenção das praças? É de responsabilidade do IPPUC?
9. A opinião da comunidade do entorno é considerada durante o processo de criação e/ou revitalização de uma praça?
10. Neste caso é feita alguma consulta ou pesquisa?
11. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para o IPPUC e para a cidade?

Praças da Vila Nossa Senhora da Luz

1. Quem desenhou a estrutura da Vila Nossa Senhora da Luz? Quando?
2. Quem desenvolveu a planta da Vila?
3. Como o IPPUC enxerga as praças da Vila?
4. A partir de que momento foram criados os equipamentos sociais presentes na praça 1 e na praça 4? E qual(is) o(s) critério(s) para a escolha das praças?
5. Em duas praças (9 e 12) existem igrejas, como elas obtiveram a liberação para sua construção?
6. A partir de quando as praças foram revitalizadas apresentando as mesmas características?
7. Qual foi o envolvimento da comunidade para que isso ocorresse?
8. Quais equipamentos e mobiliário foram colocados ou retirados (substituídos) na revitalização? Por quê?

Secretaria Municipal do Meio Ambiente - SMMA

Praças de Curitiba em Geral

1. Como é realizada a manutenção das praças? A que critérios obedecem?
2. Há algum projeto ou programa de revitalização ou manutenção das praças?
3. A opinião da comunidade do entorno é considerada durante o processo de criação e/ou revitalização de uma praça?
4. Neste caso é feita alguma consulta ou pesquisa?
5. No caso dos equipamentos, quem determina quais e onde serão colocados?
6. Estes equipamentos seguem algum padrão pré-estabelecido?
7. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para o SMMA e para a cidade?

Praças da Vila Nossa Senhora da Luz

1. Como essas praças são vistas pela SMMA?
2. A partir de quando as praças foram revitalizadas apresentando as mesmas características?
3. Qual foi o envolvimento da comunidade para que isso ocorresse?
4. Houve pesquisa ou seguiu critérios pré-estabelecidos?
5. Quais equipamentos e mobiliário foram colocados ou retirados (substituídos) na revitalização? Por quê?

Secretaria Municipal de Esporte e Lazer - SMEL

Praças de Curitiba em Geral

1. Quais são os programas desenvolvidos nas praças de Curitiba pela SMEL?
2. Com que frequência e com qual finalidade?
3. Como é escolhida a praça para que possua uma unidade da SMEL?
4. Os equipamentos existentes nas praças são de responsabilidade da SMEL? E quanto à escolha destes equipamentos?
5. Qual a forma de participação da comunidade nos programas?
6. Para a elaboração destes programas é realizada alguma consulta ou pesquisa com a comunidade?
7. Existem parcerias público-privadas nestes espaços?
8. Quais são as dificuldades enfrentadas pela SMEL nas praças?
9. Existe alguma praça que tenha mais destaque, como se fosse um símbolo ou marco para o SMMA e para a cidade?

Praças da Vila Nossa Senhora da Luz

1. Como é a ligação da comunidade com a SMEL, nas praças?
2. Há algum tipo de solicitação por parte dos usuários?
3. Como são atendidas essas solicitações?
4. Há algum programa ou projeto pensado para as diferentes praças?
5. Quem são os representantes da SMEL nestas praças, e quais suas funções ou ocupações?
6. Existem parcerias público-privadas para estas praças?
7. Hoje a CIC é uma regional, no entanto não há uma rua da cidadania ou um local específico para a construção de equipamentos de esporte e lazer. Dessa forma, por que não é implementado um Centro de Esporte e Lazer (CEL) na Praça Central da Vila?

APÊNDICE – 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável:

Profª Dra. Simone Rechia,
Prof. Felipe Sobczynski Gonçalves
Fone: (41) 9915-0857.

Endereço: R. Carlos Klemtz, 1410, Bl. 21, ap. 04. Bairro: Fazendinha. Curitiba-PR

E-mail: fe.lipinho@bol.com.br

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo "ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS COMO POSSIBILIDADE DE APROPRIAÇÃO NO TEMPO/ESPAÇO DE LAZER: O CASO DA VILA NOSSA SENHORA DA LUZ". Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Caso haja qualquer dúvida sobre o estudo, pergunte ao pesquisador que lhe entregou este documento.

▪ OBJETIVOS DO ESTUDO

Este estudo tem como objetivo compreender o projeto arquitetônico da Vila Nossa Senhora da Luz estabelecendo relação com os espaços atuais destinados às experiências das práticas corporais no tempo/espaço de lazer.

Verificar como as políticas públicas são pensadas no que diz respeito à acessibilidade, manutenção e supervisão dos espaços e equipamentos que compõem as diferentes praças.

▪ PROCEDIMENTOS

Para efetivarmos o estudo, buscaremos compreender qual é o processo de criação de uma praça, qual é a sua finalidade, se há algum modelo pré-estabelecido, se há alguma classificação para as praças, além de entender quem define a localização, os mobiliários e os equipamentos, quem é responsável pela manutenção e quem desenvolve programas de esporte e lazer nas mesmas. Por meio de entrevistas semi-estruturadas. A entrevista, elaborada pelo pesquisador, poderá ser gravada, respeitando-se completamente o anonimato do entrevistado. Assim que a pesquisa termine, as gravações serão deletadas.

▪ PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é voluntária e você terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete em qualquer prejuízo para você.

▪ GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

▪ ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo.

Diante do exposto acima eu, _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participar de livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sinto pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

Sujeito

Felipe S. Gonçalves
Pesquisador

RG:

RG: 6.396.005-5

Comitê de Ética em Pesquisa
Setor de Ciências da Saúde/UFPR

TCELE aprovado na
reunião de 08/08/07

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável:

Profª Dra. Simone Rechia,
Prof. Felipe Sobczynski Gonçalves

Fone: (41) 9915-0857. Endereço: R. Carlos Klemtz, 1410, Bl. 21, ap. 04. Bairro: Fazendinha. Curitiba-PR

E-mail: fe.lipinho@bol.com.br

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo "ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS COMO POSSIBILIDADE DE APROPRIAÇÃO NO TEMPO/ESPAÇO DE LAZER: O CASO DA VILA NOSSA SENHORA DA LUZ". Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Caso haja qualquer dúvida sobre o estudo, pergunte ao pesquisador que lhe entregou este documento.

▪ OBJETIVOS E BENEFÍCIO DO ESTUDO

Este estudo se propõe a observar como a comunidade utiliza os espaços destinados às experiências das práticas corporais no tempo/espaço de lazer, identificando como ocorre a utilização a partir dos grupos sociais constituídos, apontando quais são as práticas corporais vivenciadas no dia-a-dia daquela comunidade.

Em outras palavras, nosso objetivo é saber como a comunidade utiliza os espaços e equipamentos que fazem parte das diferentes praças, observando quais são as atividades desenvolvidas tanto individualmente quanto em grupos.

Este estudo pode contribuir para a efetivação de políticas públicas pensadas para a Vila Nossa Senhora da Luz, trazendo melhorias para a comunidade no que diz respeito à segurança, acessibilidade, manutenção e supervisão das praças.

▪ PROCEDIMENTOS

Para efetivarmos o estudo, buscaremos compreender como ocorreu o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos de lazer e esporte na Vila. Observaremos como ocorre a utilização desses ambientes e quais são as práticas corporais vivenciadas pela comunidade. Para isso, realizaremos observações e entrevistas semi-estruturadas com as pessoas que utilizam as praças. A entrevista, elaborada pelo pesquisador, poderá ser gravada, respeitando-se completamente o anonimato do entrevistado. Assim que a pesquisa termine, as gravações serão deletadas.

Dessa forma, sua participação na pesquisa acaba sendo fundamental para o avanço do entendimento e esclarecimento da relevância destes espaços para vivências significativas no âmbito do lazer e esporte.

▪ PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é voluntária e você terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete em qualquer prejuízo para você.

▪ GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

▪ ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo.

Diante do exposto acima eu, _____ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participar de livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

sujeito RG:

Felipe S. Gonçalves (Pesquisador) RG: 6.396.005-5

